

LUÍS I. C. AMARAL

A CONCORDÂNCIA VERBAL DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
EM PELOTAS E SUAS IMPLICAÇÕES LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte de sua avaliação para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. ANA MARIA STAHL ZILLES

Porto Alegre
2003

“La pucha que trae liciones
El tiempo con sus mudanzas!”

José Hernández¹

¹ HERNÁNDEZ, José. *Martin Fierro*. Madrid : Espasa-Calpe, 1983, p.60.

À
SOCIEDADE BRASILEIRA
(que financiou)

à
COMUNIDADE PELOTENSE
(que justificou)

ofereço

A
BEATRIZ
por me fazer feliz

a
ANA ZILLES
pela paciência
e pela ciência

dedico

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o resultado de contribuições inestimáveis oferecidas por muitos colegas, amigos e familiares. Agradeço a essas pessoas pelas generosas sugestões, críticas, *insights*, recomendações, pontos de vista e pelo suporte emocional, que foram fundamentais à conclusão deste trabalho.

Agradeço, em especial,

a
GREGORY GUY

a
PAULO BORGES
GIANE JUCOSKI
CAROLINA PERES
(VarX)

a
NEIVA JUNG
GÖZ KAUFMANN
CLÉO ALTENHOFEN
LUCIENE SIMÕES
PEDRO GARCEZ
CANÍSIO SCHER
MÁRCIA
(Pós-Graduação em Letras da UFRGS)

a
CARMEM MATZENAUER
EDAIR GORSKI
ODETE MENON
LOREMI LOREGIAN-PENKAL

a
IZABEL AMARAL
MARÍLIA OSTROWSKI
JOÃO NETO
LÍLIA PEREIRA

a
ANNE MOOR
GUIDO FERNANDES
IZABELLA MOZZILLO
ANA RUTH MIRANDA
(Departamento de Letras)

a
EDITH BARRETO
NÓRIS DUARTE
WANIA BRAUNER
(a quem meu afastamento impôs sacrifícios)

a
ZAIRA e LUIZ AMARAL
(meus pais)

CARMEM e JOSÉ Fco. PEREIRA
(meus sogros)

a meus
IRMÃOS e IRMÃS
CUNHADOS e CUNHADAS

a
PAULO e ZELANDI

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
1 A INTRODUÇÃO	13
1.1 A cidade de Pelotas	17
1.2 A estrutura do trabalho	25
2 A REVISÃO DE LITERATURA	30
2.1 A estratificação social por princípios econômicos	31
2.1.1 A Econolingüística	37
2.1.2 A estratificação social por princípios econômico-culturais	39
2.2 A estratificação social por princípios profissionais e ocupacionais	47
2.3 A concordância	53
2.3.1 A concordância verbal em Guy (1981)	56
2.3.2 A concordância verbal de segunda pessoa do singular	62
3 A METODOLOGIA	70
3.1 A construção do <i>corpus</i>	70
3.1.1 Os informantes	71
3.1.2 Os critérios	76
3.1.3 Os dados de fala	78
3.2 Os questionários	80
3.2.1 Os dados de identificação	81
3.2.2 A profissão e a ocupação	82
3.2.3 A escolaridade	84
3.2.4 A orientação	86
3.2.5 O papel social	88
3.2.6 A atitude	89
3.2.7 A situação socioeconômica	90
3.3 Os procedimentos de análise	94
3.4 O envelope de variação	95
3.4.1 A variável dependente	96
3.4.2 As variáveis lingüísticas	97
3.4.2.1 As variáveis lingüísticas de base morfofonológica	98
3.4.2.1.1 A saliência fônica	98
3.4.2.1.2 O tempo verbal	102
3.4.2.1.3 A forma de apresentação do verbo	103
3.4.2.1.4 A vogal temática do verbo	104
3.4.2.1.5 A tonicidade	105
3.4.2.2 As variáveis lingüísticas de base sintática	106
3.4.2.2.1 O tipo de sujeito	106
3.4.2.2.2 O paralelismo formal	108
3.4.2.2.3 A classificação da oração no período	110

3.4.2.2.4 O tipo de sentença	111
3.4.2.2.5 A posição na frase	111
3.4.2.3 As variáveis lingüísticas de base estilístico-discursiva	112
3.4.2.3.1 O discurso reportado	112
3.4.2.3.2 A simetria das relações	115
3.4.2.3.3 O assunto	116
3.4.2.3.4 A focalização: <i>foreground</i> ou <i>background</i>	117
3.4.3 As variáveis sociais	119
3.4.3.1 As três classes sociais de base	119
3.4.3.2 O gênero	121
3.4.3.3 A faixa etária	121
4 OS RESULTADOS	123
4.1 As rodadas preliminares	123
4.2 A rodada geral	125
4.2.1 As variáveis lingüísticas	126
4.2.1.1 O paralelismo formal	126
4.2.1.2 O tipo de sujeito	135
4.2.1.3 A saliência fônica	139
4.2.1.4 O discurso reportado	142
4.2.1.5 O tipo de sentença	144
4.2.2 As variáveis sociais	146
4.2.2.1 A faixa etária	147
4.2.2.2 A classe social	149
4.2.2.2.1 Os outros indicadores sociais retirados do questionário prévio	155
4.2.2.3 O gênero	163
4.2.2.4 As rodadas especiais	165
4.2.2.4.1 As rodadas especiais com seis faixas etárias	166
4.2.2.4.2 As rodadas especiais com o cruzamento 'faixa etária' e 'gênero'	169
4.2.2.4.3 As rodadas especiais com o cruzamento das variáveis 'faixa etária' e 'classe social'	171
4.2.2.4.4 As rodadas especiais com o cruzamento de 'classe social' e 'gênero' ..	174
4.2.2.4.5 As rodadas especiais com cinco classes sociais	175
5 A CONCLUSÃO	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
ANEXO	

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição dos informantes pelas dimensões sociais ‘gênero’, ‘classe social’ e ‘faixa etária’ no VarX (Pelotas)	72
TABELA 2 – O paralelismo formal e sua relação com a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular segundo Loregian (1996, p. 47) . . .	109
TABELA 3 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘paralelismo formal’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	133
TABELA 4 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘tipo de sujeito’ (aplicações, total de ocorrências e percentuais) . . .	136
TABELA 5 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e sua relação com o ‘tipo de sujeito’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	138
TABELA 6 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a ‘saliência fônica’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	140
TABELA 7 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a ‘saliência fônica’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	142
TABELA 8 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘discurso reportado’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	143
TABELA 9 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘tipo de sentença’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	145
TABELA 10 – A importância dos componentes ‘Zona de residência’, ‘Escolaridade’ e ‘Ocupação’ para a definição de Classe Social no VarX – Pelotas (taxas de aplicação, totais de ocorrências, percentuais, pesos relativos e margem de erro)	150
TABELA 11 – Distribuição definitiva dos informantes do VarX (Pelotas) na variável ‘classe social’ neste trabalho de concordância de segunda pessoa do singular	153
TABELA 12 – Escolaridade do informante e de seus pais no VarX (Pelotas) por classe social (em percentuais)	155
TABELA 13 – Hábitos de consumo do informante e patrimônio e renda familiar do informante no VarX (Pelotas) por classe social (em percentuais) . . .	157
TABELA 14 – Atitude dos informantes do VarX (Pelotas) por classe social em relação a pelotenses e a porto-alegrenses (em percentuais)	159
TABELA 15 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a variável ‘gênero’ no VarX (Pelotas) (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	164
TABELA 16 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e os resultados relativos a seis faixas etárias (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	166
TABELA 17 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e as variáveis e fatores por ordem de seleção pelo Varbrul na rodada com cinco classes sociais (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)	179

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Comparativo entre as cidades mais populosas do RS, com relação à massa salarial paga pelos setores mais importantes (em percentuais)	23
ILUSTRAÇÃO 2 – Divisão das classes sociais com ocupações gerais correlatas	48
ILUSTRAÇÃO 3 – Ordem de seleção das variáveis pelo Varbrul no trabalho de Loregian, (1996), quando as localidades foram consideradas como amostras diferentes	64
ILUSTRAÇÃO 4 – Percentuais de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular por faixa etária em Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha segundo Loregian (1996, p. 105)	65
ILUSTRAÇÃO 5 – Informantes do VarX a partir das dimensões sociais <i>gênero, classe social e faixa etária</i>	72
ILUSTRAÇÃO 6 – Zonas de residência dos informantes do VarX e pontos de coleta de dados “©” em Pelotas, RS	73
ILUSTRAÇÃO 7 – Distribuição dos informantes da dimensão <i>classe social</i> por zona de residência, escolaridade e ocupação no VarX	75
ILUSTRAÇÃO 8 – Formulário de entrada dos dados para análise no Varbrul . . .	95
ILUSTRAÇÃO 9 – Todas as aplicações de concordância de segunda pessoa do singular retiradas do VarX cuja codificação foi “T – verbos de uma seqüência com todas as marcas de concordância”	130
ILUSTRAÇÃO 10 – Relação entre taxas de paralelismo formal aplicadas a seqüências com e sem concordância de segunda pessoa do singular (em percentuais)	131
ILUSTRAÇÃO 11 – Quadro com os fatores da variável paralelismo formal, seus respectivos códigos e exemplos	133
ILUSTRAÇÃO 12 – Aplicação de concordância por faixa etária, considerados os pesos relativos e percentuais atribuídos a três faixas	148
ILUSTRAÇÃO 13 – Aplicação de concordância por classe social (em percentuais)	154
ILUSTRAÇÃO 14 – Aplicação de concordância por idade e gênero (em percentuais)	167
ILUSTRAÇÃO 15 – Concordância de segunda pessoa do singular por faixas etárias e faixas de percentuais de aplicação	168
ILUSTRAÇÃO 16 – Percentuais de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular por faixa etária e gênero	170
ILUSTRAÇÃO 17 – Percentuais de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular por idade e classe social	171
ILUSTRAÇÃO 18 – Percentuais de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular por classe social e gênero	175
ILUSTRAÇÃO 19 – Características socioeconômicas dos informantes do VarX quando divididos em cinco classes sociais	177
ILUSTRAÇÃO 20 – Percentuais e pesos relativos de aplicação de concordância em cinco classes sociais	180

RESUMO

Proponho, com este trabalho, uma análise da variação da manutenção da marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas (RS). Considero, para tanto, os aspectos lingüísticos e, sobretudo, os aspectos sociais dessa variação. Almejo, assim, auxiliar na descrição de fenômenos de concordância verbal. Apóio esta análise na Teoria da Variação Laboviana e em visões de classes sociais que levam em conta princípios socioeconomicistas, marxistas, econolingüísticos, ocupacionais e das condições estruturais de manutenção das desigualdades sociais. Analisei dados de concordância de segunda pessoa do singular em noventa entrevistas do Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social – VarX – que foram realizadas em Pelotas (RS) em 2000 e 2001. O VarX possui uma divisão equilibrada de informantes por gênero, faixa etária e classe social. Das entrevistas realizadas na casa do informante, afloram falas espontâneas sobre histórias familiares, peripécias do passado. Utilizei, para a análise dos dados, metodologia quantitativa com base na *interface* Windows para o Varbrul e em formulário de codificação de dados. Além dos dados de fala do VarX, utilizei como fonte de pesquisa o Questionário do VarX e os resultados do Censo 2000 do IBGE. Os resultados, com relação à concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas, apontam na direção de que: ocorra apagamento variável da desinência número-pessoal em virtude de uma regularização do paradigma verbal em que são privilegiadas formas neutras; o apagamento da marca de segunda pessoa do singular sofra influência de condicionadores lingüísticos (saliência fônica, interlocução entrevistado/entrevistador, ausência do pronome-sujeito e tipo de frase) e sociais (há indícios de que: a utilização de marca tenha prestígio, mas sua não-utilização não sofra estigma; o fenômeno esteja em fase de consolidação e se configure como uma mudança lingüística quase completada; as mulheres resistam ao processo de apagamento da marca de concordância mais do que homens).

ABSTRACT

This work contains an analysis of variation of singular second person agreement in Pelotas (Brazil). I consider linguistic and social aspects of this variation. So, this is a contribution to the description of the verbal agreement. This analysis is supported by the Variation Theory proposed by William Labov and supported by the definitions of social classes that take into account principles based on socioeconomic, Marxist, econolinguistic, and occupational theories, and depending on the structural conditions of social inequalities maintenance. I analyzed singular second person agreement's data in ninety interviews from VarX (bank of sociolinguistic variable data of social classes) recorded in Pelotas in 2000 and 2001. VarX separates the informants by sex, age and social class. From the interviews spontaneous speech about family's stories and past adventures comes forth. I used quantitative methodology based on a Windows interface to Varbrul and in a form of data codification. The results indicate that: there is a variable elision of the singular second person marker caused by the verbal paradigm regularization that privileges neutral forms; the elision of this marker is influenced by linguistic and social conditioners. There are indications that: the use of singular second person marker has prestige, but its nonuse isn't stigmatized; the phenomenon is a linguistic change nearing conclusion; the women resist to the agreement marker's elision process more than men.

1 A INTRODUÇÃO

Neste trabalho estão contidas algumas de minhas concepções de mundo, de língua, de lingüística e de sociolingüística. E essas concepções estão expressas através de um texto que busca a clareza e a profundidade, para permitir que o leitor possa realizar julgamentos da adequação dos meus posicionamentos. Embora seja grande o espaço que dedico à descrição dos resultados quantitativos, é meu desejo que a máxima atenção seja dada à interação desses resultados com o que há de informação qualitativa. É a abordagem a esta informação que revela meu envolvimento com as questões sociolingüísticas, minha ideologia, minhas idiossincrasias e que tira do texto (eu acredito) seu traço de mero 'relatório de pesquisa'. Por tal motivo (e porque é a forma enfática e comprometida de dizer) este texto estará escrito em primeira pessoa do singular.

No presente trabalho, proponho uma análise da variação da aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas (RS). Esta análise aborda os aspectos lingüísticos e, sobretudo, os aspectos sociais do fenômeno.

Dentre meus objetivos, estou a procurar uma explicação para as diferentes aplicações de concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas. Julgo, para tanto, que algumas características sociais associadas a esse fenômeno contêm explicações para as suas diferenças lingüísticas. É importante destacar que não desejo explicar o funcionamento da comunidade pelotense, mas tentar entender de que maneira esse tipo de concordância se correlaciona às estruturas sociais da cidade.

Este é um estudo complementar aos desenvolvidos por Ana Zilles (e por

pesquisadores por ela orientados) sobre concordância verbal, principalmente em dados do Varsul. Com o estudo da concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas, tenho a oportunidade de contribuir para a descrição do português brasileiro, principalmente da variedade herdada de tropeiros paulistas dos séculos XVII e XVIII.

Os remanescentes lingüísticos da região no extremo sul do Brasil, que era rota dos tropeiros, incluem o uso do pronome 'tu' como modo prioritário de dirigir-se ao interlocutor, como forma de segunda pessoa do singular². A utilização variável de marca de concordância de segunda pessoa do singular nessa região está documentada no ALERS³, que atribui à metade sul do Rio Grande do Sul o lugar por excelência dessa utilização.

Além dessa justificativa histórica para a atribuição de tal marca, pode haver outras. Uma delas pode ser uma atitude lingüística motivada por desejo de delimitação do espaço. Também pode ser atitude lingüística motivada por desejo de delimitação de classes sociais. Uma outra possibilidade é a de a marca de concordância ser vista por pessoas de fora da comunidade como indicativo de 'cultura' e, assim, ajudar na sua manutenção.

Alguns trabalhos têm sido realizados nos últimos anos sobre a concordância verbal de segunda pessoa do singular no Brasil. Quase todos utilizam, em alguma medida, uma abordagem variacionista. Este meu estudo vale-se das informações alcançadas por esses trabalhos, contudo, procuro analisar também outras possíveis influências e contextos de aplicação. Assim, este trabalho inclui um estudo sistematizado da influência das classes sociais (organizadas por renda, patrimônio,

² Acredito que (a partir de observação assistemática da fala pelotense) além do pronome 'tu', usa-se ainda (com menos freqüência) a forma 'senhor(a)' para indicar 'respeito' em situações assimétricas. O uso de 'você' é bastante raro; quando o há, são delimitados papéis entre interlocutores, o que denota o desejo de 'não ser invasivo' (quando acontece, é, mais das vezes, utilizado por vendedores em abordagens a clientes). Há, também, registros escritos do uso de 'vancê' (até o Século XIX nesta região) em tratamento cerimonioso em relações simétricas.

³ Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, Altenhofen (In: Vandresen, 2002, p.144).

zona de residência, escolaridade, profissão e ocupação do informante⁴). Além disso, proponho-me a testar algumas variáveis lingüísticas que ainda não foram suficientemente testadas.

É meu propósito também verificar se é procedente a expectativa de Guy (1987) de que o comportamento de classes sociais em sociedades industrializadas é provavelmente diferente no terceiro mundo, onde predominam atividades ligadas ao setor primário.

Utilizei as noventa entrevistas do Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social – Varx, para o desenvolvimento deste trabalho. Orientei-me pelas hipóteses de que a concordância verbal de segunda pessoa do singular com o pronome ‘tu’ é variável na fala dos entrevistados e de que há baixíssima utilização da forma ‘você’ nos dados do VarX. Além dessas, destacam-se:

A – é motivada por condições sociais de produção do discurso dos informantes pelotenses;

A₁ – está associada à situação econômica dos entrevistados, isto é, à renda e ao patrimônio familiar e ao bairro de residência: quanto maiores os índices de riqueza, maior a taxa de concordância;

A₂ – está associada à profissão e à ocupação dos informantes: quanto mais prestigiadas socialmente as profissões, maior a taxa de concordância;

A₃ – está associada ao nível de escolarização dos informantes, de seus pais ou de seus filhos: quanto maior a escolaridade e quanto maior o tempo de exposição à ‘língua da escola’, maior a taxa de

⁴ Além dessas dimensões, também é possível medir: hábitos de consumo (alimentos e roupas), bens (automóvel, telefone, empregada doméstica); escolaridade dos pais, escolaridade dos filhos, tempo de permanência na escola; hábitos culturais (formas e locais de lazer preferidos, frequência e tipo de leitura); integração ao bairro e à cidade (tempo de moradia, satisfação com as relações vicinais).

concordância;

A₄ – está associada aos tipos de bens culturais que o informante valoriza, principalmente ao acesso a ambientes típicos de cada classe: quanto maior o acesso a ambientes valorizados pelas classes mais altas, maior a taxa de concordância;

A₅ – está associada à idade do informante: quanto mais velho o informante, maior a taxa de concordância;

A₆ – está associada ao gênero do informante: mulheres utilizam mais marcas de concordância do que homens;

B – é lingüisticamente motivada;

B₁ – tem condicionantes discursivos: a concordância é maior em discursos reportados e em situações em que o entrevistador é o interlocutor;

B₂ – tem condicionantes morfofonológicos e está associada principalmente à saliência fônica: quanto mais saliente a marca de segunda pessoa do singular, maior a taxa de concordância;

B₃ – tem condicionantes sintáticos e está associada principalmente à posição do tu-sujeito em relação ao verbo, ao paralelismo formal e à posição na frase: há maior taxa de concordância, quando: 'tu-sujeito' está ausente; o verbo em estudo faz parte de uma seqüência com todas as marcas de concordância; a palavra-foco está em frase interrogativa.

Há outras hipóteses passíveis de estudo (e.g., que a concordância de segunda pessoa do singular pode ser motivada por condições: históricas, conjunturais, ideológicas e contextuais), mas estas não serão postas à prova no presente estudo.

1.1 *A cidade de Pelotas*

Com o estabelecimento de uma charqueada pelo cearense José Pinto Martins no ano de 1780, às margens do arroio Pelotas⁵, segundo Ribeiro (1998, p. 106) deu-se início à povoação do que, em 07 de julho de 1835, se tornaria a cidade de Pelotas. A partir dessa charqueada, várias outras se estabeleceram na região. Isso foi possível em virtude dos grandes rebanhos bovinos xucros que haviam se espalhado pelo pampa desde a destruição das missões jesuíticas em meados do Século XVIII.

O processo de estabelecimento das charqueadas⁶ permitiu que Pelotas fosse o município de maior desenvolvimento do Estado no Século XIX. Portanto, Pelotas nasce como uma cidade de cultura industrial. Esse processo industrial (de primeira geração) possibilitou que houvesse um acúmulo de capitais, que foi o elemento principal de desenvolvimento da cidade nos Séculos XIX e XX. Os dividendos desse capital permitiram o estabelecimento de novos rumos econômicos, quando a indústria do charque deixou de ser um investimento atrativo.

Durante o Século XIX, os charqueadores mandavam seus filhos estudarem em Paris. Em virtude desse contato próximo com a cultura francesa, Pelotas passou a valorizar a cultura letrada e a erudição. Daí advêm vários fatos que ficaram ligados à história da cidade. Um desses fatos é a influência arquitetônica: Pelotas possui o maior conjunto neoclássico do Brasil⁷. Outro fato foi a valorização dos bens culturais:

⁵ O nome 'Pelotas' refere-se a pequenas embarcações de couro utilizadas pelos indígenas (os Tapes) para a travessia desse arroio.

⁶ Pelotas chegou a ter mais de cem dessas empresas que desidratam a carne com uso de sal.

⁷ Há em Pelotas mais de mil prédios e monumentos tombados pelos patrimônios históricos nacional, estadual e municipal. Desses, destacam-se: a 'fonte das nereidas' (França, 1872); a caixa d'água da praça da Santa Casa (França, 1875); a 'Bibliotheca Pública' (de 1875); o 'Theatro Sete de Abril' (de 1831, o mais antigo do Brasil em funcionamento); o 'Mercado Público' (de 1853); o 'Clube Comercial' (de 1871), entre outros.

da atenção à cultura letrada surgiram em Pelotas jornais⁸, editoras⁹ e escritores¹⁰ de prestígio; nos palcos dos dois teatros centenários de Pelotas (Sete de Abril e Guarany) apresentaram-se companhias européias a caminho de Montevideu e Buenos Aires; além disso, estas casas acolheram o mais antigo grupo de teatro do Brasil (ainda em funcionamento): o Teatro Escola de Pelotas¹¹; ligados à Escola de Belas Artes¹², surgiram Leopoldo Gotuzzo (pintor) e Antônio Caringi (escultor)¹³. Um terceiro fato foi, conforme Osório (1962, p. 129), o engajamento político dos filhos dos charqueadores em movimentos sociais para o estabelecimento de uma República no Brasil¹⁴ e para a libertação de escravos¹⁵.

A 'abolição da escravatura' em Pelotas ocorreu mais cedo também em virtude da concorrência das charqueadas do Rio da Prata, que utilizavam mão-de-obra de colonos italianos, mais barata (porque dispensava serviços de jagunços) e mais produtiva (porque permitia mobilidade social). É nesse período que começa a decadência da indústria saladeiril pelotense.

Além dos habitantes de ascendência lusitana, a formação da população de Pelotas inclui também negros, pomeranos, italianos e, em menor número, franceses. Com a instalação das charqueadas e das estâncias de criação de gado, houve uma

⁸ Dentre os quais destaca-se o Diário Popular (fundado em 1890, para defender os ideais republicanos): o mais antigo do RS e o segundo mais antigo do país, ainda em circulação.

⁹ A Editora Globo foi criada em Pelotas (1883), antes de transferir-se a Porto Alegre e de ser comprada pela Globo do Rio de Janeiro; Editora Echenique.

¹⁰ Lobo da Costa e João Simões Lopes Neto.

¹¹ Hoje liderado pelo escritor e dramaturgo Valter Sobreiro Jr., o TEP, que produz encenações sobre questões sócio-históricas rio-grandenses, tem em seu currículo o sucesso nacional 'Maragato', epopéia sobre a revolução federalista de 1893.

¹² Criada no Século XX, mas ainda sob a influência francesa.

¹³ Criador dos maiores símbolos de Porto Alegre (o Laçador), Caxias do Sul (Monumento ao Imigrante) e Pelotas (o Lenhador, o Bombeador, o Negrinho do Pastoreio, o Cel. Pedro Osório, entre outros).

¹⁴ Isso provocou uma série de conflitos na cidade porque os republicanos não eram bem vistos pelas numerosas famílias aristocráticas.

¹⁵ Em Pelotas, o movimento para libertação dos escravos começou em 1822, com o Centro Abolicionista. Em 1884 foi abolida a escravatura em Pelotas (4 anos antes do restante do país).

intensa utilização da mão-de-obra escrava. Moreira (1997, p. 31) estima que por volta de 1860 havia oitenta mil negros no Rio Grande do Sul. Em sua maioria, eram escravos já adaptados ao país, trazidos do centro do país por bandeirantes e tropeiros, principalmente para Pelotas (o mais importante mercado comprador). Os pomeranos chegaram à região em meados do Século XIX e se estabeleceram nas encostas da Serra do Sudeste (em Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul). Os italianos (bem como algumas poucas famílias francesas) vieram a partir de 1875 e se estabeleceram em Pelotas.

Durante o Século XX, com o desenvolvimento industrial, houve forte incremento da urbanização de Pelotas. Para a zona norte da cidade, veio grande número de descendentes de pomeranos, que fundaram o bairro Três Vendas e se dedicaram à indústria conserveira. Para a zona oeste de Pelotas (bairro Fragata), migraram camponeses, principalmente de Piratini e arredores, que vieram para trabalhar em frigoríficos e curtumes. Também chegou a Pelotas, no início do século, um grande contingente de lusitanos do norte de Portugal: eles se dedicaram a atividades comerciais e passaram a viver na região central e no bairro do Porto.

Portanto, em virtude do modo de ocupação do espaço, conviveram na zona urbana de Pelotas, ao longo do Século XX, falantes nativos de pomerano, falantes nativos de variedades de fala do norte da Itália, falantes nativos de espanhol platino, falantes nativos de variedades de fala do norte de Portugal, falantes nativos de variedades de português rural e falantes nativos de variedades de português urbano.

Durante o Século XX, os capitais acumulados pelos charqueadores permitiram o surgimento de um parque industrial um tanto mais complexo. Em substituição à indústria do charque surgiram grandes frigoríficos e dezenas de curtumes¹⁶. Associadas a essas atividades, também surgiram, em Pelotas, grandes

¹⁶ Dessas indústrias, sobrevivem ainda com dificuldade algumas poucas.

empresas de beneficiamento de lã¹⁷, e empresas químicas e farmacêuticas¹⁸. Devido à existência de grandes planícies alagadiças, foram implantadas extensas lavouras de arroz na região e, em virtude disso, Pelotas transformou-se no mais importante centro de industrialização desse produto no País¹⁹. Pelotas é, ainda, um dos principais pólos nacionais de doces industrializados e artesanais, o principal pólo cerâmico do RS e importante pólo metal-mecânico do estado.

Durante a Ditadura Militar, a partir de 1970, Pelotas passou a enfrentar problemas econômicos. A sua proximidade com a fronteira – por causa do ‘risco’ de uma invasão do solo brasileiro por Uruguai ou Argentina – motivou a proibição da instalação de indústrias estratégicas na ‘faixa de fronteira’ (até 200 km da divisa). Isso, aliado a outros fatores²⁰, tem funcionado como freio ao processo de desenvolvimento industrial da região (malgrado o fato de, paradoxalmente, Pelotas ter sido apontada entre os dez melhores lugares do Brasil – e o melhor da Região Sul – para investimentos industriais)²¹. Contudo, o PIB pelotense cresceu a uma taxa média próxima de cinco por cento ao ano no período de 1994 a 2001²².

¹⁷ Este setor faliu em meados da década de 80, principalmente pela valorização de tecidos sintéticos no mercado internacional.

¹⁸ Este setor teve ampla expansão entre 1930 e 1970. Entretanto, o corte do fornecimento por megaempresas (principalmente de origem inglesa e alemã) de insumos para a produção dos principais antibióticos por empresas brasileiras, desnacionalizou o setor e levou as indústrias pelotenses à quase extinção total.

¹⁹ Esta ainda é a mais importante atividade industrial de Pelotas, mas esse setor enfrentou forte crise no período de 1995 a 1998, devido à falta de uma política agrícola e à importação do produto do Mercosul.

²⁰ As crises econômicas vividas no país nas décadas de 70, 80 e 90, a diminuição do poder aquisitivo da população brasileira, a desnacionalização da economia, as altas taxas de juros que inibem os investimentos no setor produtivo, a privatização de empresas que deixaram de gerar empregos e receitas à cidade (e.g. CTMR e RFFSA), a seqüência de administrações públicas municipais despreparadas, são alguns desses fatores.

²¹ A Revista Exame, especializada em economia, em dois momentos durante a década passada, divulgou estudos sobre os melhores lugares para receberem investimentos industriais. Nos dois, Pelotas figurou entre os dez melhores. No primeiro, de 1993, realizado pela Simonsen Associadas, a cidade ficou na 6ª posição (Exame, 532, ano 25, n.11, 26-05-93). No segundo, realizado pela Trevisan (Exame, 597, ano 28, n.24, 22-11-95), Pelotas ficou na 5ª posição. Os critérios foram inúmeros itens englobados por: logística, infra-estrutura, qualificação da mão-de-obra, qualidade de vida e política de incentivos.

²² Segundo editorial do Diário Popular de 6/2/2003, o PIB de Pelotas (a exemplo de outras cidades como

Mas é evidente que, na última década, houve decréscimo do desenvolvimento industrial e da massa salarial (já que os maiores salários são os pagos pela 'indústria de transformação'). A Ilustração 1 contém os percentuais atribuídos ao volume de salários pagos em cada setor econômico das cinco maiores cidades do Rio Grande do Sul. Uma vez que os três maiores municípios do interior do estado têm praticamente a mesma população²³, essa comparação é importante porque permite conjecturas a respeito dos processos de desenvolvimento do Rio Grande do Sul. A ilustração o demonstra: a indústria paga o maior volume de dinheiro em salários em Caxias do Sul (51 %), Canoas (35 %) e Pelotas (17 %). Então, mesmo que o setor secundário seja ainda o principal pilar da economia de Pelotas (mas com menor participação do que teve no passado e do que Caxias e Canoas têm hoje, que se expandiram durante o Século XX), a massa de salários pagos e o pessoal ocupado²⁴ são mais homogeneamente distribuídos em Pelotas do que nos outros municípios. Dentre os principais segmentos, quase todos contribuem com algo próximo a dez por cento do total de salários e outras remunerações pagas no município.

Santa Maria e Passo Fundo, cujo setor mais desenvolvido é o de serviços) cresceu 39 % no período de 1994 a 2001, o que equivale à média anual de 4,9 %. Em municípios com matriz produtiva diversificada (como Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Santa Cruz do Sul) o crescimento médio anual do PIB foi de 8,3 %. Fonte: Prof. Luís Roque Klering, UFRGS.

²³ Segundo o Censo 2000, do IBGE, havia em: Caxias do Sul 360.419 habitantes; Pelotas, 323.158; Canoas, 306.093; Santa Maria, 243.411; Porto Alegre, 1.360.590 habitantes.

²⁴ O pessoal ocupado em unidades locais em relação à população economicamente ativa das cinco principais cidades do RS corresponde a: 84 % em Porto Alegre; 56 % em Caxias do Sul; 36 % em Canoas; 32 % em Pelotas e Santa Maria. (Fonte: IBGE, Censo 2000).

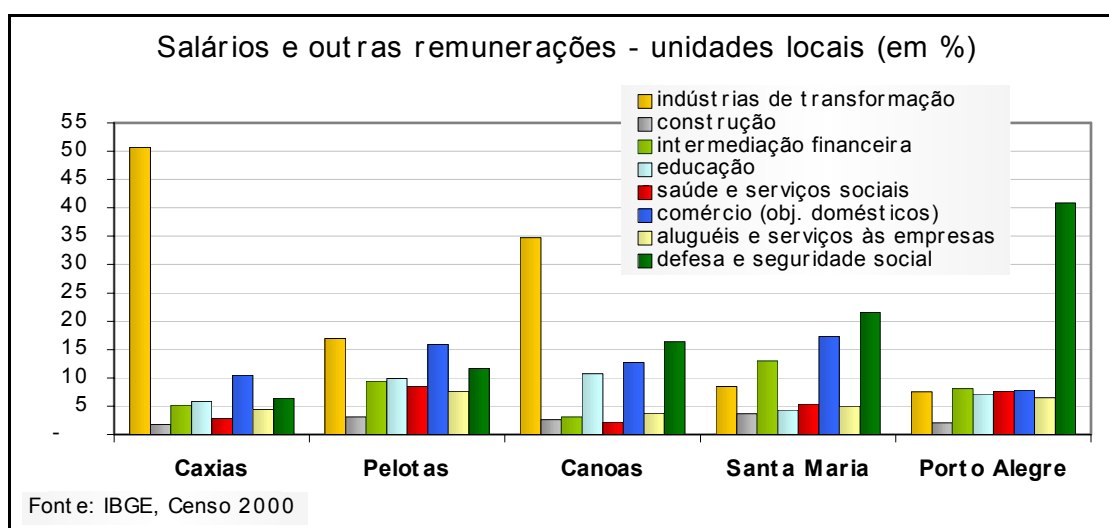


ILUSTRAÇÃO 1 – Comparativo entre as cidades mais populosas do RS, com relação à massa salarial paga pelos setores mais importantes (em percentuais)

Em várias entrevistas e questionários do VarX estão demonstrados pessimismo e insatisfação com relação ao desenvolvimento econômico de Pelotas (principalmente na classe média-alta). As causas disso podem ser várias. Muito provavelmente, isso se deva: à recessão industrial das últimas décadas; ao índice de pessoas com curso superior que não encontram espaço no mercado de trabalho local; à autodestrutiva cultura concentradora de renda e de pagamento de baixos salários na Metade Sul do Rio Grande do Sul²⁵; ao franco desenvolvimento industrial de Caxias do Sul e região metropolitana; à perda do ‘título’ de maior cidade do interior do estado para Caxias do Sul.

Sob certo sentido, tanto pessimismo é exagerado. Pelotas apresenta alguns índices econômicos e sociais que demonstram que nem tudo está tão mal assim. Pelotas tem 100 % dos domicílios ligados à rede geral de água (97 % tem

²⁵ A divisão de todos os salários pagos a trabalhadores formais pela população das cinco maiores cidades do RS, corresponderia a: R\$ 43,63 em Porto Alegre; R\$ 20,90 em Caxias do Sul; R\$ 14,45 em Canoas; R\$ 8,23 em Santa Maria; R\$ 8,04 em Pelotas. São, pois, justamente as cidades que pagam melhores salários as que apresentam maior grau de desenvolvimento. Logo, quanto mais baixos os salários, menor o poder de compra; quanto mais baixo o poder de compra, menor o dinamismo econômico. (Fonte: Censo 2000).

banheiro e 92% tem coleta de lixo na porta)²⁶. Das cinco maiores cidades gaúchas, é a menos violenta: em Pelotas, em 1998, segundo o IBGE, houve 71 mortes de homens entre 15 e 39 anos por 'causas externas' (acidentes de trânsito ou assassinatos), o que equivale a 22 mortes por grupo de cem mil habitantes²⁷. Pelotas é o principal pólo de saúde do interior, com 1 leito por 244 habitantes²⁸, em média. É também o principal pólo educacional do interior: em 1999, Pelotas tinha 15.777 pessoas matriculadas²⁹ nas três instituições de ensino superior (UFPel, UCPel, Cefet-RS), ou seja, 4,9 % da população da cidade estava freqüentando um curso superior (e 6,6 % das pessoas em idade para freqüentá-lo).

Em virtude de não haver pesquisa que identificasse o perfil de escolaridade por classe social da população pelotense, eu coordenei uma pesquisa feita por telefone em janeiro de 2003 em quatro ruas do 'centro' e em quatro do 'arrabalde' de Pelotas. Foi perguntado a duzentas pessoas com mais de dezesseis anos de cada bairro qual era a sua escolaridade. As respostas dadas pelos quatrocentos informantes produziram os seguintes resultados: no centro de Pelotas, 73 % dos entrevistados têm curso superior e apenas 5 % têm apenas primeiro grau (não há analfabetos); no arrabalde de Pelotas, 3 % dos entrevistados têm curso superior e 64 % têm primeiro grau (dos duzentos informantes, 6 % são analfabetos e 40 % têm até 5ª série ginasial). É importante lembrar que todos os informantes têm telefone residencial.

É com base nesses dados de Pelotas que pretendo estudar, nas seções seguintes, o modo como esses fatos se relacionam com os mecanismos lingüísticos de distinção entre classes sociais, especialmente no que se refere à concordância de

²⁶ Fonte: site oficial da Prefeitura Municipal: www.pelotas.com.br.

²⁷ Nos outros municípios, para cada grupo de 100 mil habitantes, morreram: em Canoas, 71; em Porto Alegre, 66; em Caxias do Sul, 50; em Santa Maria, 46; em Rio Grande, 50.

²⁸ Porto Alegre tem 1 leito por 217 habitantes e Caxias do Sul, 1 por 414. Fonte: Censo 2000.

segunda pessoa do singular.

1.2 *A estrutura do trabalho*

Neste trabalho, optei pela divisão tradicional de um texto acadêmico: revisão de literatura, metodologia, análise e conclusão. Entretanto, a divisão interna da seção 2 (A revisão de literatura) não é a tradicional. Eu optei por deslocar os aspectos que dariam sustentação à análise lingüística para as seções 3 (A metodologia) e 4 (Os resultados). Ao fazer isso, eu pretendi alcançar três objetivos: facilitar a leitura, aproximando os resultados de pesquisa bibliográfica dos de pesquisa de campo; permitir uma adaptação mais fácil e eficiente à publicação em separado, como artigos de periódicos; permitir que os futuros usuários do VarX tenham uma visão mais completa dos motivos que levaram ao estabelecimento das suas bases. Portanto, o capítulo seguinte apresenta, basicamente, a revisão de literatura sobre classes sociais e sobre o fenômeno de concordância aqui estudado.

Com relação ao assunto 'classes sociais', proponho primeiramente sua discussão a partir de critérios econômicos. Guy (1987) propõe que qualquer divisão de uma comunidade em classes sociais deve ter em consideração '*status*' e '*poder*'. Propõe, ainda, que a sociolingüística tem muito a contribuir para uma definição mais abrangente de 'classe social'. Guy apresenta a divisão em classes a partir da visão marxista e da socioeconomicista: esta, priorizando uma escala contínua a partir de princípios econômicos que se configura como a representação coletiva das características dos indivíduos e aquela, como uma divisão entre exploradores e explorados em que há conflitos entre classes, mas identidade entre indivíduos da mesma classe. Também apresento a discussão proposta por Guy (1987) sobre as potenciais diferenças entre sociedades industrializadas e sociedades do terceiro

²⁹ Fonte: Banco de Dados da Zona Sul, ITEPA/UCPel, Boletim n.12, 2001.

mundo e sua relação com a linguagem. Por fim, apresento as relações estabelecidas por Guy entre classe social e mudança lingüística.

Também Baugh (1995) estabelece relações entre os preceitos econômicos e o comportamento lingüístico. Com sua proposta de 'econolingüística', o autor entende que o desenvolvimento da linguagem é determinado substancialmente por circunstâncias socioeconômicas. Para ele, importante é a história lingüística e sua relação com o desenvolvimento educacional das pessoas.

Bourdieu (1996) enfatiza a importância dos aspectos culturais para a descrição da realidade. Para ele as relações sociais são 'economias' complexas compostas de vários 'mercados' onde ocorrem as 'trocas': no mercado lingüístico a 'moeda' é a competência lingüística legitimada pelo Estado e o 'lucro' é a distinção social possibilitada pelo domínio dessa competência. Nessa perspectiva, o 'capital' corresponde à acumulação de bens sociais e culturais valorizados pela competência dominante e legitimados pelo Estado, que deseja a unificação nacional, sobretudo e sempre. Bourdieu (1996), para quem o estilo é a 'dicção de uma classe social', produziu críticas aos modelos saussuriano e chomskiano, porque procuram na língua respostas que só podem ser encontradas nas relações sociais, porque separam a língua de suas condições sociais de produção, porque reduzem o ato lingüístico a um ato de comunicação. Para ele, essas concepções ignoram os aspectos sociais, culturais e conjunturais que influenciam a utilização de esquemas de interpretação e a aquisição da competência lingüística legítima. Assim, a contribuição principal que as idéias de Bourdieu trazem a este trabalho é que elas fornecem subsídios à comparação da concordância variável de segunda pessoa do singular em Pelotas e a concordância categórica da língua oficial, da língua cobrada na escola.

Proponho, também, uma discussão do assunto 'classes sociais' a partir de critérios profissionais e ocupacionais. Para Chambers (1995) a divisão em classes sociais deve orientar-se pelo critério de ocupação. Ele propõe um 'ranqueamento' das

ocupações colocando em um extremo os trabalhadores manuais; no centro, os não-manuais; no outro extremo os ricos que ocupam posições sociais de prestígio. Assim, para o autor, a ocupação é o mais importante porque revela, ao mesmo tempo, escolaridade e renda. Chambers (1995) trata também de questões relativas à mobilidade social.

Ainda no capítulo 'A revisão de literatura', eu apresento uma revisão dos conceitos de concordância, de concordância verbal e de concordância verbal de segunda pessoa do singular no português brasileiro.

No capítulo 'A metodologia' eu apresento o VarX. Faço um detalhamento de como se deu a construção do *corpus*: a definição do perfil geral dos informantes (gênero, classes sociais e faixas etárias), os critérios de seleção dos informantes e o modo como foram feitas as entrevistas e gravações. Apresento também o questionário que serviu de base a constatações presentes neste trabalho e que contém perguntas que melhoram a percepção de aspectos sociais relativos aos informantes: profissão, escolaridade, escolaridade dos pais, situação socioeconômica, orientação, atitudes e papel social. Além disso, apresento os procedimentos de análise de dados variáveis e o conjunto de grupos de fatores com a descrição de cada um deles.

No capítulo 'Os resultados', proponho a descrição dos resultados dos grupos de fatores selecionados como estatisticamente significativos por esta pesquisa. Apresento os motivos da realização de rodadas preliminares, quais sejam, amalgamar e eliminar fatores com vistas ao enxugamento do número de variáveis, visto que, inicialmente, este fora construído de modo a permitir uma codificação o mais abrangente possível. Apresento também os resultados da 'rodada geral' e a análise das variáveis lingüísticas selecionadas como estatisticamente significativas: paralelismo formal, tipo de sujeito, saliência fônica, discurso reportado e tipo de frase. Descrevo, também, a análise dos resultados atribuídos às variáveis sociais e de que modo elas se relacionam com os princípios teóricos labovianos. Assim, são

apresentados os resultados atribuídos às variáveis: 'faixa etária' e sua relação com a 'mudança lingüística'; 'classe social' e sua relação com os indicadores sociais de cada classe incluídos no VarX (renda, patrimônio, zona de residência, profissão, ocupação, escolaridade, escolaridade dos pais, hábitos de consumo); 'gênero' e sua relação com a tendência geral de que a utilização de marcas lingüísticas com prestígio social é uma característica feminina. Por fim, descrevo algumas rodadas especiais, que incluem uma análise com seis faixas etárias, uma análise com cinco classes sociais e análises dos cruzamentos entre 'faixa etária', 'classe social' e 'gênero'.

No último capítulo, apresento a conclusão do trabalho. Retomo os resultados para relacioná-los às hipóteses e fazer uma apresentação comentada das principais evidências de caráter lingüístico e social. Além disso, exponho as principais limitações deste trabalho e as possíveis explicações da variação estudada com base nos acontecimentos dos últimos quarenta anos e no desenvolvimento do mercado de trabalho pelotense. Por fim, apresento um resumo das principais evidências levantadas por este trabalho.

2 A REVISÃO DE LITERATURA

Todas as tentativas de descrição de como as sociedades se organizam em classes fazem divisão entre *os-que-têm* e *os-que-não-têm*. Há uns que têm capital, outros que têm escolaridade, outros que têm profissão prestigiosa, outros que têm 'cultura'... outros que têm tudo isso. Outros há que disso nada têm. Todas as tentativas de descrição acadêmicas de como são as classes sociais foram produzidas por um dos que têm. E isso faz com que suas descrições, em geral, partam do pressuposto de que para *todos* os indivíduos (de todas as classes) o importante é *ter mais, acumular*³⁰.

Inúmeros relatos contidos no VarX permitem perceber que o materialismo capitalista ainda não se instalou com toda a sua força entre nós. A maior parte das pessoas muito pobres vive diariamente a preocupação de sanar necessidades básicas (alimentação, por exemplo). Nesse sentido, visão de futuro de mais longo prazo é privilégio das classes com orçamento doméstico mais equilibrado e regular. A primeira fronteira entre classes em Pelotas (e no Brasil, eu suponho) é ter a certeza de que a próxima refeição está garantida. Quem tem fome, não pode pensar no futuro. E não pode ter pretensões de acumular. Ultrapassada essa barreira (a da sobrevivência), outras terão de ser enfrentadas gradativamente até que seja atingido o *status* de cidadão. E a superação dessas barreiras não depende apenas da vontade do indivíduo, depende também da boa vontade das classes de cima.

Chambers, Guy, Baugh e Bourdieu destacaram aspectos diferentes desse tema (a meu ver *todos* importantes e complementares). A eles.

³⁰ Refiro-me, especificamente, a ter *status* social possibilitado, e.g., por alta escolaridade ou profissão-

2.1 A estratificação social por princípios econômicos

Grande parte dos estudos variacionistas analisa dados lingüísticos em classes sociais estruturadas a partir de princípios econômicos. Labov (1966) explorou a dimensão 'classe social' com base em critérios como *renda/patrimônio, ocupação e escolaridade*³¹, valendo-se de um grande número de classes (média-alta, média-média, média-baixa; trabalhadora-alta, trabalhadora-média, trabalhadora-baixa e baixa). Esse grande número de classes só parece ser possível em sociedades altamente estratificadas, principalmente em função de alta taxa de industrialização.

Em artigo publicado em 1987, Guy, ao examinar a relação entre linguagem e classe social, considera que uma das funções da linguagem é identificar o grupo do falante e sua identidade social. Como conseqüência, sua concepção básica alicerça-se no binômio *status* e poder. Ainda que *classe social* pertença ao campo acadêmico da sociologia e da ciência política, é fundamental para a sociolingüística. Entretanto, cada uma dessas disciplinas se apropria de uma das facetas mais diretamente ligadas à sua área, o que tem impossibilitado o compartilhamento de definições e mesmo a comparação de áreas que têm pontos de contato. Por esse motivo, a definição de *classe social* para os economistas não é compartilhada integralmente pelos sociolingüistas. Para Guy (1987), uma definição ampla é possível, que abranja todas as facetas importantes ao estudo de classes sociais, e a sociolingüística tem muito a contribuir para tal definição uma vez que a

linguagem é essencialmente um produto social e uma ferramenta social, e nosso entendimento de qualquer ferramenta será incomensuravelmente aumentado por um conhecimento de seus marcadores e usuários e usos. Se classe é uma das principais dimensões organizadas da sociedade, então este fato deverá estar refletido na evolução e utilização da linguagem. (Guy, 1987, p. 38)

ocupação ou patrimônio ou *padrão* cultural.

³¹ Para Le Page & Tabouret-Keller (1985) é necessário incluir aspectos relacionados à identidade e à atitude do informante, isto é, com qual grupo ele se identifica. Também ajudam na divisão em classes: papéis sociais, acesso a bens culturais, escolaridade dos pais e/ou de filhos, ocupação em atividades de

O texto de Guy (1987) apresenta duas visões de classe social. Uma baseada nas concepções de Karl Marx, que coloca o conflito entre classes como aspecto principal das relações interclasses, em uma disputa pelo poder que deverá(ria) produzir a elevação do proletariado (classe operária) ao comando da sociedade por meio de uma 'revolução'. Tem de ser assim, porque a classe operária produz o bem com *mais valia*, o trabalho. Envolvida está nesse conflito, também, outra classe, a *alta-burguesia*, proprietária do outro bem importante no processo produtivo, o capital. A visão marxista, pois, baseia-se na relação de solidariedade e cooperação entre indivíduos da mesma classe, mas de conflito entre classes, gerado pela disputa pelo 'Poder'.

Guy deu pouca atenção às posições marxistas sobre a pequena burguesia (algo como a classe média de país de 1º mundo), dado que esta não participa diretamente do conflito supracitado. Uma interpretação atualizada dessas posições levará em conta toda relação de exploração do trabalho de uma pessoa por um empregador mais rico do que ela, pagando-lhe menos do que vale seu trabalho, sobretudo se for um empregador (explorador) em larga escala. É de se considerar, também, que o desenvolvimento³² das idéias marxistas ao longo do Século XX amplia a conceituação de 'operários' para 'oprimidos', o que abarca os 'excluídos' (os que não produzem nem consomem bens do mundo capitalista). A classe média, porque é também empregadora de mão-de-obra, e identifica-se mais com a classe alta do que com a classe operária, pode ser colocada no grupo dos exploradores.

A outra visão apresentada por Guy, a socioeconomicista, de ampla difusão nos EUA e no Brasil³³, divide a sociedade em várias classes, seguindo critérios baseados no *status* social de cada uma delas. Nesta visão, as classes estão

contato com público, liderança comunitária ou sindical, facilidade no aprendizado de línguas, facilidade de imitação de fala de outros, etc.

³² Refiro-me principalmente a Gramsci e Paulo Freire.

organizadas em uma escala contínua que pode utilizar-se de apenas um ou de mais critérios como renda, bens³⁴, local de moradia, ocupação, escolaridade, etc. Nesta perspectiva, como convém ao capitalismo, não há conflitos, pois as pessoas são incentivadas a agir individualmente. Não existe enfrentamento entre classes, mas competição entre indivíduos.

Uma outra diferença entre as duas visões, além das anotadas por Guy, é a questão da identidade e da fidelidade. Na visão marxista, os indivíduos formam grupos sociais e são-lhes fiéis porque têm identidade de grupo. Grupos, por sua vez, formam classes baseadas na solidariedade e cooperação entre esses grupos. A classe social evoca o conceito de identidade. Na perspectiva alternativa a esta, classe social é vista como a representação coletiva das características dos indivíduos que a compõem.

Guy anota que suas postulações sobre classes se referem a sociedades industrializadas. Segundo ele, comunidades de fala em países com industrialização avançada são

caracterizadas por economias capitalistas similares e sistemas de classes em que os maiores atores são uma classe trabalhadora urbana, uma classe média de profissionais liberais e uma classe alta capitalista. Mas e países com diferentes perfis econômicos e de classe? Como a classe é definida nesses países? Esses problemas não estão bem entendidos ainda. (Guy, 1987, p. 45)

Para sociedades do terceiro mundo, em que há pequeno número de operários da indústria e maior número de empregados na atividade primária, Guy entende que são necessários, ainda, estudos mais conclusivos. A urbanização recente, a maioria de falantes não-padrão, os contatos interdialetais, o contato entre pobreza extrema e riqueza, a diversidade étnica devem contribuir para que, no terceiro mundo, as classes sociais sejam menos coesas. No Brasil, segundo Guy, todos esses fatores, associados aos efeitos da colonização por exploradores portugueses e da escravatura, podem

³³ São comuns na imprensa referências à classe média, classe baixa, classe alta, classe abaixo da linha de pobreza. Também são comuns referências a essas classes como A, B, C, D, E.

³⁴ No Brasil, a Associação Nacional das Empresas de Pesquisa (ANEP) utiliza este como principal critério

estar contribuindo para que, neste momento, ao que lhe parece, estejam ocorrendo processos de aquisição das formas padrão pelas camadas mais pobres da população.

A partir dessas considerações gerais sobre classe social, Guy passa a relacioná-la ao uso da linguagem e à mudança lingüística. Para ele, a visão marxista, estendida à linguagem, permite postular que há uma motivação social para a mudança lingüística, que continuará a haver formas não-padrão enquanto houver conflito entre classes e que, quanto maior o grau de solidariedade e cooperação entre pessoas nos grupos e entre grupos nas classes, maior será a unidade da comunidade de fala.

Por outro lado, a perspectiva socioeconomicista permite a gradação da distribuição de características socialmente simbólicas (e.g., as variáveis sociolingüísticas). Em função disso (mas não somente³⁵), este modelo tem influenciado os estudos sociolingüísticos a partir de Labov (1966). Para Guy, tal influência se justifica porque, metodologicamente, facilita o desenvolvimento de medidas objetivas quantificáveis de classe social e permite a ordenação de informantes em uma escala³⁶ num estudo empírico.

Guy chama a atenção para possibilidades de inter-relação entre dimensões sociais que podem impedir a ortogonalidade³⁷. Ou seja, por vezes, em certas sociedades, quando se adota como critérios para estabelecimento de classes sociais, por exemplo, *renda*, *ocupação* e *escolaridade*, e isso está associado principalmente aos homens chefes-de-família, pode haver a possibilidade de não ser

para determinar o perfil socioeconômico dos pesquisados. Ressalte-se, contudo, que seu maior objetivo é medir o poder de compra da população.

³⁵ Durante o Século XX, os modelos socialistas não se compatibilizaram com facilidade com o '*american way of life*' (sobretudo durante a Guerra Fria) nem com os modelos de ciência adotados nos EUA, especialmente os vinculados às correntes sociológica *funcionalista* e psicológica *comportamental*.

³⁶ Guy recomenda que haja, no mínimo, três classes sociais em uma amostra.

³⁷ Há ortogonalidade quando cada grupo de fatores pode ser avaliado, isto é, quando os dados recebem uma distribuição que não envies a análise. Por exemplo, em um estudo controlamos as variáveis 'gênero' e 'idade'. Ao cruzarmos essas variáveis, encontramos a seguinte distribuição: (1) mulheres jovens: 70 ocorrências; (2) mulheres adultas: 40 ocorrências; (3) homens jovens: 110 ocorrências; (4) homens adultos: nenhuma ocorrência. Nesse caso há falta de ortogonalidade porque o grupo 'homens adultos' não pode ser avaliado.

atingida a ortogonalidade. Um outro exemplo desse tipo de problema pode ser o de um trabalho que considere *classe social* e *raça*, mas os integrantes de uma raça concentram-se em uma das classes sociais – isso gera, como conseqüência, um grupo de dados não-ortogonais.

Um tópico importante no texto de Guy é a relação entre uso da língua e classe social: “O estudo da variação sociolingüística é essencialmente a descrição de uso diferenciado de linguagem por grupos sociais diferentes – particularmente classes sociais.” (1987, p. 51). Essas classes compõem a comunidade de fala, a unidade básica que é objeto de estudo da linguagem em contexto social. Importante para a definição de comunidade de fala é a *densidade de comunicação*³⁸ e o *compartilhamento de normas*³⁹. Esses dois aspectos permitem que “cada um saiba quais são os traços que os tornam diferentes dos de fora da comunidade.” (1987, p. 51). Por essas razões, surgiram as noções de *prestígio aberto* e *prestígio encoberto* (Labov, 1972, p. 249). O *prestígio aberto* é manifesto de forma geral e pública e corresponde à boa reputação de que gozam algumas variedades de fala, acentos ou traços lingüísticos; o *prestígio encoberto*, em contrapartida, corresponde a uma valorização inconsciente de formas lingüísticas (não necessariamente da língua padrão).

Outro tópico importante é a relação entre classe social e mudança lingüística. Para Guy, a mudança lingüística envolve variação social: “em dado momento, no curso de uma mudança haverá membros da comunidade de fala usando a forma nova e outros utilizando a forma velha” (1987, p. 56), e outros utilizando as duas formas, é claro. É freqüente a idéia de que uma das classes que mais originaria inovações é a classe alta, motivada por um desejo elitista de isolar-se das massas.

³⁸ Quando os indivíduos de uma comunidade de fala conversam mais entre si do que com indivíduos de fora da comunidade a densidade é alta.

³⁹ Conjunto de avaliações feitas pela comunidade do que é considerado bom ou mau e o que é apropriado

Esses raros exemplares da classe alta seriam copiados por classes mais baixas na escala social; tais inovações entrariam em curso na língua, tornando-se acessíveis aos indivíduos de outras classes. Para Guy, isto é exatamente o contrário do que os dados têm reiteradamente apontado: a mudança, em geral, não é instaurada por empréstimo de um dialeto social mais alto, mas por desenvolvimento interno, originado principalmente na classe trabalhadora. A esse tipo de mudança Labov chamou de “*change from below the level of conscious awareness*” (mudança que vem de baixo do nível da consciência): mudança de baixo para cima. Ela pode ser expressa em um gráfico de padrão curvilíneo cujo cume localiza-se nas classes trabalhadora ou média-baixa e cai em ambos os extremos. As classes inovadoras (do cume) têm a motivação social positiva para inovar, a solidariedade de grupo e a identidade local. Para Kroch (1976), ao contrário, são as classes conservadoras que resistem à mudança, uma vez que esta é uma condição natural da linguagem. Na opinião de Guy, ambas as visões são complementares, porque podem ser aplicadas em situações diferenciadas. Um exemplo dessa complementaridade foi observado no estudo liderado por Guy (1986, p. 39) sobre o tipo de entonação encontrado na Austrália, onde as mulheres usavam um padrão entonacional ascendente em finais de frases declarativas em medida significativamente mais alta do que os homens.

Segundo Guy, o entrecruzamento de classe social e de linguagem auxilia na identificação das comunidades de fala, ajuda a entender a variação nos sistemas lingüísticos e redireciona as dicotomias saussurianas e chomskianas de forma a incluírem o paradigma sociolingüístico. Em relação a isso, como se verá mais adiante (em 2.1.2), também Bourdieu tece considerações.

2.1.1 A Econolingüística

Insatisfeito com a adequação explanatória de algumas das categorias

sociais utilizadas na sociolinguística, Baugh (1995) propõe a ‘Teoria Econolinguística’, que se caracteriza como uma relação entre os preceitos econômicos e o comportamento linguístico. Para ele, é:

“Um campo de pesquisa linguística empírica que afirma dois negligenciados universais linguísticos:

- A) os comportamentos linguísticos, incluindo fala e escrita, são mercadorias econômicas; a (não)habilidade para usar língua(s) tem um impacto direto nos usuários potenciais;
- B) o desenvolvimento da linguagem, e da capacidade de ler e escrever, são determinados substancialmente por circunstâncias socioeconômicas.” (Baugh, 1995, p. 397).

Para Baugh, a estratificação social do comportamento linguístico, através de variáveis extralinguísticas tradicionais (sexo, idade, educação, ocupação e raça), é incompleta e, às vezes, inadequada. Por essa razão ele divide os seus informantes (todos norte-americanos) a partir de sua história linguística em três categorias relevantes ao desenvolvimento educacional das pessoas:

- a) falantes nativos de inglês padrão (i.e., normas regionais ou (inter)nacionais);
- b) falantes nativos de inglês não-padrão;
- c) falantes não-nativos de inglês.” (Baugh, 1995, p. 398).

Segundo suas pesquisas, Baugh entende que na maioria das vezes os informantes da primeira categoria têm maior sucesso escolar do que os outros. Pior que isso. Os indivíduos das categorias ‘b’ e ‘c’ costumam ter considerável dificuldade na escola: dentre estes está a maioria dos reprovados e evadidos. Então, a exemplo de Bourdieu (*cf.* 2.1.2), Baugh (1995) defende a observação sistemática do dialeto materno do informante como de suma importância para a compreensão do fenômeno linguístico estudado⁴⁰.

A viabilidade desta teoria depende da relação entre comportamento linguístico e a produção e distribuição de bens e serviços na comunidade de fala. Em

⁴⁰ Alguns critérios para detectar e categorizar esses dialetos foram propostos por Baugh: fatores residenciais, educacionais, riqueza e ficha criminal. Além destes, uma das maneiras que permitem mais facilmente fazê-lo é obtendo informações acerca dos hábitos de leitura e da escolaridade dos pais dos informantes, bem como do grau de exposição a (e de exigência de uso de) variedades prestigiadas.

geral, os níveis de pobreza e a baixa mobilidade social são diretamente afetados por baixos níveis de oportunidades econômicas e sociais. Então, o comportamento lingüístico e as oportunidades econômicas estão interligados e se afetam mutuamente. Esta é a tese que dá suporte à Econolingüística.

2.1.2 *A estratificação social por princípios econômico-culturais*

Pierre Bourdieu, através de sua *teoria da reprodução*, oferece uma explanação das condições estruturais de manutenção das desigualdades sociais. De suas análises, interessa-me, particularmente, aquelas que dão conta das práticas de produção e consumo cultural (e suas implicações lingüísticas).

Os procedimentos metodológicos adotados por Bourdieu se opunham à especialização dos assuntos tratados. Ao contrário, buscava a dependência recíproca dos diferentes planos da atividade social. Por isso, ele faz críticas às escolhas de rumos adotadas pela lingüística estrutural e destaca a interdependência existente entre as relações lingüísticas e sociais em uma comunidade.

Bourdieu entende importante a consideração dos aspectos culturais para o estabelecimento das ‘verdades científicas’ e para a descrição da ‘realidade’. Ele construiu suas teses contrapondo-as ao modelo de ciência vigente, tentando revisar os procedimentos metodológicos das ciências sociais que ‘teimam’ em produzir ‘verdades científicas’ que não se sustentam porque desconsideram os aspectos socioculturais de seu objeto.

Para Bourdieu, as relações sociais são balizadas por abstrações – a que ele chamou ‘economias’, de caráter prioritariamente simbólico ou lingüístico. Nessas ‘economias’, há vários ‘mercados’ em que se dão as ‘trocas’ e que podem ser definidos como “o conjunto das condições políticas e sociais de produção dos

produtores-consumidores” (Bourdieu, 1996, p. 44). Nesses mercados a moeda de troca é a ‘competência’ e o lucro é a ‘distinção’.

A constituição de um mercado lingüístico cria as condições de uma concorrência objetiva na qual e pela qual a competência legítima pode funcionar como capital lingüístico produzindo um *lucro de distinção* por ocasião de cada troca social. (Bourdieu, 1996, p. 42)

Entretanto, o lucro de distinção lingüística (ou cultural) só é possível se houver menos falantes com “qualificação lingüística” (ou cultural) do que haveria se todos os falantes “tivessem se beneficiado das condições de aquisição da competência legítima em grau idêntico àquele de que se beneficiaram os detentores da competência mais rara” (Bourdieu, 1996, p. 43). Assim, o lucro da distinção é distribuído em razão da posição ocupada na estrutura social. A variação lingüística materializa a distinção social.

Desse modo, os lugares de expressão e os instrumentos de produção da competência dominante estabelecem as condições necessárias para que os que possuem essa competência possam transformá-la na única considerada ‘oficial’. Como conseqüência, o lucro da distinção é obtido pelos detentores do capital lingüístico (a competência dominante).

Tal situação faz com que os desejosos de defender um capital lingüístico ameaçado se vejam condenados a uma luta total (...), mas somente se consegue salvar o valor da competência sob a condição de salvar o mercado (Bourdieu, 1996, p. 44).

Para que haja a legitimação de uma variedade da língua é necessário que o ‘mercado lingüístico’ seja unificado e as outras variedades estejam associadas à variedade legitimada. Isso acontece claramente quando há políticas voltadas à integração nacional. Nesses momentos, prepondera a dominação lingüística.

Apenas, portanto, quando surgem usos e funções inéditos motivados pela constituição da nação, entidade inteiramente abstrata e fundada no direito, tornam-se indispensáveis a língua-padrão – tão impessoal e anônima como os usos oficiais a que ela se presta – e, ao mesmo tempo, o trabalho de normalização dos produtos

dos *habitus* lingüísticos (Bourdieu, 1996, p. 34).

De fato, não é a língua que está em circulação no mercado lingüístico, mas discursos marcados estilisticamente. O estilo, enquanto 'dicção de uma classe social' em relação à de outra, é apreendido por esquemas de percepção e de apreciação de suas diferenças. Somente então estarão estabelecidas as condições para a atribuição de sentido. Segundo Bourdieu, existe uma 'solidariedade orgânica' entre a 'competência' e o 'mercado'. E no mercado lingüístico há um sistema de sanções e de censuras específicas que associam todo ato de fala a uma conjuntura.

Numa sociedade diferenciada, as palavras que chamamos comuns, "trabalho", "família", "mãe", "amor" recebem na realidade significações diferentes, e até antagônicas, pelo fato de que os membros da mesma "comunidade lingüística" mal ou bem utilizam a mesma língua e não várias línguas diferentes. (Bourdieu, 1996, p. 26)

Assim, as trocas lingüísticas são vistas por Bourdieu como relações de poder simbólico que ocorrem em um 'mercado', que aceitam os parâmetros impostos pela competência dominante e respeitam uma determinada conjuntura. Tudo isso define suas condições de produção e de recepção.

Bourdieu entende que as análises da abstração 'competência lingüística' dissociando-a de suas condições sociais de produção estão condenadas ao fracasso, porque procuram na língua o que pertence às relações sociais. É desse modo que Bourdieu começa a tecer suas críticas à lingüística do Século XX (e aos lingüistas Saussure e Chomsky, principalmente). O que ele intenta é

construir os sistemas de disposições sociais dos diversos grupos e classes em seu manejo da língua como parte de um domínio particular e distintivo do corpo e de tudo que se associa à competência corporal (sexo, alimentação, postura, fala, suores, excrementos, etc.), ou seja, àqueles registros sociais mais facilmente assimiláveis a um processo complexo de naturalização. (Bourdieu, 1996, p. 13)

Para Bourdieu, a lingüística estrutural, ao separar a língua de suas

condições sociais de produção e de utilização, deu aparências de cientificidade à naturalização de seu objeto simbólico. Isso a transformou na mais natural das ciências sociais.

Em todo caso, o fato de colocar o social entre parênteses, o que permite tratar a língua, ou qualquer objeto simbólico, como finalidade sem fim, contribuiu bastante para o êxito da lingüística estruturalista, ao conferir o encanto de um jogo inconseqüente aos exercícios "puros" de uma análise puramente interna e formal. (Bourdieu, 1996, p. 19)

Saussure reduziu o ato lingüístico a um ato de comunicação que pressupõe a existência de um 'código' pleno de símbolos. Mas a língua é mais do que isso. A ela estão associados aspectos sociais, culturais e conjunturais. Para Bourdieu, contudo, seu modelo de produção e de circulação lingüística não substitui "a análise propriamente lingüística do código" (Bourdieu, 1996, p. 24), mas permite compreender

os erros e os fracassos aos quais está condenada a lingüística quando, a partir de um só dos fatores em jogo, a competência propriamente lingüística, definida abstratamente, fora de tudo o que esta deve a suas condições sociais de produção, ela tenta dar conta do discurso em sua singularidade conjuntural. De fato, enquanto ignorarem o limite que é constitutivo de sua ciência, os lingüistas não têm alternativa senão buscar desesperadamente na língua o que está inscrito nas relações sociais nas quais ela funciona (Bourdieu, 1996, p. 24).

É somente ao ser decifrada que a língua se realiza como mensagem. E, para haver decifração, é necessário que o receptor utilize esquemas de interpretação, que estão repletos de influências culturais, sociais e conjunturais. Nesse sentido, a 'competência' para decifrar (e também para produzir) língua é determinada por condições sociais.

A comunicação entre as classes (ou, nas sociedades coloniais ou semicoloniais, entre etnias) representa sempre uma situação crítica para a língua utilizada, seja ela qual for. De fato, ela tende a provocar uma volta ao sentido mais abertamente carregado de conotações sociais: "Quando se pronuncia a palavra 'camponês' diante de alguém que acaba de vir do campo, nunca se sabe como ele vai interpretá-la". Por conseguinte, não existem mais palavras inocentes. (Bourdieu, 1996, p. 27)

Então, a competência lingüística não é apenas um aglomerado de características inatas do ser humano, que não sofre influência externa. Tampouco

deve ser considerada como o conjunto de “normas universais da prática lingüística adequada” (Bourdieu, 1996, p. 30). Isso não nos permite perceber que a ‘competência lingüística legítima’ é adquirida em condições sociais, culturais e econômicas legítimas e é posta em prática em um mercado onde essas condições continuam a atuar. Não é a ‘palavra’ que tem força, mas “as condições institucionais de sua utilização” (Bourdieu, 1996, p. 30).

A competência suficiente para produzir frases suscetíveis de serem compreendidas pode ser inteiramente insuficiente para produzir frases suscetíveis de serem *escutadas*, frases aptas a serem reconhecidas como *admissíveis em quaisquer* situações nas quais se pode falar. Também neste caso, a aceitabilidade social não se reduz apenas à gramaticalidade. (Bourdieu, 1996, p. 42)

Os usos sociais da competência lingüística se organizam em sistemas de diferenças que reproduzem o sistema das diferenças sociais na ordem simbólica. Assim, todo ato de fala caracteriza-se como a apropriação de um ou outro estilo já constituído pelo uso e que corresponde a uma posição na hierarquia social. Portanto, o estilo adotado marca (lingüística, cultural e socialmente) aquele que dele se apropriou.

Logo, a variação lingüística é efeito (mas também causa) das diferenças sociais, da hierarquia social, dos padrões culturais adotados pelas sociedades.

Por maior que seja a parcela de funcionamento da língua infensa à variação, existe, tanto no plano da pronúncia, como no do léxico e mesmo da gramática, todo um conjunto de diferenças significativamente associadas a diferenças sociais. Embora negligenciáveis aos olhos do lingüista, tais diferenças se revelam pertinentes do ponto de vista do sociólogo porque fazem parte de um sistema de oposições lingüísticas que é a *retradução* de um sistema de diferenças sociais. (Bourdieu, 1996, p. 41)

As diferenças sociais, como já foi dito acima, estão associadas às condições políticas e sociais de aquisição da competência legítima. Essas condições são, na quase totalidade das vezes, desfavoráveis aos que têm menos ‘capital’. Daí resultou a preocupação de reabilitar as variedades populares, uma vez que os usos

populares e eruditos atuam no palco das relações de dominação entre classes⁴¹.

É possível perceber que Bourdieu destrói as fronteiras internas das dicotomias '*langue-parole*', de Saussure, e '*competence-performance*', de Chomsky. Assim, a competência lingüística não é um fenômeno puramente psíquico, mas psicossocial. Para Bourdieu (1996, p. 42),

os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se vêem condenados ao silêncio. Por conseguinte, o que é raro não é a capacidade de falar, inscrita no patrimônio biológico, universal e, portanto, não-distintiva, mas sim a competência necessária para falar a língua legítima que, por depender do patrimônio social, retraduz distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção.

A valorização da 'competência legítima' é lidimada pelo Estado, que lhe atribui *status* de 'língua oficial', uma vez que responde aos interesses de garantir a unidade de seus territórios⁴². Mas não somente por isso; a nação é uma entidade abstrata e fundada no direito, que necessita de uma língua-padrão (impessoal e anônima) para os usos oficiais. Assim, a língua oficial funciona como um código jurídico – sistema de normas que regem as práticas lingüísticas –, com legisladores (os gramáticos) e fiscais (os professores).

A língua oficial está enredada com o Estado, tanto em sua gênese como em seus usos sociais. É no processo de constituição do Estado que se criam as condições da constituição de um mercado lingüístico unificado e dominado pela língua oficial: obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, instituições políticas, etc.), esta língua de Estado torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas lingüísticas são objetivamente medidas. Ninguém pode ignorar a lei lingüística que dispõe de seu corpo de juristas (os gramáticos) e de seus agentes de imposição e de controle (os professores), investidos do poder de submeter *universalmente* ao exame e à sanção jurídica do título escolar o desempenho lingüístico dos sujeitos falantes. (Bourdieu, 1996, p. 32)

Para o estruturalismo de Durkheim, as relações sociais são determinadas por estruturas sociais dominantes. É uma visão fatalista do mundo, que enfatiza o 'consenso' e a 'ordem'. As estruturas sociais dominantes criam legislação que dê

⁴¹ Assim o fez Labov (1972a).

⁴² Claro está que a unidade do território não é garantida apenas pela unidade lingüística.

legalidade e garanta a sua perpetuação no poder.

A lingüística estruturalista do Século XX, a partir de Saussure, foi influenciada pelo modelo de Durkheim. A definição de língua como ‘código’ repleto de ‘normas’ foi importada da área do Direito, e tinha como ‘subtexto’ a necessidade de normalização para garantir a ‘ordem’ social.

A teoria da linguagem de Whorf (a rigor, uma teoria inspirada em Humboldt), que está na raiz desta visão da ação escolar como instrumento de “integração intelectual e moral” no sentido de Durkheim, apresenta certa afinidade com a filosofia durkheimiana do consenso, podendo-se comprovar tal proximidade pelo deslizamento que levou a palavra “código” do direito para a lingüística. O código (na acepção de cifra) que rege a língua escrita, identificada à língua correta, por oposição à língua falada (*conversational language*), implicitamente tida como inferior, adquire força de lei no e pelo sistema de ensino. (Bourdieu, 1996, p. 35)

A ‘gramática normativa’ recebe ‘eficácia jurídica’ através da escola, que é o principal meio de acesso a posições sociais de prestígio. Entretanto,

convém não esquecer a contribuição que a intenção política de unificação (também visível em outros domínios, como o do direito) traz à *fabricação* da língua que os lingüistas aceitam como um dado natural, também é preciso evitar imputar-lhe toda a responsabilidade pela generalização do uso da língua dominante, dimensão da unificação do mercado de bens simbólicos que acompanha a unificação da economia, bem como da produção e da circulação culturais. (Bourdieu, 1996, p. 37)

Então, no espaço social, há uma série de conflitos entre classes. E esses conflitos não se resolvem pelo consenso, porque são eles que transformam as diferenças entre classes (inclusive as lingüísticas) em ‘marcadores sociais’. Esses marcadores são elementos lingüísticos facilmente identificáveis quando há confronto social, político ou simbólico. Nesse sentido, “não é o espaço que define a língua, mas a língua que define seu espaço” (Bourdieu, 1996, p. 31).

Os discursos eruditos podem extrair sua eficácia da correspondência oculta entre a estrutura do espaço social no qual são produzidos (...) e a estrutura do campo das classes sociais no qual os receptores estão situados e em relação ao qual eles interpretam a mensagem. (Bourdieu, 1996, p. 27)

O ato comunicativo é um ato social, porque acontece em um dado

momento histórico, em lugar definido, está associado a um contexto discursivo e a uma conjuntura. Além disso, as condições sociais de produção de um discurso num ato comunicativo são interferidas por injunções, intimidações, avaliações, atitudes, experiências de mundo e visão de mundo da parte receptora desse discurso. A tudo que foi dito neste parágrafo, vou chamar 'cultura'. Logo, o ato comunicativo é um ato cultural.

É justamente neste aspecto que Bourdieu tem muito a contribuir para este trabalho. A partir das suas considerações acerca da linguagem no contexto social, tenho condições de ampliar o conjunto de definições de classe social, para além de aspectos econômicos e profissionais: incluindo, também, condicionadores culturais.

2.2 *A estratificação social por princípios profissionais e ocupacionais*

Chambers (1995, p. 34-101) concentra sua discussão de classe social nos aspectos importantes a serem considerados na construção de amostras sociolinguísticas. Afasta-se tanto quanto pode da discussão filosófica em torno de classes sociais. Entretanto, a menção que faz à aplicação das idéias marxistas carece de análise histórica mais abrangente:

O teórico social, Karl Marx (1818-83) postulava a revolução como o destino inevitável de todas as sociedades industriais. (...) Marx não podia ter imaginado que a classe operária, o proletariado que ele supunha deveriam ser 'os revolucionários', estaria envolvida no processo político de reforma em todas as nações do primeiro mundo. (...) Marx não podia imaginar com que extensão as sociedades do novo mundo como Austrália, Canadá, Nova Zelândia e especialmente EUA se tornariam protótipos de sociedades industrializadas no Século XX⁴³.

⁴³ Desde a Comuna de Paris (1872), muitos capitalistas europeus, sobretudo os ingleses, passaram a buscar novos lugares e mercados, onde não houvesse acirramento de posições ideológicas contrárias a seus interesses que pusesse em risco seu capital (o que pode ser um indício de que também eles acreditavam na possibilidade de revolução popular). Esse foi dos motivos mais importantes para a industrialização americana ter tido forte impulso no final do Século XIX; aliado a uma série de fatores: matéria-prima abundante, possibilidade de expansão e, especialmente, pelas características da classe trabalhadora. Entretanto, o modelo de capitalismo adotado incluiu inovações para evitar que os operários americanos dessem eco às aspirações dos operários europeus. O mesmo aconteceu, no Século XX, nos países citados por Chambers, mas principalmente no Japão pós-guerra, o que prova que o capital internacional move-se astutamente para lugares onde há baixo risco e onde não há tradição de lutas reivindicatórias pelas classes pobres da população.

Chambers postula que a divisão em classes sociais deve orientar-se prioritariamente pelo critério de ocupação. Por isso, deve contemplar apenas as classes média e trabalhadora, incluindo suas subdivisões, uma vez que a classe baixa não tem ocupação fixa e a classe alta não tem informantes suficientes para formar um grupo coeso. A proposta de Chambers (p. 37) está expressa na ilustração abaixo.

<i>Classe</i>	<i>Divisão</i>	<i>Ocupações</i>
<i>Classe Média (MC)</i>	Alta (UMC)	Proprietários, diretores, pessoas com riqueza herdada.
	Média (MMC)	Profissionais liberais, gerentes executivos.
	Baixa (LMC)	Semi-profissionais, chefes de setor.
<i>Classe Trabalhadora (WC)</i>	Alta (UWC)	Trabalhadores manuais treinados e experientes.
	Média (MWC)	Trabalhadores manuais com pouco treinamento e experiência.
	Baixa (LWC)	Trabalhadores sem treinamento e experiência, (safristas).

ILUSTRAÇÃO 2 – Divisão das classes sociais com ocupações gerais correlatas

Na concepção de Chambers, a divisão social básica da sociedade se dá entre trabalhadores manuais (classe trabalhadora, colarinho azul⁴⁴) e trabalhadores não-manuais (classe média, colarinho branco⁴⁵). Os trabalhadores não-manuais geralmente têm maior tempo de escolaridade, muitas vezes trabalham como supervisores dos trabalhadores manuais ou outras atividades de apoio, e recebem melhores salários. Entretanto, Chambers não vê conflito entre essas classes; ao invés, organiza-as em um *continuum* com diferenças sutis entre cada divisão. É bem verdade que essa visão da estruturação das classes facilita a análise quantitativa dos dados sociolinguísticos. Ela dificulta, entretanto, o entendimento de como essas classes se relacionam no contexto social e de quais são as repercussões linguísticas desse relacionamento, preocupações que devem fazer parte da pauta de investigação dos

⁴⁴ Referência aos operários das indústrias, que tradicionalmente usam macacões azuis.

sociolingüistas.

Para Chambers, a metáfora sobre a cor do colarinho revela que, para a distinção de classe social, o primeiro aspecto percebido é a ocupação; o segundo é o estilo de vestir-se, mas também as ‘maneiras’ e os gostos revelados pelo tipo de recreação e de entretenimento. No texto de Chambers, há a discussão de aspectos sociolingüísticos associados a classes sociais para o estabelecimento de amostras estratificadas e o melhor meio de construí-las. Ele faz um levantamento de trabalhos que se utilizaram de ‘amostras estratificadas’ e ‘amostras aleatórias’. A primeira, apoiada largamente na intuição do pesquisador e no seu conhecimento da população-alvo, se estabelece a partir de planejamento minucioso para a escolha dos informantes. Este tipo de amostra apóia-se em informações subsidiárias do estudo principal para a determinação da ordem de cada indivíduo no grupo. Em ‘amostras estratificadas’, portanto, aspectos desviantes do esperado são controlados pelo pesquisador. De outra forma, em ‘amostras aleatórias’, não há pré-seleção dos candidatos. Chambers (p. 39) está a demonstrar que as ‘amostras aleatórias’ do tipo utilizado em pesquisas de opinião, de *marketing* e em outras enquetes sociais, têm se mostrado, em verdade, desnecessárias e inaplicáveis na pesquisa sociolingüística dada a impossibilidade prática de análises lingüísticas refinadas.

Para Chambers, a ocupação tem papel prioritário no estabelecimento de classes sociais, uma vez que a ocupação revela, indiretamente, escolaridade e renda. Por isso, ele apresenta (1995, p. 42) um índice socioeconômico com 40 ocupações canadenses. Para o autor, “a prática de derivar índices socioeconômicos pela combinação de *status* ocupacional com *médias* de renda e escolaridade é uma abstração” (1995, p. 43) e que, em muitos casos, pode não refletir individualidades. A partir das posições defendidas neste texto, é possível postular-se que um ‘ranqueamento’ adequado por ocupações seria aquele que colocasse em uma

⁴⁵ Referência aos trabalhadores que usam terno e gravata.

extremidade pessoas com escolaridade alta e ótimo nível de renda e, em outra, pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade e baixo nível de renda.

Chambers cita os trabalhos de Labov (1966) e Trudgill (1974) em comparação com o de Macaulay (1976) para argumentar em favor da primazia da ocupação como um determinante de classe social. Macaulay produziu um estudo sociolingüístico em Glasgow baseando-se exclusivamente no critério ocupação para o estabelecimento de 'suas' classes sociais. Depois de classificação e categorização minuciosas chegou às seguintes classes: I – profissionais liberais e gerenciais; IIa – colarinhos brancos, não-manuais intermediários; IIb – manuais treinados e experientes; III – manuais com pouco ou nenhum treinamento e experiência. Chambers reconhece que a economia estagnada de Glasgow por mais de cinquenta anos impôs alguns limites à mobilidade social e ocupacional na cidade e deve ter tornado os marcadores lingüísticos de classe mais agudamente definidos. A conclusão a que chega é que

a correlação de variáveis lingüísticas dependentes com ocupação somente e com indicadores de classe complexos precisa ser, obviamente, testada em outras cidades. [Se os resultados obtidos em Glasgow refletem a realidade local], a possibilidade de se confiar largamente (se não exclusivamente) em ocupação como um indicador em estudos sociolingüísticos poderia ser um resultado interessante e bem-vindo. Quando muitos indicadores de classe são utilizados, cada um incrementa a incerteza de um índice individual. (Chambers, 1995, p. 47) [itálico meu]

Chambers (1995, p. 48) deu destaque, também, aos 'marcadores de classe' (quando lingüísticos, são formas características de determinada(s) classe(s): por exemplo, '*cantemo*' no português popular gaúcho). As classes sociais impõem barreiras à comunicação.

Mesmo em sociedades em que as classes sociais não oferecem resistência a indivíduos ambiciosos, muitas pessoas as marcam em suas interações significativas com pessoas que lhes são similares economicamente, em ocupação ou em escolha de atividades de lazer. Pessoas que ascendem na escala social, ultrapassando uma ou duas classes da de seus pais, muito freqüentemente se entrincheiram em sua nova classe o mais longe possível em vez de tentar manter relações em duas classes.

Esses 'marcadores de classe' desempenham um papel semelhante ao da

'identidade' em relação aos grupos sociais. Chambers procura provar que a estratificação social pode ser percebida e (talvez delimitada) por 'marcadores lingüísticos de classes sociais', que se materializam pela utilização de formas lingüísticas com variabilidade diferenciada em cada classe, em escala crescente ou decrescente (conforme o caso).

Chambers, ao tratar da 'mobilidade social e ocupacional', afirma que a principal diferença entre uma sociedade dividida em 'castas' e uma dividida em 'classes' é a mobilidade, presente nesta, ausente naquela. Mobilidade é, portanto, entendida como a passagem de um indivíduo de uma classe social para outra. Em uma sociedade de classes há possibilidade de mobilidade social, embora nem sempre fácil quando ascendente; em uma sociedade de castas, contudo, a mobilidade é impossibilitada, porque os indivíduos estão ligados à casta de seus ascendentes, de seus ancestrais. Também neste assunto, Chambers (1995, p. 53) postula a idéia de *continuum*: "mais do que tipos diferenciados de organização social, os sistemas de classe e os sistemas de castas parecem ser pólos em um *continuum*." Isto posto, a falta de mobilidade em sociedades de castas está atrelada à ocupação e ao papel social dos indivíduos na comunidade, ao passo que o grau maior ou menor de mobilidade em sociedades de classe está vinculado ao nível de desenvolvimento econômico da sociedade e à ocupação. Segundo Chambers (1995, p. 53) "é provavelmente seguro dizer que em nações desenvolvidas a oportunidade para as pessoas alterarem seu *status* social é, pela primeira vez na história, presumivelmente um direito inalienável.⁴⁶" E a mobilidade social traz conseqüências para a variação lingüística. Para Chambers (1995, p. 55):

Sob circunstâncias normais, em vez de carregar suas marcas da classe trabalhadora para a classe média, indivíduos que ascenderam ajustam a freqüência de certas

⁴⁶ Em sociedades capitalistas, a mobilidade social e ocupacional é uma aliada valiosa nos processos de seleção e recrutamento de mão-de-obra, porque aumenta a concorrência por vagas em várias frentes e permite a formação do que Marx chamou de 'exército nacional de reserva' de mão-de-obra.

variáveis lingüísticas de forma a parecer-se mais com a classe a qual estão se ligando e menos com a que estão abandonando⁴⁷.

Contudo, os indivíduos que ascendem não só usam muito menos variantes estigmatizadas do que os indivíduos da classe que estão abandonando, mas também menos do que os indivíduos da classe para a qual estão se mudando (a isso Labov chamou *hipercorreção*). O mesmo é válido para as variantes prestigiadas, isto é, os indivíduos em mobilidade utilizam mais dessas variantes dos que os indivíduos estáveis.

Então, como já mencionei anteriormente, minha intenção é tentar entender de que maneira essas concepções de classe social podem ser relacionadas à comunidade pelotense através do estudo de concordância de segunda pessoa do singular, que passo a abordar na subseção a seguir.

2.3 A concordância

A concordância é um princípio que provoca a adaptação de termos dependentes (determinantes) a categorias gramaticais de termos principais (determinados). Segundo Robins (1981, p. 232),

a concordância pode ser definida como a exigência de que as formas de duas ou mais palavras de classes de palavras específicas que estão numa relação sintática específica umas com as outras sejam também caracterizadas pela mesma categoria (ou categorias) paradigmaticamente marcadas.

É um princípio herdado do Latim, que o exigia nas suas complexas flexões. Em português, entretanto, vem se experimentando um processo de simplificação desse princípio. As flexões foram reduzidas a gênero e número para os nomes⁴⁸ e a número e pessoa para os verbos.

⁴⁷ Aqui o processo é visto como relacionado a indivíduos. Mas há também 'mobilidade social coletiva' – e.g., na migração rural-urbana e na escolarização em massa, etc. – que podem envolver perda de marcas rurais, uso de símbolos de poder, etc.

⁴⁸ É importante salientar que foram eliminadas (ou quase o foram totalmente) em português as flexões de 'gênero neutro', de 'grau' e de 'caso'.

Estamos familiarizados com o princípio de concordância em Latim e Grego. Muitos de nós temos sido afetados por inexoráveis rimas como em *vidi illum bonum dominum* [vi aquele bom senhor]. (...) A essência do princípio é simplesmente isso, que palavras (elementos) que permanecem juntas – particularmente se são equivalentes sintáticos ou estão relacionados de algum modo a outra palavra ou elemento – são marcadas pelo mesmo afixo ou por outros afixos que lhe sejam funcionalmente equivalentes. A aplicação do princípio varia consideravelmente de acordo com o ‘gênio’ de cada língua em particular. (Sapir, 1949, p.114-5)

Bloomfield (1962) propõe uma divisão em categorias dos tipos de concordância verbal do inglês.

Um exame mais aprofundado nos mostra muitas possibilidades de seleção: (1) muitas expressões verbais finitas, como *can*, *had*, *went*, aparecem com qualquer agente; (2) muitas, como *run: runs*, apresentam a dupla seleção descrita a seguir; (3) uma outra, *was: were*, apresentam uma seleção dupla que não concorda com o precedente; (4) finalmente, *am: is: are* apresentam a tríplice seleção com uma forma especial que acompanha o agente *I*, precisamente a forma agentiva não concordante com (2) e (3):

	(1)	(2)	(3)	(4)
A	I can	I run	I was	I am
B	the boy can	the boy runs	the boy was	the boy is
C	the boys can	the boys run	the boys were	the boys are
	A = B = C	A = C	A = B	

(...)

Em nosso exemplo, ‘*agreement*’ é o tipo mais simples, que é geralmente chamado ‘concordância’: se o agente é uma forma da subclasse A, a ação deverá ser da subclasse A, e assim por diante. (Bloomfield, 1962, p. 190-1).

Em português, a concordância resultou um processo lingüístico de repetição de marcas morfológicas atribuídas a um núcleo de sintagma, que permitem perceber ‘gênero’, ‘número’ e ‘pessoa’. Por exemplo, em “...os guri dizendo, né, que tu tem que dançar, tem que chegar nas guria...” (VarX 1, cód. 48) é possível saber-se que ‘os guri’ e ‘as guria’ se referem a mais de uma pessoa pela presença da marca no adjunto, ainda que não esteja expressa a marca de plural nos núcleos dos sintagmas; também é possível saber-se que ‘tem que chegar’ refere-se à segunda pessoa do singular por sua relação com ‘tu tem que dançar’, ainda que nenhuma das formas verbais contenham marca de concordância. Assim, a expressão da idéia de plural, concomitantemente, em ‘os’ e ‘guris’ caracterizaria a concordância nominal e a expressão da idéia de segunda pessoa do singular ‘tu’, ‘tens’ e ‘tens’ caracterizaria a concordância verbal.

Para o caso específico da concordância de segunda pessoa do singular, Joaquim Mattoso Camara Jr. propõe:

O padrão especial mais relevante é o que estabelece uma oposição entre o radical de⁴⁹ IdPt₂, IdPt₃, Sb₂Pt, Sb₂Ft e o das outras formas verbais. Podemos dizer que do radical R destas últimas formas se distingue um radical R' daqueles tempos. (...) No mais, todas as formas de R' são perfeitamente regulares, ou seja, com as desinências de pleno acordo com o padrão geral.

O tema teórico é dado pela segunda pessoa do indicativo pretérito perfeito (P2 IdPt₂), uma vez abstraído o sufixo número-pessoal SNP –*ste*.

Temos assim: (...)

2a) 6 verbos em que há, indiferenciado ou não, um –e, átono final, com confluência entre duas formas número-pessoais:

/dis/. Cf. *disseste*: (eu, ele) *disse*.

/kis/. Cf. *quiseste*: (eu, ele) *quis*.

/kowb/. Cf. *coubeste*: (eu, ele) *coube*.

/owv/. Cf. *houveste*: (eu, ele) *houve*.

/trows/. Cf. *trouxeste*: (eu, ele) *trouxe*.

/sowb/. Cf. *soubeste*: (eu, ele) *soube*.

2b) 3 verbos de P 1, 3 IdPt₂ atemáticos, opostos por uma alternância /i:/e/ :

/fiz/. Cf. *fizeste*: (eu) *fiz*, (ele) *fez*.

/tiv/. Cf. *tiveste*: (eu) *tive*, (ele) *teve*.

/estiv/. Cf. *estiveste*: (eu) *estive*, (ele) *esteve*.

2c) 2 verbos de P 1, 3 IdPt₂ opostos por uma alternância /u:/o/ :

/pudel/. Cf. *pudeste*: (eu) *pude*, (ele) *pôde*.

/puz/. Cf. *puseste*: (eu) *pus*, (ele) *pos*.

2d) 1 verbo de P 3, 1 IdPt₂, opostos por uma alternância /o:/u/ :

/fo/. Cf. *foste*: (ele) *foi*, (eu) *fui*.

(...)

(Camara Jr., 1972, p.102-3)

A aplicação da marca de concordância utiliza o núcleo do sintagma como parâmetro para a flexão de adjuntos. Assim, a flexão é o que sinaliza ao ouvinte que acione esquemas mentais de interpretação da idéia de número (por exemplo), por isso sua presença é obrigatória em um sintagma, sem a qual não se poderia perceber tal idéia. A concordância (*stricto sensu*)⁵⁰, entretanto, é facultativa. Por esse motivo, seu uso adquire outros valores e funções: estilísticos, discursivos, pragmáticos e sociolinguísticos.

Através da concordância se pode perceber mais do que o desejo de expressar número ou gênero. O uso ou não de marcas de concordância pode ajudar

⁴⁹ 'Id' – indicativo; 'Sb₂' – subjuntivo; 'Pt₂' – pretérito perfeito; 'Pt₃' – pretérito-mais-que-perfeito; 'Pt' – pretérito imperfeito; 'Ft' – futuro; 'P2' – segunda pessoa do singular.

⁵⁰ Aqui refiro-me a concordância lingüística formal. A concordância ideológica – de caráter psicolingüístico, um *constructio ad sensum* – é obrigatória. Ou seja, refiro-me apenas à relação entre formas dentro do sintagma (neste caso, e.g., em 'os guri' não há concordância); não me refiro à relação entre a forma lingüística e seu conteúdo semântico (caso em que haveria concordância em 'os guri' ou 'os guris', com ou sem marca).

na percepção do estilo de conversação (se formal, semi-formal ou informal), na identificação do sujeito discursivo (pessoa do discurso, relações de poder, posição ideológica), na categorização social do interlocutor (por exemplo, sua classe social, seu grau de escolaridade e de cultura letrada, sua etnia).

2.3.1 *A concordância verbal em Guy (1981)*

Guy (1981), em sua tese de doutorado, aborda a concordância de terceira pessoa do plural considerando a interação entre seus aspectos fonológicos e morfossintáticos. Essa interação manifesta-se na desnasalização de vogais finais, o que afeta a terceira pessoa do plural e na concordância nominal – já que o morfema ‘-s’ e o segmento /s/ são coincidentes. É importante destacar que também no caso de concordância de segunda pessoa do singular existe diferença de índice de apagamento da desinência número-pessoal ‘-s’ em relação ao segmento /s/ em geral, conforme demonstrou Guy (2000, p. 24).

Uma das principais questões a que Guy (1981) se esforçou por responder é se “Estará a variação [em P6], necessariamente, associada à mudança lingüística?” Essa questão – e seu complemento, *i.e.*, em que direção se daria tal mudança – serviu de combustível para inúmeros debates nestes últimos vinte anos. A discussão a que me refiro aqui é *se está havendo aquisição ou perda de concordância no português brasileiro*.

Para Guy (1981, p. 3), “alguns traços do português brasileiro podem ser vistos como continuações, ou extensões, de longínquos ‘processos históricos’ na língua portuguesa”, desde sua formação na Europa. Contudo, também no português brasileiro, há processos lingüísticos ‘naturais’ ou ‘universais’ (preferência pela estrutura silábica CV; pelo apagamento das sibilantes finais) que podem ter surgido

em virtude do contato com ‘línguas africanas’⁵¹. O autor estabelece, por esse motivo, a distinção entre o Português Popular do Brasil – das classes mais baixas, de maioria negra ou mestiça, com pouca escolaridade, com possivelmente traços de origem crioula – e o Português Padrão do Brasil – das classes mais altas, de maioria branca, escolarizada, mais influenciada pelo português europeu, sem traços de origem crioula. É importante lembrar que seu estudo focaliza a variedade carioca do português brasileiro e caracteriza o Rio de Janeiro como importante centro cultural e econômico e como centro de prestígio nacional e de difusão dialetal.

O trabalho de Guy – que utiliza dados do vernáculo retirados de gravações de fala de informantes do projeto “Competências Básicas do Português” – foi elaborado nos moldes da “Teoria da Variação Laboviana”. Guy estudou falas de alunos do MOBREAL e a variação sintática no dialeto popular⁵².

Foram adotados, em seu trabalho, procedimentos diferenciados para focalizar, de um lado, ‘-s final’ e ‘plurais nominais’ e, de outro, ‘monomorfemas terminados em vogal nasal átona’ e ‘plurais verbais’. Guy estuda as reminiscências do latim e do romance no português: a estrutura interna do SN e a concordância em gênero e número; perda de muitos dos padrões de concordância de caso, mas manutenção *número, gênero, pessoa*. Ele explica e exemplifica os processos de variação na concordância de número (CSV – concordância sujeito-verbo; CSN – concordância dentro do SN). E apresenta evidências de como opera a concordância de número (-s; -N), evidências históricas do apagamento de ‘-s’ e de ‘-n’. Anota Guy, ainda, que esses fenômenos de apagamento são mais comuns nas classes mais baixas, visto que classes mais altas são mais conservadoras e as classes trabalhadoras são mais inovadoras:

⁵¹ Em virtude disso, Guy compara o desenvolvimento do PB com o de pidgins e crioulos do Caribe.

⁵² A amostra é composta de 20 informantes: 9 mulheres e 11 homens, todos analfabetos, das classes trabalhadora e baixa.

A distribuição social de uma inovação lingüística é, portanto, de crucial importância para o entendimento da relação entre o *status* sincrônico da linguagem e seu desenvolvimento histórico (Guy, 1981, p. 86).

Essa conclusão está em consonância com as concepções de Labov (1996, p. 158) e Trudgill (1997, p. 181).

Guy menciona que há duas considerações a serem levadas em conta sobre a concordância: (1) sua função é facilitar a percepção da ordem dos elementos no sintagma (ordem temporal x flexão); (2) muito da informação veiculada por regras de concordância é redundante. Em virtude dessas considerações, é necessária a postulação de uma regra específica de concordância de pessoa em CSV para os fatos observados no PB-popular. Segundo Guy, o PB-padrão preserva alguns padrões de concordância encontrados no latim (as regras nessa modalidade são obrigatórias e invariáveis).

A concordância de número é de dois tipos: Concordância dentro do SN (CSN) e Concordância Sujeito-Verbo (CSV). No primeiro caso, no PB-popular, a concordância de número se faz geralmente com uma ou duas marcas no início do SN. É observado pelo autor que, *e.g.*, em “as casa branca”, mesmo não havendo concordância, a pluralidade está garantida.

Então,

o dialeto popular tem concordância de número variável em CSN e CSV (...). A concordância de gênero é essencialmente invariante e obrigatória. O efeito cumulativo da variação em CSN e CSV é produzir muitas ‘sentenças no plural’ contendo apenas uma marca de plural, que geralmente está posta no SN-sujeito. É interessante observar que este é precisamente o padrão de marca de plural que o inglês tem hoje em todos os tempos verbais, exceto no presente (Guy, 1981, p. 108).

Com relação à CSV, Guy faz a descrição das variáveis escolhidas para a análise do processo de *desnasalização* e de *concordância sujeito-verbo*, justificando a escolha de cada uma e apresentando os resultados estatísticos.

O processo de desnasalização é entendido como a perda do traço nasal em consoantes e vogais em final de palavra. Esse processo pode ser sintetizado pela

regra: [+nas] → [-nas] / ___# . O autor estabelece algumas variáveis que podem estar associadas à aplicação dessa regra: o traço nasal em elementos precedentes e seguintes, a qualidade da vogal nasal alvo, o acento, a categoria morfológica da palavra e aspectos sociais. As conclusões mais importantes são que (1) consoantes palatais precedentes, (2) vogais orais e consoantes plosivas velares não-sonoras favorecem a desnasalização e que (3) homens fazem maior uso de desnasalização.

O fenômeno da concordância Sujeito-Verbo é entendido, no trabalho de Guy (1981), como expressão da forma de relacionamento entre o SN-sujeito e o núcleo do SV. No Português popular do Brasil – variedade carioca – esse fenômeno é de dois tipos: de pessoa e de número.

O autor baseou-se nos trabalhos de Lemle & Naro (1977) e Guy & Braga (1976) para determinar os condicionadores da concordância sujeito-verbo. O primeiro tomava em consideração a presença do SN-sujeito em relação ao verbo⁵³. Como resultado, Guy anotou que há mais concordância quando o sujeito precede imediatamente o verbo e há menos quando o sujeito segue o verbo. Com relação ao tipo de sujeito, há a menção no texto (1981, p. 254) de que há uma covariação relativamente forte entre Concordância dentro do SN e Concordância Sujeito-Verbo, que pode ser assim resumida: “quando o elemento anterior tiver falhado ao aplicar concordância, o seguinte também será provavelmente compelido a não aplicar concordância”. Guy, entretanto, sugere através de pergunta que pode haver uma outra explicação: “Pode ser que as duas regras sejam de fato uma, que simplesmente se aplica da esquerda para a direita ao longo da oração marcando todas as palavras passíveis de pluralização (em posições sintáticas apropriadas)?”

O segundo condicionador, ‘categorias morfológicas’, contempla a idéia de

⁵³ Nas posições: imediatamente precedente, distantemente precedente, posposto, em pergunta do entrevistador e próximo no discurso (mas não-especificado); considerava, ainda, se era sujeito nulo ou se havia concordância com complemento.

*saliência*⁵⁴, examinada por Naro (1981), dividindo-a em categorias hierarquicamente organizadas. Como resultado, julga que 'é-são' e 'pretéritos' apresentam plural marcado com mais frequência, justamente porque são mais 'salientes'. Das dimensões sociais investigadas, apenas gênero produz distinções: mulheres se aproximam mais do dialeto prestigiado.

A tese de Guy é a de que o PB-popular falado no Rio de Janeiro⁵⁵, porque tem grande influência dos falares de negros (cujas maioria utiliza essa variedade de fala), é resultado de processo de crioulização seguida de descrioulização. Ao discutir as possíveis origens do português popular brasileiro, ele apresenta duas hipóteses diferentes para as variedades existentes hoje. A mais simples (1) sugere que tenha sido fruto da evolução natural da língua com propulsores internos e diverge do português padrão por causa da estratificação social. A outra abordagem (2), apoiada na história social do Brasil, sugere que o PB-popular tenha surgido de pidgins e crioulos⁵⁶ falados predominantemente por grupos africanos no período colonial, que, através do longo contato com falantes do padrão, passou por um processo de descrioulização. Guy apresenta evidências lingüísticas (fonológicas e morfossintáticas), históricas e sociais para sua opção pela segunda hipótese.

As críticas que têm sido feitas a Guy por sua opção são baseadas principalmente na convicção de que os seus resultados não podem ser generalizados para todo o país, porque a influência negra foi mais importante no litoral do nordeste e do sudeste (entende-se, assim, que o português popular do sul do país teria recebido menos influência dos falares negros, o que precisa ser melhor averiguado). O que

⁵⁴ Nesta concepção, quanto mais material fônico têm as formas passíveis de aplicação de regra fonomorfofossintática, mais são percebidas pelo falante; logo, mais suscetíveis à aplicação da regra de *saliência* fônica.

⁵⁵ Guy toma o cuidado de mencionar que seu trabalho estuda o dialeto carioca, e que seus resultados não devem ser generalizados para todo o país.

⁵⁶ Que se teriam formado a partir do contato lingüístico entre brancos, falantes de português, e escravos negros africanos trazidos para as lavouras de cana-de-açúcar, falantes principalmente de banto, iorubá e

essas críticas sugerem é que a concordância ocorre num único sentido: o da perda de marcas. Bortoni-Ricardo (1985, p.240) e Baxter (1995, p. 76), em contrapartida, postulam que enquanto alguns falantes da comunidade *perdem* marcas, outros há que *adquirem* marcas.

2.3.2 A concordância verbal de segunda pessoa do singular

O estudo mais abrangente sobre a concordância verbal de segunda pessoa do singular no Sul do Brasil foi desenvolvido por Loremi Loregian. Desse estudo resultou sua Dissertação de Mestrado. O trabalho de Loregian (1996) propõe uma descrição desse tipo de concordância no português falado no Sul do país sob a observância dos preceitos labovianos de variação lingüística. Por esse motivo, e pela qualidade de suas considerações, esse trabalho de Loregian tornou-se referência obrigatória nos estudos de concordância verbal.

Loregian (1996, p. 1) tem como tema a “análise quantitativa da concordância verbal com o pronome sujeito de segunda pessoa (pronome TU) na fala de informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha.” Ela utilizou sessenta entrevistas do Banco de Dados do Projeto VARSUL (24 entrevistas com informantes de Porto Alegre e 36 com informantes de Florianópolis) e doze entrevistas coletadas no Ribeirão da Ilha por Cláudia Brescancini. Ao todo foram analisadas 2100 ocorrências nas 72 entrevistas.

As variáveis lingüísticas estudadas por Loregian (1996) foram: paralelismo formal, interação emissor/receptor, explicitação do pronome sujeito, tempo verbal, saliência fônica, tonicidade do verbo, nº de sílabas do verbo e contexto fonológico seguinte. Com relação ao paralelismo formal (1996, p. 41-50), ela buscava testar a hipótese de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, defendida por

Poplack (1980). Para a variável “Interação Emissor/Receptor”, Loregian (1996, p. 56-9) tinha a hipótese de que haveria mais marcas de concordância quando o falante se dirigisse ao entrevistador, por ser este uma pessoa não-íntima do falante. Com ela, procurava entender também o papel de discurso reportado e de marcadores discursivos, além da interação emissor/receptor, no processo de concordância verbal de segunda pessoa do singular. Para a variável ‘explicitação do pronome’, Loregian (1996, p. 51-5) tinha como hipótese que a não-explicitação do pronome permite que haja mais concordância. Ela demonstrou convicção de que a variável ‘tempo verbal’ tinha influência sobre o processo de concordância (1996, p. 31). Os resultados encontrados fizeram com que Loregian percebesse que havia falta de ortogonalidade entre os dados desta variável e da variável ‘saliência fônica’, uma vez que, e.g., todas as formas de ‘-ste/-sse’ estão no pretérito perfeito do indicativo. Assim, Loregian (1996, p. 60-1; 64-78) considerou a sobreposição entre essas variáveis para produzir sua análise definitiva. A hipótese que norteou a construção da variável ‘saliência fônica’ foi a de que “as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas do que as menos salientes” (1996, p. 32). A variável ‘tonicidade do verbo’ apoiou-se na hipótese de que os verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que vai receber a flexão de segunda pessoa, são mais marcados do que paroxítonos. Para Loregian, a hipótese de que verbos com maior número de sílabas, por serem mais perceptíveis, são os mais marcados, motivou-lhe a estabelecer uma variável ‘número de sílabas do verbo’. Para a variável ‘contexto fonológico seguinte’ adotou a seguinte hipótese: “Havendo pausa após o verbo, por chamar mais a atenção do ouvinte, a concordância será maior” (1996, p. 32).

As variáveis sociais analisadas por Loregian (1996) foram (1) região, (2) grau de escolarização, (3) faixa etária e (4) gênero. Com relação à ‘região’ (91-5), ela tinha como hipótese que Ribeirão da Ilha (localidade afastada da zona urbana de Florianópolis, cujos hábitos e costumes açorianos são ainda hoje muito valorizados)

lidera a concordância verbal. A variável social 'grau de escolarização' (1996, p. 96-7) teve como hipótese que “quanto maior a escolarização do falante, maior será também a concordância verbal em estudo” (1996, p. 34). A variável faixa etária – cuja hipótese que a justifica era: “os informantes com mais de 50 anos, por serem mais conservadores, fazem mais concordância verbal que os demais” (Loregian, 1996, p. 34) – contemplava as faixas etárias: (a) de 15 a 24 anos, (b) de 25 a 49 anos; (c) mais de 50. Por fim, a variável 'gênero' tinha como hipótese que “informantes do sexo feminino fazem mais concordância verbal que os do sexo masculino” (Loregian, 1996, p. 34).

Os resultados estatísticos produzidos pelo Varbrul revelam que o comportamento lingüístico de cada localidade é diverso – considerando-se principalmente a oposição entre a capital gaúcha e as localidades catarinenses integrantes da amostra. E essa diversidade é gerada por razões diferentes, como demonstra o quadro abaixo.

Ordem de seleção	Porto Alegre	Florianópolis	Ribeirão da Ilha
1 ^a	Paralelismo formal	Paralelismo formal	Paralelismo formal
2 ^a	Tempo Verbal	Saliência fônica	Tempo Verbal
3 ^a	<i>Sexo</i>	Explicitação do pronome	Explicitação do pronome
4 ^a	<i>Faixa Etária</i>	Interação emissor/receptor	Interação emissor/receptor
5 ^a		Tonicidade do verbo	Tonicidade do verbo
6 ^a		<i>Grau de escolarização</i>	Nº de sílabas do verbo
7 ^a		Nº de sílabas do verbo	Cont. fonológico seguinte
Taxa de concordância	4 %	40 %	57 %

ILUSTRAÇÃO 3 – Ordem de seleção das variáveis pelo Varbrul em Loregian (1996), quando as localidades foram consideradas amostras diferentes

Está demonstrado que Porto Alegre tem um padrão de concordância de segunda pessoa do singular bastante diferenciado das outras duas localidades. Esses resultados estão em consonância com as condições históricas, sociais e culturais de formação e desenvolvimento de cada uma. Com isso, se pode inferir que a concordância de segunda pessoa do singular ocorre, também, por razões históricas, independentemente de avaliação do grau de formalidade da situação de entrevista

pelo informante.

Embora os resultados associados à variável 'faixa etária' sofram a influência de assimetrias contidas nos dados (em Porto Alegre não há a faixa de 15 a 24 anos), esses resultados apontam para uma tendência à variação estável em Porto Alegre e Florianópolis. Em Ribeirão da Ilha, ao contrário, parece haver um processo de mudança em andamento que aponta para a perda de concordância. Como demonstram os percentuais apresentados no gráfico a seguir.

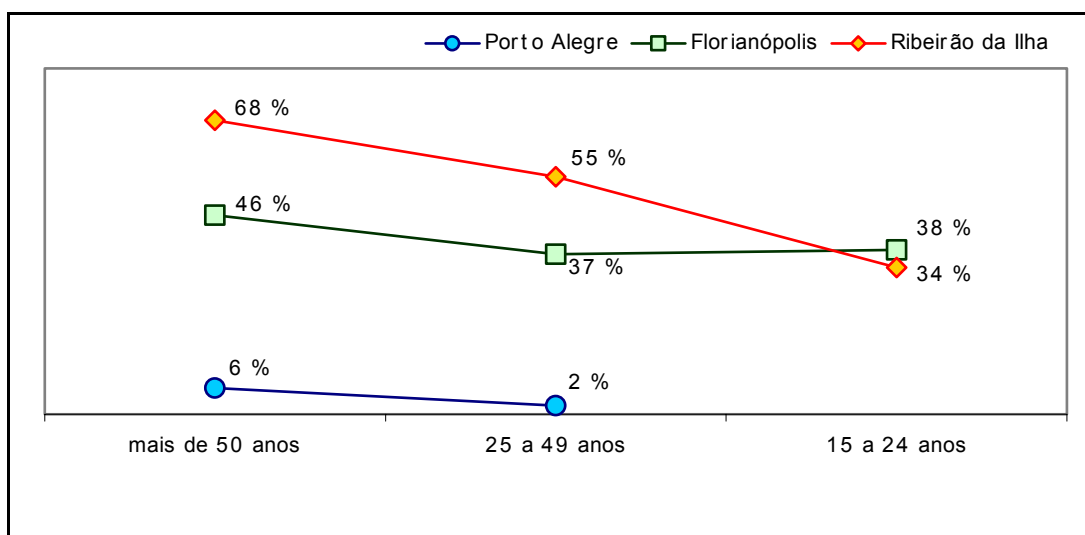


ILUSTRAÇÃO 4 – Percentuais de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular por faixa etária em Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha segundo Loregian (1996, p. 105)

Este trabalho de Loregian fornece material para uma série de reflexões. Ele permite que sejam imitados seus acertos e que sejam propostas alternativas de resposta àquilo que pode ser mais aprofundado, eventualmente. Em vista disso, na subseção 3.4.2.2.2, vou propor alguns poucos ajustes a fatores da variável 'paralelismo formal' proposta por Loregian (1996).

Um outro trabalho a ser mencionado é o de Paredes Silva (1996, p. 538-46). Ela analisou a variação você/tu na fala carioca como formas de referência ao sujeito da segunda pessoa. Seu estudo valeu-se da teoria da variação desenvolvida

por Labov a partir de 1966 e da teoria dos atos de fala proposta por Searle (1984).

Os resultados de Paredes Silva surgiram da análise de sete gravações de interações naturais. Foram gravações realizadas na casa ou em mesas de bar no Rio de Janeiro. A esse banco de dados ela chamou 'corpus 2', e cujas variáveis sociais controladas foram gênero e faixa etária. No total, no trabalho, há 368 referências às formas 'você' ou 'tu'.

As variáveis lingüísticas estudadas por Paredes Silva (1996) foram: (a) tipo sintático da oração; (b) caráter específico ou genérico do referente; (c) tipo do ato de fala. A variável 'Tipo sintático da oração' tinha como fatores: (a) orações independentes, (b) orações não-independentes. Sua expectativa era que houvesse o "predomínio do pronome *tu* em frases simples e diretas, sintaticamente expressas em orações independentes" (p. 542). A variável 'Caráter específico ou genérico do referente' valeu-se dos fatores: (a) referência específica, (b) referência genérica. Para esta variável, a expectativa de Paredes Silva (1996, p. 543) era que o pronome *tu* estivesse associado a referências genéricas. A terceira variável, 'Tipo do ato de fala', tinha como fatores: (a) pedido/sugestão, (b) pergunta, (c) ordem, (d) asserção. Destas apenas a terceira variável foi selecionada pelo Varbrul, e o fator mais importante para a escolha de 'tu' foi 'pedido/sugestão'.

Com relação aos grupos de fatores sociais, foi selecionada como relevante para a análise em questão a variável 'Faixa etária', cujos fatores eram: (a) 10-19, (b) 20-29, (c) 30-39. O fator mais importante foi (b).

Segundo Paredes Silva (1996, p. 545), em virtude dos resultados (64 % de ocorrência de *tu*), "fica patente que o pronome 'você' está perdendo terreno no Rio de Janeiro, à medida que o pronome 'tu' vem aparecendo em atos de fala diretivos, especialmente perguntas e pedidos, em referências específicas, em orações independentes".

Este trabalho, então, soma-se aos outros que procuram descrever a

variação associada a pronomes de segunda pessoa do singular (e sua relação com a concordância verbal). A maior contribuição que este texto de Paredes Silva traz para a presente pesquisa é a revelação de que a 'reinserção' do pronome 'tu' no dialeto carioca parece se dar, categoricamente, sem a marca de concordância.

Hausen (2000) produziu sua dissertação de mestrado sobre os falares do interior de Santa Catarina. Grosso modo, seu trabalho é a continuação dos estudos de Loregian (1996). O estudo buscou providenciar "uma análise das variações lingüísticas a respeito da concordância verbal com o pronome sujeito tu, de segunda pessoa, em comparação com as ocorrências do pronome sujeito você, também de segunda pessoa, na fala de informantes de Blumenau, Lages e Chapecó" (Hausen, 2000, p.1).

Hausen fez sua análise com base na teoria da Variação de Labov em 2155 dados (561 para tu, 1594 para você) retirados de 72 entrevistas (24 de cada cidade) do Banco de dados Varsul. À exceção de 'contexto fonológico seguinte', todas as variáveis e seus fatores, bem como as hipóteses que as sustentam são idênticas às propostas por Loregian (1996). O aspecto positivo disso é que há a possibilidade de comparação entre os resultados; o negativo, entretanto, é que não houve nenhum avanço, nem nos aspectos que Loregian anotou como limitadores do alcance de sua análise, como, por exemplo, da não inclusão de um estudo sobre mudança lingüística.

Foram quatro as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes pelo Varbrul. Dessas, as variáveis lingüísticas eram 'tempo verbal' e 'explicitação do pronome'. A variável 'tempo verbal', a segunda a ser escolhida, teve como fator mais significativo o pretérito perfeito do indicativo. Isso corrobora os resultados de Loregian. A variável 'explicitação do pronome', a terceira selecionada, teve como fator mais importante 'tu ausente'. Também aqui há coincidência de resultado.

As variáveis sociais 'gênero' e 'escolarização' também são idênticas às de Loregian (1996). A variável 'faixa etária' compartilhava com Loregian a mesma hipótese, mas tinha apenas dois fatores: (a) de 20 a 50 anos; (b) mais de 50. A

variável 'região' (cujos fatores eram 'Blumenau', 'Lages' e 'Chapecó'), entretanto, tinha como hipótese que Blumenau aplica mais concordância por estar próxima à região de colonização açoriana.

A variável 'região' foi a primeira a ser selecionada pelo Varbrul. A hipótese de Hausen (tal como ela a propôs⁵⁷) estava correta, pois Blumenau foi o fator mais significativo. A outra variável social selecionada foi escolarização, cujo fator mais importante era 'ginásio'. Isso vai contra a hipótese adotada e contra a gradação apresentada por Loregian (1996). Dado que esse trabalho é assaz parecido com o de Loregian (1996), as observações que fiz acima valem também para Hausen (2000).

Portanto, de acordo com o que expus até aqui, é importante considerar que uma adequada definição de classe social depende de condicionadores determinados pelo contexto social, temporal e espacial, e que esses condicionadores podem privilegiar ora aspectos econômicos, ora ocupacionais, ora educacionais, ora culturais e ora uma interação desses aspectos. Também é importante considerar que há condicionadores lingüísticos da concordância variável de segunda pessoa do singular. O que vou apresentar nas próximas seções são procedimentos e resultados de uma pesquisa que se inspirou nas concepções de classe social e de concordância apresentadas neste capítulo.

⁵⁷ A explicação "estar próxima de colonização açoriana" pode não ser completa, uma vez que Hausen não considerou aspectos históricos (como a proibição do ensino de alemão).

3 A METODOLOGIA


Os procedimentos descritos nesta seção referem-se à estruturação do Banco de Dados Sociolingüísticos Variáveis por Classe Social – VarX – levada a termo em Pelotas, RS, e às questões metodológicas que envolvem este estudo de concordância verbal de segunda pessoa do singular. O VarX iniciou como um projeto pessoal em princípios de 2000, como parte fundamental à elaboração desta tese. Depois de preparado o projeto do VarX, convidei a participar como executora das entrevistas a hoje Professora Giane dos Santos Jucoski, que em 1999 havia sido minha bolsista de iniciação científica no Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e da Campanha Sul-rio-grandense – BDS Pampa (UFPel e UCPel). Mais tarde, já no final de 2000, uniu-se ao projeto, meu colega de UFPel, o Professor Paulo Borges.

Nesta seção, estão descritos a construção do *corpus* (a escolha dos informantes, os critérios, os dados de fala e os questionários) e os procedimentos de análise.

3.1 *A construção do corpus*

A construção do VarX surgiu da necessidade de se estudar com maior profundidade aspectos referentes a classes sociais (ocupação/profissão, renda/patrimônio e escolaridade) e suas implicações lingüísticas. Para tanto, inicialmente, projetei o VarX com base na experiência adquirida com o planejamento e execução do BDS Pampa, com as discussões – sobre os acertos e os problemas

desse banco de dados de fala e do Varsul – com várias pessoas⁵⁸, com a leitura de vários textos sobre aspectos importantes a serem considerados quando da construção de bancos de dados lingüísticos variáveis – especialmente em Labov (1972b, 1973, 1974 e 1983), Guy (1987) e Chambers (1995).

Embora haja em Pelotas um banco de dados sociolingüístico (BDS Pampa) em moldes muito parecidos ao VarX, eu buscava uma análise mais refinada dos aspectos supramencionados. Não é possível fazer tal análise a partir dos dados do BDS Pampa, uma vez que a classe social é definida apenas por ‘escolaridade’. Um problema adicional é a falta de um questionário amplo o suficiente para abranger questões relativas à renda e escolaridade da família do informante, bem como relativas à ‘orientação’ e à ‘atitude lingüística’, além de permitir a identificação de eventuais motivos de discrepâncias nos dados. Um terceiro problema é que o número de informantes não atinge o índice de cinco⁵⁹ por célula. Assim,  VarX foi construído com noventa informantes.

3.1.1 Os informantes

O VarX contém gravação de fala de informantes dos dois gêneros, de três classes sociais e de três faixas etárias. A Ilustração 5 apresenta a distribuição dos informantes – levados em conta essas três dimensões sociais e o número de cinco indivíduos por célula para o cálculo do total.

	<i>Informantes por célula</i>	x	<i>Gênero</i>	x	<i>Classe Social</i>	x	<i>Faixa Etária</i>
VarX =	5		(Masc. + Fem.)		(CS ₁ + CS ₂ + CS ₃)		(FX ₁ + FX ₂ + FX ₃)
VarX =	5	x	2	x	3	x	3
VarX =	90 informantes						

ILUSTRAÇÃO 5 – Informantes do VarX a partir das dimensões sociais *gênero*, *classe social* e *faixa etária*

⁵⁸ Principalmente com Ana Zilles, Paulo Borges, Carmem Matzenauer, Gregory Guy, Jorge Espiga e Paulino Vandresen.

⁵⁹ Em Pelotas, o BDS Pampa possui 4 informantes por célula (2 gêneros, 3 faixas etárias e 2

A divisão entre esses grupos de fatores sociais é equilibrada. Ou seja, como a Tabela 1 demonstra, dos 90 informantes: 45 são do gênero masculino e 45 do feminino; 30 são da classe social 1, 30 da classe social 2 e 30 da classe 3; 30 da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa entre 26 e 49 anos e 30 da faixa etária com mais de 50 anos.

TABELA 1 – Distribuição dos informantes pelas dimensões sociais 'gênero', 'classe social' e 'faixa etária' no VarX (Pelotas)

Dimensão	<i>Fator 1</i>	<i>Fator 2</i>	<i>Fator 3</i>	<i>Total</i>
<i>Gênero</i>	45	45		90
<i>Classe social</i>	30	30	30	90
<i>Faixa etária</i>	30	30	30	90

A dimensão *classe social*, neste trabalho, procura incluir, concomitantemente, informações sobre aspectos econômicos, profissionais e escolares do entrevistado. Os aspectos econômicos foram controlados primeiramente pela localização da residência de cada informante, se nos arrabaldes⁶⁰, na periferia ou no centro de Pelotas⁶¹ – como está expresso na Ilustração 6, a seguir.

escolaridades).

⁶⁰ *Arrabalde* e *periferia* são normalmente tomados como sinônimos. Neste trabalho, *arrabalde* compreende o limite entre zona urbana e rural (a partir do *centro*, tudo além do *arrabalde* é campo). A *periferia* é aqui tomada como a área entre o *centro* e o *arrabalde* da cidade.

⁶¹ As áreas definidas como *centro*, *periferia* e *arrabalde* neste trabalho são uma adaptação de vários critérios utilizados na cidade. Destes, principal é o perfil adotado pela Administração Municipal para definição do IPTU. No *centro* se concentram as residências mais caras, a maior atividade econômica, as classes A e B. Na *periferia*, a classe C. No *arrabalde*, as classes D e E.

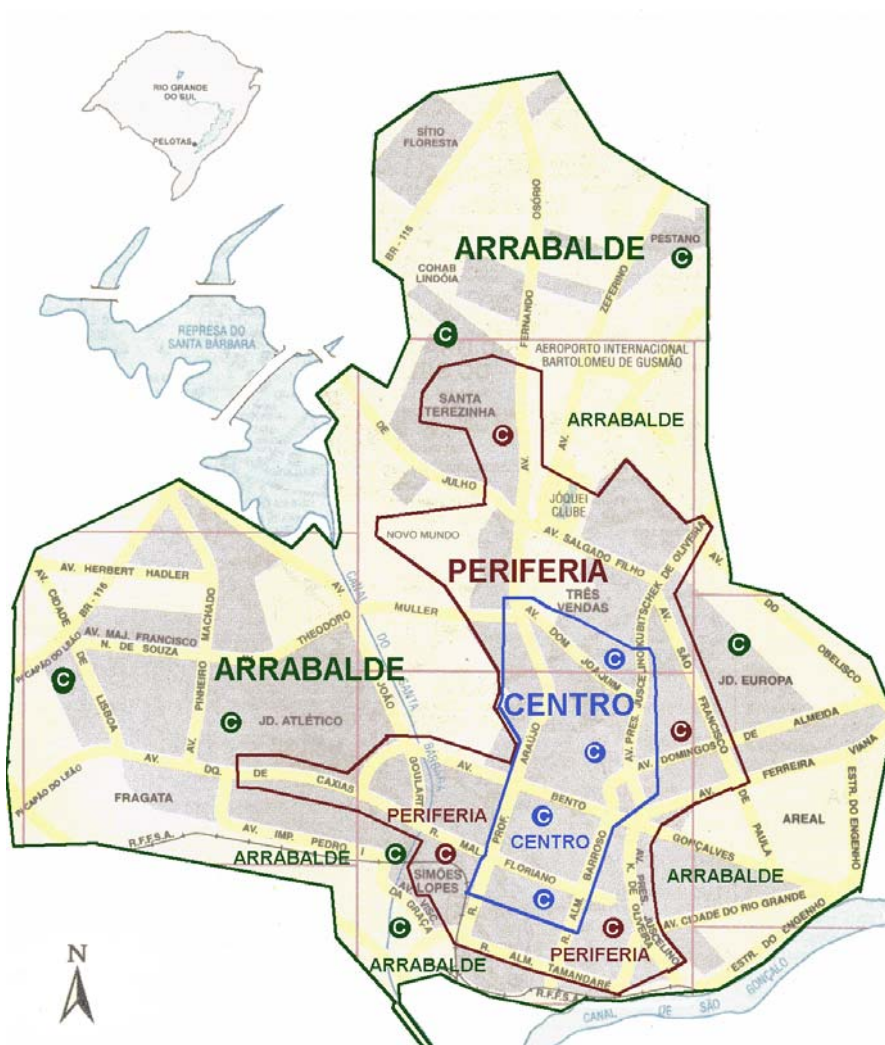


ILUSTRAÇÃO 6 – Zonas de residência dos informantes do VarX e pontos de coleta de dados “©” em Pelotas, RS (escala 1 cm = 1 km)

Definida a zona de residência, era necessário que a casa do informante correspondesse ao padrão médio das outras de sua região. A seguir, era importante saber quais bens pessoais (automóvel, telefone, etc.) o entrevistado possuía, saber qual a renda familiar e verificar se os hábitos de consumo (roupas e alimentos) eram compatíveis com a classe do informante.

Os aspectos profissionais foram definidos por critérios de ocupação manual, técnica ou intelectual. Inspirado em Chambers (1995, p. 46), eu resolvi traduzir ‘ocupação’ à situação pelotense da seguinte forma: (a) como *manual* toda atividade de ‘execução’ apenas de um trabalho rotineiro, e.g., as atividades

desenvolvidas por pedreiros, merendeiras, auxiliares de mecânica, seguranças, caminhoneiros, donos de 'boteco', camelôs, etc.; (b) como *técnico*, entenderia toda atividade de 'organização' de um trabalho, por exemplo, os desenvolvidos por mestres de obra, chefes de segurança, técnicos em mecânica, bancários, etc.; (c) como *intelectual*, toda atividade de 'planejamento complexo' de um trabalho, e.g., o desenvolvido por médicos, arquitetos, advogados, donos de butiques, etc. Então, quanto maior o número de habilidades e conhecimentos especializados, que envolvem níveis mais complexos de pensamento e reflexão, utilizados para o exercício e administração da profissão (ocupação), mais alta a posição na escala.

A *escolaridade* contém três fatores. O primeiro (escolaridade 1) está associado aos informantes com, no máximo, ensino fundamental, incluídos os analfabetos. O segundo (escolaridade 2) corresponde aos entrevistados que tenham concluído (ou estejam por concluir) o ensino médio. O último fator (escolaridade 3) inclui os informantes com curso superior ou no final da graduação.

Cada um dos três aspectos apresentados acima contém trinta informantes por fator. Tomei o cuidado de evitar que os informantes de cada aspecto coincidissem totalmente. O percentual de coincidência máximo adotado para os grupos da extremidade da amostra (*arrabalde-manual-escolaridade1* e *centro-intelectual-escolaridade3*), foi de 63 %, i.e., 19 indivíduos em cada um deles.

A Ilustração 7 demonstra a relação de coincidência entre *zona de residência*, *escolaridade* e *ocupação*. Como se pode observar, no VarX, há mais informantes de atividade *manual* no *arrabalde* de Pelotas e de atividade *intelectual* no *centro*. Isso sucede porque procurei 'valorizar' a ocupação típica dos entrevistados de cada *zona de residência*.⁶² A ocupação intermediária – *técnico* – ficou mais diluída nas três zonas. Também evitei que houvesse informantes de *escolaridade fundamental* no

⁶² O item *Zona de residência* é uma das formas de controle dos aspectos socioeconômicos da amostra, além de renda e patrimônio.

centro e de *escolaridade superior* no *arrabalde* de Pelotas. A distribuição dos fatores intermediários (*escolaridade média / periferia*) apresentou menos polarização. Por fim, dada a improbabilidade de alguém com *escolaridade fundamental* ter ocupação *intelectual*, optei por não representar tal coincidência na amostra. Em função disso, também não contemplei informantes com *escolaridade superior* e ocupação *manual*.

Escolaridade	Superior	24	6				
	Média	6	18	6			
	Fundamental		6	24			
Profissão	Intelectual	22	8		25	5	
	Técnica	8	11	11	5	20	
	Manual		11	19		5	
		Centro	Periferia	Arrabalde	Superior	Média	Fundamental
		Zona de Residência			Escolaridade		

ILUSTRAÇÃO 7 – Distribuição dos informantes da dimensão *classe social* por zona de residência, escolaridade e ocupação no VarX

Ao exacerbar as posições, eu pretendia obter uma amostra que pudesse ser analisada em cada um dos aspectos constitutivos das classes sociais isoladamente ou em conjunto. Eu gostaria de ressaltar, entretanto, que esses índices foram os possíveis, nem sempre os mais adequados. Em muitos casos, a construção do perfil ideal do informante resultou inconsistente com a realidade do ponto de coleta de dados. Nesses momentos, tomei a decisão de entrevistar pessoa de outro perfil, para ser coerente com a hipótese: Se é muito difícil encontrar esse informante, então, provavelmente, não há tantos que mereçam ser representados na amostra.

3.1.2 Os critérios

No âmbito do VarX, a seleção de informantes obedece aos critérios apresentados a seguir. A observação desses critérios pelas pessoas envolvidas com o projeto foi fundamental para se ter uma amostra representativa da realidade histórica e social do lugar.

Naturalidade. Os informantes do VarX são nascidos em Pelotas. A imensa maioria nasceu na zona urbana, mas alguns poucos moradores do *arrabalde* nasceram na zona rural próxima à cidade, e mudaram-se para a área urbana ainda em tenra idade.

Local de moradia. Para evitar que variedades lingüísticas de outras localidades interferissem de maneira imperceptível nos dados do VarX, no caso de informantes que tivessem morado em outra cidade, foi estabelecido que o tempo mínimo de moradia após seu retorno a Pelotas fosse de dez anos. Também foram escolhidos informantes que apresentassem pouca mobilidade entre bairros da cidade. Como o processo de estagnação econômica de Pelotas vem se acentuando desde o início da década de 70 e como foram escolhidos os pontos de coleta que estão associados a cada classe social representada na amostra há mais de 40 anos, quero supor que – do ponto de vista econômico – existe pouca mobilidade interclasses. Isto é, o entrevistado mantém sua situação econômica mais-ou-menos estável ao longo da vida, ainda que possa ter alcançado maior escolaridade do que a geração anterior, ou possa desempenhar ocupações com mais prestígio entre os seus pares.

Escolaridade. Os informantes do Varx pertencem a três grupos, no que se refere à escolaridade. Os de *escolaridade fundamental* têm até 5ª série do ensino fundamental, preferencialmente. Os de *escolaridade média* já completaram o ensino médio, ou freqüentam a 3ª série. Os de *escolaridade superior* concluíram ou estão para concluir o curso universitário. Neste último grupo, há informantes com pós-graduação. Foram admitidos, por necessidade, um informante analfabeto e dois semi-analfabetos no primeiro grupo.

Faixas etárias. Há três faixas etárias amplas que servem à definição do número total de informantes por células. Estas faixas podem, contudo, ser subdivididas em seis, o que permite refinamento da análise. A primeira faixa contém trinta indivíduos com idades entre 16 e 25 anos. Desses, quinze informantes têm idades que variam de 16 a 20 anos e quinze de 21 a 25 anos. A segunda faixa contém igualmente trinta entrevistados com idades entre 26 e 49 anos. Essa faixa pode ser dividida uniformemente em outras duas, com informantes entre 26 e 37 anos e entre 38 e 49 anos. A terceira faixa contém trinta indivíduos com mais de 50 anos de idade, dos quais, quinze têm entre 50 e 64 anos e quinze têm mais de 65 anos.

Língua materna. Espera-se que a língua materna dos informantes seja a portuguesa. São admitidos, entretanto, indivíduos que tenham como língua materna a variedade de Pomerano falada em Pelotas, desde que tenham aprendido o português pelotense na escola, a partir dos sete anos. Esta é uma situação cada vez mais rara, mas que ainda ocorre na periferia e arrabalde da zona norte de Pelotas.

Variedades maternas. Os informantes do VarX podem ter uma das variedades maternas englobadas pelas hipotetizadas a seguir: (1) pelotense popular urbano; (2) pelotense urbano prestigiado socialmente; (3) pelotense popular com traços do pomerano; (4) pelotense popular rural.

Nacionalidade. Todos os informantes devem ser brasileiros natos. É possível, contudo, que alguns informantes se considerem mais alemães do que brasileiros. Não houve, *a priori*, controle de etnias ou raças para a formação do VarX, nem sequer há no questionário como identificar se um informante é, por exemplo, branco ou negro.

3.1.3 Os dados de fala

O VarX se caracteriza por um conjunto de gravações da fala de indivíduos pelotenses em situação semi-informal. Isso significa que os dados foram coletados na

residência do informante ou, raramente, em outro lugar indicado por ele. Por ocasião dos contatos (em geral, três), a entrevistadora⁶³ esmerava-se para criar uma situação o mais informal possível, para deixar o informante à vontade.

De modo geral, a gravação era realizada no segundo ou terceiro encontro, quando a entrevistadora supunha que haveria condições para uma entrevista adequada aos nossos padrões de exigência. No primeiro encontro, foi estabelecido o contato com o informante, que, em geral, pertencia ao círculo de relações da entrevistadora. Nesse momento, foram definidas as condições para a entrevista, o 'agendamento' do encontro, a comunicação dos procedimentos de entrevista.

Afloram das entrevistas, narrativas, descrições, explicações e algumas poucas situações de pergunta-e-resposta. A entrevistadora mostrou-se sempre bastante hábil em deixar o informante falar, interferindo pouquíssimas vezes, apenas pontuando a conversa, utilizando-se de 'ganchos' que sustentavam longos períodos de fala do entrevistado. Resultaram daí, falas bastante espontâneas, muitas vezes com envolvimento emocional. Como, por exemplo em:

"(...) E quando eu comecei a gostar dessa pessoa, eu comecei a me machucar, sabe?, porque, aí, tu vê que tu tá gostando. Tais te entregando para aquela pessoa e tu sabe que não vai dar em nada" (VarX 12, cód. 530).

"Às vezes, o meu dinheiro tá suadinho, contadinho para as contas, e ele começa a pedir para gastar com bobagens. Aí eu não dou, eu digo: '- Vai se catar, tu ganha muito mais do que eu'." (VarX 17, cód. 715).

Depois de realizadas as gravações, estas foram submetidas a uma avaliação de sua qualidade técnica⁶⁴ e de sua adequação às exigências do projeto. Aquelas que não foram aprovadas foram rejeitadas e substituídas.

Os dados de fala contidos no VarX foram obtidos e disponibilizados em observância a vários procedimentos. Primeiramente, houve a gravação de entrevista

⁶³ A acadêmica Giane dos Santos Jucoski realizou as entrevistas com os moradores da *periferia* e do *arrabalde*. A acadêmica Carolina Peres, com os moradores do *centro*.

⁶⁴ Eu e o Prof. Paulo Borges nos revezamos nas tarefas de verificar a audibilidade da gravação, de

com narrativas em fita cassete, pelo período que varia entre 30 e 60 minutos, feitas em aparelho portátil e com microfone de lapela. Após, foi feita a transferência para o computador e a digitalização da gravação em formato *wave*. O terceiro procedimento foi providenciar a compactação em formato *mp3*. Este foi seguido da audição e do ajustamento do arquivo de áudio. Um quinto momento foi o da gravação em CD-Rom das entrevistas. Esses procedimentos asseguram a disponibilização das entrevistas para pesquisa lingüística.

3.2 *Os questionários*

Os questionários aplicados aos entrevistados do VarX são formados por 36 perguntas de caráter sociolingüístico (Anexo 1). Essas perguntas estão divididas em 7 conjuntos: dados pessoais, profissão, escolaridade, situação socioeconômica, orientação, atitudes e papel social. Para tanto, o principal propósito foi aumentar o número de informações relacionadas aos informantes selecionados. Com esse instrumento, foram colhidas informações mais completas sobre a classe social dos informantes (principalmente sobre a profissão/ocupação, a renda, o local de moradia, o patrimônio e a escolaridade) e sobre 'orientação' (ver 3.2.4) e 'atitude' (ver 3.2.6) de cada um que se submeteu ao questionário.

Antes de preencher o questionário, a entrevistadora procurava saber se o informante se enquadrava no perfil delineado para o VarX. As informações buscadas verificavam: (1) se o informante era nascido no bairro; (2) se havia morado até os 18 anos no bairro; (3) se os pais do informante haviam nascido na cidade; (4) a idade do informante; (5) a escolaridade do informante. As duas primeiras questões procuravam conferir a origem do entrevistado: saber o tempo de moradia do entrevistado naquele bairro – informação que também poderia ser obtida através da pergunta 16. Associada

a essa questão, estão também as questões do conjunto 'orientação' (3.2.4). A busca por informações sobre o bairro tem inspiração nas postulações de Labov (1973) e de Guy (1987), que julgam importante – para uma melhor definição de classe social e, por conseguinte, do padrão de fala dos informantes – que seja incluído nos critérios de formulação de bancos de dados um item que dê conta das condições de moradia do informante.

3.2.1 *Os dados de identificação*

O primeiro conjunto de perguntas visa a identificar o entrevistado. A questão “Nome:” e a questão “Local da coleta (rua, bairro):” permitem que o entrevistado seja recontactado, caso seja escolhido como informante. As três questões seguintes “Sexo:”, “Ano de nascimento:” e “Bairro em que mora:” foram formuladas para ver se o informante preenche os requisitos mínimos exigidos pelo VarX.

Embora haja uma discussão sociolinguística importante acerca da terminologia “sexo” e “gênero” (por exemplo, Eckert (1989) e Haeri (1995) resolvi, neste questionário, estruturar as perguntas de forma a facilitar a interação entrevistador/entrevistado, utilizando formas linguísticas com as quais ambos estejam mais familiarizados. É esse também o motivo de haver concordância verbal variável na segunda pessoa do singular nas perguntas do questionário (*cf.* Anexo 1). Pretendo, assim, ‘lembrar’ o entrevistador de não aplicar 100 % de concordância, o que pode ser entendido pelo entrevistado como sinalização para utilizar fala monitorada. Como já foi dito por Labov (1966), há um coeficiente de variação comum a cada classe social ou a cada situação de fala; compreendo, por esse motivo – e também porque tudo indica que essa forma de concordância está em fase de mudança nesta região do RS (*Amaral et al.* 1999) – que o questionário deva apresentar essa variação.

Para a segunda questão, referente à idade do informante, havia três possibilidades de formulação da questão: (a) Idade; (b) Faixa etária; (c) Ano de

nascimento. A primeira a ser descartada foi a segunda possibilidade (b), porque demandaria muito tempo para que o entrevistador explicasse quais eram as faixas etárias adotadas no projeto⁶⁵. A segunda a ser descartada foi a possibilidade (c), porque se revelou inadequada⁶⁶ em questionário semelhante aplicado em Jaguarão, município na fronteira com o Uruguai. Por esse motivo adotei a primeira possibilidade, ainda que isso tenha provocado alguns constrangimentos a entrevistados que não gostam de revelar a idade.

3.2.2 *A profissão e a ocupação*

O conjunto ‘profissão e ocupação’ foi formulado para se tentar detectar a visão e a importância atribuída ao próprio trabalho pelos entrevistados em Pelotas. Segundo Chambers (1995, p. 47) é essa categoria – ocupação – a mais importante para a definição de classe social do ponto de vista sociolinguístico:

A correlação de variáveis dependentes lingüísticas com ocupação somente e com indicadores de classe complexos precisa ser, obviamente, testada em outras cidades. Se isto se mostrar válido, a possibilidade de se confiar largamente (se não exclusivamente) em ocupação como um indicador em estudos sociolinguísticos poderia ser um resultado interessante e bem-vindo. Quando muitos indicadores de classe são utilizados, cada um incrementa a incerteza de um índice individual.

Chambers acaba por diferenciar ‘profissão’ de ‘ocupação’ por entender este como o estágio ‘estar’ e aquele como ‘ser’. Sendo assim, quando um informante tem uma ocupação diferente de sua profissão entram em jogo outras variáveis que precisam ser verificadas. Dessas, as principais podem ser definidas como “solidariedade ao grupo”, “grau de satisfação com a ocupação” e “grupo de referência”.

Para tentar agregar informações sobre essas variáveis, o conjunto

⁶⁵ Faixa 1: de 16 a 25 anos (subdividida em: de 16 a 20 e de 21 a 25). Faixa 2: de 26 a 49 anos (subdividida em: de 26 a 37 e de 38 a 49). Faixa 3: mais de 50 anos (subdividida em: de 50 a 64 e mais de 65).

⁶⁶ A adoção desta forma imporia a necessidade de cálculo para determinar, na presença do entrevistado, a sua idade, para verificar se este poderia servir de informante. Ocorreu em Jaguarão que, em vários

'profissão e ocupação' incluiu as seguintes questões: (4) "Profissão?"; (5) "Ocupação?"; (6) "Tu tá satisfeito com o teu trabalho?" (se *não*: Por quê?); (7) "Tu gostaria de exercer outra profissão?" (Qual?); (8) "Tu participa de associação de classe"? (Como líder? Qual? Função).

As questões 4 e 5 visam a conferir a identidade entre ocupação e profissão. A questão 6 visa a verificar o grau de satisfação do informante com sua profissão/ocupação e, quando insatisfeito, verificar a causa de sua insatisfação. A questão 7 objetiva principalmente buscar informações sobre o possível grupo de referência no âmbito profissional do entrevistado, além de adicionar informação ao grau de satisfação com a profissão que exerce. Por fim, a questão 8 intenta detectar se há envolvimento do entrevistado com sua classe trabalhista. Essa questão foi formulada a partir da percepção de que trabalhadores que têm papel de liderança, têm comportamento lingüístico diferenciado do seu grupo profissional⁶⁷, nitidamente em situações de fala monitorada.

Todas essas questões foram formuladas, portanto, com o objetivo de averiguar as características da população pelotense e/ou da amostra no que respeita a profissões e ocupações. Por certo, essas características estão representadas em sua fala e talvez (se as postulações de Chambers tiverem validade para essa comunidade) sejam determinantes de seu padrão de fala.

3.2.3 A escolaridade

O conjunto de perguntas sobre escolaridade foi formulado com o intuito de providenciar informações referentes à inter-relação classe social e escolaridade. No VarX, procurou-se evitar que a escolaridade tivesse o papel de distinguir sozinha as

casos, havia, em seguida à resposta do entrevistado, uma pergunta do tipo: 'Então, tu tens 'x' anos?'

⁶⁷ Essas pessoas têm, em princípio, repertório mais amplo, habilidades lingüísticas mais desenvolvidas, flexibilidade comunicativa maior.

classes sociais mais baixas das mais altas, a maior incidência de fala estigmatizada da maior incidência de fala prestigiada, além de verificar o papel dos anos de escolarização sobre a fala dos indivíduos.

Zilles (1999), ao estudar a *escolaridade* nos dados do Varsul de Porto Alegre, concluiu que outros aspectos precisam ser captados para maior eficácia desta variável. Ela considera de fundamental importância, por exemplo, que se verifique (a) se o 'dialeto materno' do informante tem prestígio na comunidade ou é estigmatizado; (b) se a escolaridade dos pais e (ou) dos filhos não exige do informante um uso diferenciado daquele esperado para seu nível de escolaridade; (c) se o acesso freqüente a bens culturais (literatura, cinema, teatro, etc.) não acaba por interferir no padrão de fala do entrevistado.

As questões formuladas para o conjunto *escolaridade* foram, pois: (9) "Escolaridade?" (grau); (10) "Quanto tempo tu teve na escola?" (em anos); (11) "Escolaridade dos pais?" (grau); (12) "Escolaridade dos filhos?" (grau); (13) "Tu gostas de ler?" (Sim/Não); (14) "O que lê?" (freqüência).

As questões 9 e 10 visam a obter a informação sobre a escolaridade e sobre o tempo de permanência na escola. Com a segunda pergunta, eu queria saber sobre o desempenho escolar do informante, isto é, se foi aluno repetente ou não. Essa informação permite que se estabeleçam correlações entre o tempo de exposição às variedades escolares de fala e a taxa de aplicação do fenômeno estudado. Também permite perceber qual o papel da orientação em relação à cultura escolar (a favor ou contra), o que pode contribuir para uma postura social de identificação com grupos centrais (ou com os que representarem oposição a estes), nos moldes apresentados por Eckert (1995, p. 48).

As questões 11 e 12 objetivam coletar informações sobre a influência da escolaridade de pais e filhos sobre a fala do informante. Não parece haver dúvidas de que o 'famílioleto' influencia a fala de seus integrantes, como já demonstrou

Altenhofen (1998, p. 21). E, quando este possui ampla margem de coincidência com o dialeto prestigiado na comunidade, é de se esperar que os membros que vão nascendo nesse meio familiar passem a reproduzir tal *lectus*. Em bancos como o BDS Pampa e o Varsul há informantes com baixa escolaridade⁶⁸, mas que utilizam o dialeto prestigiado na sua comunidade. É possível que um dos motivos para que isso aconteça esteja associado à escolaridade dos pais, dos filhos ou da família⁶⁹. Com relação à influência da fala de filhos sobre a de seus pais, Labov (1996, p. 56) demonstra que a linguagem de cada indivíduo pode mudar ao longo da vida. Provavelmente um dos motivos desse tipo de mudança ocorra quando, por exemplo, filhos com escolaridade alta continuam a conviver com pais semi-escolarizados e, por conseguinte, influenciem-lhes as falas.

As questões 13 e 14 buscam complementar as questões de 9 a 12 ao inquirir o entrevistado sobre seus hábitos de leitura. Quero colher informações que possam explicar eventuais desvios nos resultados: é possível que haja pessoas com considerável conhecimento da língua escrita, que sejam leitores habituais, sem que se possa atribuir isso a seu nível de escolarização. Não foi formulada nenhuma questão sobre cinema ou teatro porque não são bens culturais acessíveis a todas as classes estudadas em Pelotas.

3.2.4 A orientação

Altenhoffen (2002), com base em dados do Atlas Lingüístico do Estado do Rio Grande do Sul – ALERS, demonstrou a existência de regiões (nucleadas normalmente por alguma cidade) que se comportam como pólos de irradiação lingüística. Isto posto, habitantes de cidades que não são pólo regional tendem a

⁶⁸ Um exemplo é o informante pelotense D3 do BDS Pampa. Ele possui baixa escolaridade (4ª série do 1º grau), mas utiliza dialeto prestigiado, talvez por possuir riqueza herdada.

⁶⁹ Também pode ser efeito da profissão, da ocupação, do fato de ser líder sindical, de ler muito, etc. ou a

'orientar-se' para outra cidade, provavelmente a de maior importância econômica e cultural na região. Também no âmbito local, o contato entre vários grupos sociais pode produzir situações em que alguns indivíduos se sintam mais identificados com outro grupo social do que com o próprio grupo: a esse fenômeno Le Page & Tabouret Keller (1985, p. 18) chamaram 'grupo de referência'.

Labov (1972a) estudou a influência externa sobre indivíduos pertencentes a grupos sociais que atuam como satélites de outros. Suas posições apontam para a necessidade de não se produzirem generalizações sobre o comportamento de grupos sociais sem que se tenha informações sobre o grau de satisfação do informante com seu(s) grupo(s), seus vizinhos, seu bairro, sua cidade, enfim.

Nessa mesma linha de compreensão, Le Page & Tabouret Keller (1985, p. 240) consideram fundamental que se tenha em conta que o padrão de fala dos indivíduos é determinado pela fidelidade ao grupo e visto como um 'ato de identidade' ao grupo.

Dada a importância de se considerar o grau de satisfação dos entrevistados com o lugar em que vivem, foram formuladas as cinco questões do conjunto 'orientação'. As questões são: (15) "Tu gosta de morar aqui (nesta cidade)?" (Sim/Não); (16) "Moras há muito tempo nesse bairro?" (em anos); (17) "Tu gostas deste bairro?" (Sim/Não); (18) "As pessoas aqui são legais?" (Sim/Não); (19) "Em que cidade tu gostaria de morar?".

As questões 15 e 17 visam a detectar o grau de satisfação do informante com o lugar em que vive, com sua vizinhança. A questão 16 busca informação sobre o tempo de residência do entrevistado, de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho de coleta de dados. A questão 18 objetiva colher informações sobre o grau de integração e a atitude do informante para com sua vizinhança. A questão 19 é complementar às questões 15 e 17: caso as respostas

destas tenham sido negativas, a resposta à questão 19 poderá indicar a cidade para a qual o informante se ‘orienta’. Essas respostas ainda podem ser reforçadas pela resposta dada à pergunta: “Fazes compras aqui (nesta cidade)? (Sim/Não) (se não: em que cidade compras?)”.

Essas questões, portanto, podem ajudar o pesquisador a compreender eventualmente por que sua amostra contém dados de fala que se apresentam de maneira discrepante dos demais. É, certamente, difícil captar em que medida e em que direção se dá a influência da ‘orientação’ do indivíduo sobre seu padrão de fala. O coeficiente de variação de sua fala, tal como propõe Labov (1966), dificilmente será o mesmo – no indivíduo que se orienta para outra cidade ou que tem outros grupos de referência – que o coeficiente de variação da cidade-alvo ou do grupo-de-referência-alvo. Some-se a isso o fato de que é necessário que muitas pessoas com prestígio local se orientem também para a mesma cidade.

3.2.5 *O papel social*

Lesley Milroy (1980) propôs que o padrão de fala de cada indivíduo recebe influência da intensidade com que as relações interpessoais se produzem e da ‘valorização’ que alguns indivíduos acabam por adquirir nos grupos a que pertencem. Com sua Teoria das Redes Sociais, Milroy sustenta que quanto maior o número de situações de convivência entre indivíduos, maior a influência lingüística entre esses indivíduos. Nas ‘redes multiplex’ – em que as relações apresentam grande densidade, e.g., os mesmos indivíduos convivem no trabalho, na família, na academia de ginástica, etc. – é comum que os papéis sociais sejam distintos, hierarquicamente organizados (e.g., o *cabeça-de-rede*, os mais antigos, os mais tímidos, os mais novos, etc.). Desses é provavelmente o *cabeça-de-rede* o que está mais aberto a captar novas formas lingüísticas e o que está autorizado a introduzi-las no grupo. A fala do

cabeça-de-rede é importante porque pode indicar a tendência da mudança lingüística em andamento. As formas por ele introduzidas tenderão a ser aceitas pelo grupo, especialmente porque o *cabeça-de-rede*, em geral, goza o prestígio de ser bom contador de histórias.

Embora eu não tenha feito estudo de concordância de segunda pessoa do singular nos moldes das Redes Sociais, julguei importante mencionar aqui que o VarX buscou contemplar informantes que são distinguidos por seus iguais pela sua capacidade comunicativa. Assim, foram incluídas no questionário duas questões que objetivavam localizar pessoas com as características referidas acima. As perguntas foram formuladas como: (20) “Tu conhece alguém aqui deste bairro que sabe contar histórias? (nome, endereço ou telefone)”; (21) “Tu admiras alguma pessoa por ela ser comunicativa ou ter influência sobre os outros? (nome, endereço ou telefone)”. A questão 21 é complementar à anterior, isto é, visa a confirmar se a resposta a ‘pessoa que sabe contar histórias’ está sendo atribuída a um *cabeça-de-rede*.

3.2.6 A atitude

Para se verificar a ‘atitude’ dos pelotenses em relação aos conterrâneos e aos moradores da capital e suas variedades dialetais, foram formuladas as seguintes questões: (22) “Na tua opinião, como é a maioria dos pelotenses?” (avaliação positiva/negativa); (23) “Principal característica dos pelotenses?” (qualidade ou defeito); (24) “Na tua opinião, como são os porto-alegrenses?” (avaliação positiva/negativa); (25) “Como é a fala dos pelotenses em relação à dos porto-alegrenses?” (avaliação positiva/negativa).

A questão 22 foi formulada apenas para introduzir o assunto, pois tenho a expectativa de que quase todos os entrevistados entendam que é desejável uma avaliação positiva dos pelotenses em suas repostas a essa pergunta. A questão 23 é

que realmente procura subsídios a uma avaliação mais precisa do que os pelotenses pensam dos integrantes de sua comunidade. Assim, se a principal característica apontada na resposta à questão 23 indicar um defeito (e.g., nariz-empinado), isso tenderá a revelar (e será entendido como) uma atitude negativa em relação aos habitantes do lugar. As questões 24 e 25 foram elaboradas com o intuito de se coletar subsídios sobre a atitude dos habitantes de Pelotas representados na amostra em relação às variedades da capital. Há intenção também de verificar se existe associação entre as respostas dadas a essas questões. A suposição central é que – dada a sua importância política, econômica, social e cultural – Porto Alegre seja o ponto de referência de todos os gaúchos; que se caracterize, portanto, como pólo de irradiação lingüística para todo o estado. Há pólos regionais – Pelotas é um deles – que orbitam Porto Alegre, a capital brasileira do pampa.

3.2.7 *A situação socioeconômica*

Este conjunto de questões inspirou-se em Labov (1996), Guy (1987) e Baugh (1995). Ao estudar a produção de /r/ em final de sílaba como [r] ~ [Ø] em três lojas de departamentos de Nova Iorque que atendem a públicos de classes sociais distintas⁷⁰, Labov (1996) pressupõe a existência de aparelhos e ambientes relacionados a camadas sociais diversas. De acordo com essa linha de raciocínio, a explicação para o fato de não serem encontradas pessoas de classes sociais baixas em teatros ou em algumas praias ou dentro de *shopping centers* ou mesmo em determinados supermercados reside no fato de que esses são aparelhos/ambientes das classes mais altas da população, cujos hábitos são intangíveis aos membros de classes mais baixas, ou porque não tenham dinheiro ou porque se sintam deslocados nesses ambientes. Por esse mesmo caminho, só que no sentido inverso, poderia ser

⁷⁰ Classe média-baixa (Macy's), classe baixa (S. Klein (1963) e May's (1986) e classe média-alta (Saks).

explicada a existência dos aparelhos das classes mais baixas (bailões, praias populares, mercadinhos de bairros, geral dos estádios de futebol), pouco freqüentados pelos integrantes das classes mais altas. Ainda que nessa perspectiva seja mais importante, para o enquadramento em uma dada classe social, o modo de vida do que a capacidade de ganhar dinheiro, essa visão também é estabelecida por critérios econômicos.

Guy (1987), como supracitado, entende que o ajustamento às diversas classes sociais se dá prioritariamente pelos aspectos relacionados à situação socioeconômica. Para ele, as concepções básicas que dão suporte às definições que temos de classe social têm como ingrediente principal o binômio: *status* e poder. Guy (1987, p. 45) anota, contudo, que suas postulações sobre classes referem-se a sociedades industrializadas, pois comunidades de fala em países com industrialização avançada são

caracterizadas por economias capitalistas similares e sistemas de classes em que os principais agentes são uma classe trabalhadora urbana, uma classe média de profissionais liberais e uma classe alta capitalista.

Dessas visões que valorizam o papel econômico para a definição de classe social, a mais radical é apresentada por Baugh (1995). Como já foi dito anteriormente, ele propõe um modelo preliminar para uma teoria a que chamou *econolingüística*. A teoria de Baugh (claramente inspirada pela visão de Bourdieu) opõe-se às visões de Chambers e Altenhofen, supracitadas, com relação aos critérios de definição de classe social. Para Baugh (1995, p. 398) existem (1) falantes nativos de dialetos cultos, (2) falantes nativos de dialetos populares e (3) falantes não-nativos. Sua justificativa para tal divisão apóia-se em pesquisas educacionais que “têm demonstrado que estudantes da categoria 1 têm mais freqüentemente sucesso na escola, ao passo que estudantes das categorias 2 e 3 tendem a ter considerável dificuldade acadêmica.” Por isso, em sua opinião, deve haver um planejamento de

ação a uma política de melhoria das condições de ensino de língua para as classes com pouco poder na sociedade.

Assim, a formulação das questões deste conjunto procurou considerar o que há de conciliável entre essas três visões. As questões são: (26) “Fazes compras aqui (nesta cidade)?” (Sim/Não, se *não*: em que cidade compras?); (27) “Onde compras alimentos?”; (28) “Em que loja compras roupas?”; (29) “As roupas são caras nessa loja?” (Sim/Não); (30) “Onde fica essa loja, é aqui no bairro?” (Sim/Não); (31) “Tem automóvel na família?” (ano); (32) “Tens telefone?” (nenhum, fixo, celular); (33) “Tens empregada mensalista em casa?” (Sim/Não); (34) “Qual é a renda da família?” (aproximada); (35) “Atividade social ou de lazer preferida”; (36) “Locais que frequenta?” (clube, boate...).

As questões 26, 27, 28, 29 e 30 foram formuladas sob inspiração do trabalho de Labov (1996, p. 157-168) em lojas de departamentos, *ut supra*. São questões que procuram identificar os hábitos de consumo do entrevistado e se esses hábitos estão associados a *status* social, isto é, se são vistos como hábitos das classes mais altas. A questão 26 foi formulada a partir da constatação de que as pessoas mais ricas da comunidade preferem fazer compras nas lojas mais chiques de Pelotas. Portanto, a resposta a essa pergunta pode surgir como indicativo da classe a que pertence o entrevistado, ou pelo menos, a classe que contém o(s) grupo(s) que lhe é (são) referência. As questões 27 e 28 são complementares à questão 26. A questão 29 visa a coletar informações sobre se o motivo que leva o informante a comprar na loja referida é o preço. A questão 30 foi formulada com base na pressuposição de que, em Pelotas, salvo raras exceções, as lojas de bairro tendem a ter como público-alvo pessoas das classes populares. Essas questões exigem análise complementar das lojas e mercados citados para tentativa de enquadramento nos parâmetros propostos por Labov, supramencionados.

As questões 31, 32, 33 e 34 procuram captar informações sobre o poder

aquisitivo do informante. As questões 31, 32 e 33 foram formuladas a partir do estudo do questionário padrão da ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa) e dos aparelhos domésticos que determinam a divisão entre classes sociais pelos pesquisados do Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel. A questão 34 é complementar a essas – uma questão-controle, visto que é consenso entre pesquisadores que os informantes, em geral, não revelam com precisão a sua renda.

As questões 35 e 36 têm o objetivo de verificar a que classe social correspondem as formas preferidas de lazer e os locais que freqüenta, como os aparelhos e ambientes supraditos.

As coincidências das respostas a essas perguntas (26 a 36) podem indicar o grau de correspondência entre elas. Entretanto, ainda poderão ser estabelecidas comparações entre as questões deste conjunto e o parecer dado pelo entrevistador ao final do questionário sobre o dialeto do informante, se popular ou culto. Embora careça de cientificidade, essa comparação pode indicar sucesso à proposição de Baugh – à econolingüística, *i.e.*, à relação existente entre dialeto materno e sucesso escolar e social. Outras comparações com os resultados anotados para os conjuntos de questões ‘profissão/ocupação’ e ‘escolaridade’ poderão iluminar melhor o caminho da definição de quais categorias são mais importantes para a definição de classe social no extremo sul do Brasil.

3.3 *Os procedimentos de análise*

Neste trabalho, os dados lingüísticos são estudados à luz da teoria da variação lingüística, nos moldes propostos por William Labov. Para tanto, utilizo programas computacionais de análise estatística que viabilizam análises estatísticas mais complexas: o Varbrul e o SPSS.

Do pacote Varbrul, utilizei apenas os programas *Make3000.exe* e *Varb2000.exe*. O *make3000* prepara as células para análise estatística no *Varb2000*,

que seleciona os grupos de fatores significativos para a análise. Entretanto, a utilização desses programas requer a preparação dos dados.

ILUSTRAÇÃO 8 – Formulário de entrada dos dados para análise no Varbrul

Eu optei por não utilizar a sistemática tradicional de preparação dos dados, com utilização de programas como *checktok* e *readtok*. Vali-me da criação de formulário no *Microsoft Access*⁷¹, que permite que os dados sejam introduzidos via formulário (Ilustração 8), com verificação instantânea de erros de codificação, e sirvam para análise em outros pacotes de análise estatística (por exemplo *SPSS*). O *Access* produz um arquivo de dados corrigido, bastando apenas criar o arquivo de condições e rodar o *make3000* para a criação do arquivo de células.

3.4 O envelope de variação

A estruturação das variáveis (dependente e independentes) foi concebida por mim com o objetivo de permitir uma análise o mais acurada possível do processo de concordância de segunda pessoa do singular. O conjunto dessas variáveis é

⁷¹ Tal como apresentei em Amaral, 2000a.

composto por vinte-e-um grupos de fatores. O envelope de variação aqui apresentado é já o resultado de um processo prévio de seleção de variáveis e de fatores com base nas ocorrências retiradas do VarX. Por exemplo, não houve ocorrência das marcas ‘-stes’ ou de ‘-sses’ associadas à segunda pessoa do singular, estas nem sequer foram mencionadas entre os fatores relativos à variável dependente.

3.4.1 *A variável dependente*

A aplicação da desinência número-pessoal de segunda pessoa do singular em Pelotas, foco do presente trabalho, é variável. Ou seja, quando há uma referência a um interlocutor de segunda pessoa do singular (tu), a utilização de uma marca (–s ou –ste) após o tema do verbo pode ocorrer ou não (por exemplo, em “porque aí tu vê que tu tá gostando, tais te entregando para aquela pessoa” [VarX, 12, cód. 532]). Neste trabalho, busco conhecer os condicionadores lingüísticos e sociais da aplicação de marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular. Dessa forma, adotei uma codificação capaz de dar conta de todas as variantes:

- ∅ – sem marca de concordância.
- 5 – com concordância padrão para o pretérito perfeito do indicativo (‘-ste’) e para os demais tempos (‘-s’).
- 6 – com concordância não-padrão para o pretérito perfeito do indicativo (i.e., ‘-sse’).

Forçosamente, para análise geral do processo de aplicação de concordância, os fatores ‘5’ e ‘6’ serão amalgamados em um único fator, visto que o objetivo primeiro desta variável é confrontar aplicação com não-aplicação de concordância.

3.4.2 *As variáveis lingüísticas*

Neste trabalho, optei por organizar as variáveis lingüísticas em conjuntos que pudessem ter relações gramaticais intrínsecas. Esses conjuntos deveriam conter a base lingüística (lógica e teórica) que permitisse possíveis amalgamações e

cruzamentos. Por essa razão, dispus as variáveis lingüísticas em três conjuntos.

Para a distribuição dos grupos de fatores nos conjuntos, segui dois critérios: (1) que as variáveis do conjunto pudessem ser hierarquizadas e (2) que fosse garantida alguma unidade tipológica entre as variáveis. Um dos conjuntos de variáveis contém cinco grupos de fatores (quase todos de caráter prioritariamente morfofonológico), dentre os quais 'saliência fônica' e 'tempo verbal' são os mais importantes; outro, com seis variáveis, aborda os aspectos primordialmente sintáticos, dentre os quais destaca-se o 'tipo de sujeito'; o último conjunto, cujo foco principal é o 'discurso reportado, tem base estilístico-discursiva e é composto por cinco grupos de fatores.

Antes de proceder às análises estatísticas definitivas, codifiquei os dados para testar variáveis que eu tinha quase certeza serem inócuas para o processo de concordância aqui estudado. Essas variáveis controlavam os segmentos fonológicos precedente e seguinte à marca de concordância. A minha suposição – que se baseia no raciocínio de que a inserção (ou apagamento) de morfemas em fronteira de palavra é uma operação complexa e que, por isso, ocorre em momento anterior aos processos fonológicos de assimilação ou apagamento – se confirmou: nenhum segmento ou traço fonológico vizinho está associado ao incremento da taxa de concordância. Por esse motivo, as variáveis fonológicas que controlavam os contextos precedente e seguinte foram retiradas das análises estatísticas subseqüentes, as quais passarei a descrever.

Antes de realizada a rodada computacional que definiu as características gerais de cada variável e da amostra como um todo, houve rodadas para estabelecer a versão final dos fatores das variáveis 'saliência fônica' e 'tempo verbal'. Durante a análise dos dados no Varbrul, foram realizadas amalgamações entre fatores, entre variáveis de cada conjunto e entre variáveis de conjuntos distintos. Essas

amalgamações foram realizadas somente quando ‘autorizadas’ pelos ‘testes de significância estatística’.

3.4.2.1 *As variáveis lingüísticas de base morfofonológica*

As variáveis deste conjunto são: a saliência fônica, que testa o papel do volume de material fônico; o tempo verbal, que procura determinar a influência da atribuição de tempo e modo verbais; a forma de apresentação do verbo, se analítica (perifrástica) ou sintética (desinencial); a vogal temática do verbo, que verifica se há relação entre o tema do verbo e a aplicação de concordância; a tonicidade, que visa a constatar o efeito isolado⁷² da tonicidade sobre a concordância de segunda pessoa do singular.

3.4.2.1.1 *A saliência fônica*

Um dos grupos de fatores que parecem mostrar forte influência nos processos de concordância verbal é a “saliência fônica”, proposta inicialmente por Naro & Lemle (1976) como uma “Escala de saliência fonética da oposição singular/plural”, a partir de um estudo de concordância verbal na fala de informantes fluminenses analfabetos do projeto Competências Básicas do Português. Assim, a “escala de saliência fônica” resulta da observação de que quanto maior a quantidade de material fônico presente em um dado lingüístico, tanto maior será a distinguibilidade desse dado; menor suscetibilidade terá, pois, à perda da marca de concordância.

No caso específico do presente estudo, *e. g.*, a desinência de segunda pessoa do singular poderia apresentar uma gradação simplificada de quatro elementos: ‘∅’ (por exemplo, tu recebe, tu faz, tu recebeu), sem concordância verbal; ‘-s’ (tu recebes); ‘-es’ (tu fazes); ‘-ste’ (tu recebeste), com concordância verbal. É de se

⁷² Ao medir o papel da saliência fônica, está-se medindo, *pari passu*, tonicidade, uma vez que esta é

notar que o morfema ‘-ste’ possui mais material fônico do que ‘-es’, e ambos mais material do que ‘-s’, e estes mais do que ‘∅’. Resulta de gradações como esta uma maior diferenciação das oposições entre formas lingüísticas. Às mais diferenciadas, tem-se chamado “mais salientes”; às mais semelhantes à forma de terceira pessoa do singular, ao contrário, “menos salientes”.

Desde a proposta original, a “escala da saliência fônica” apóia-se também na possibilidade de deslocamento da tonicidade da palavra-foco, além da diferenciação fônica (em comparação com a forma neutra, não-marcada, normalmente considerada como de terceira pessoa do singular). Para Naro (1981), a diferenciação material fônica e a tonicidade devem estar separadas em variáveis distintas. Em sua concepção, a tonicidade é o traço mais importante da saliência fônica. Guy (1981, p. 254) discute a saliência fônica – sob o título de ‘Categoria morfológica’ – em relação à aplicação de concordância nominal e verbal. Seu argumento, entretanto, é de que a tonicidade não deveria ser vista como restrição independente à aplicação da regra de concordância.

Como resultado dessas observações, concluímos que, das duas dimensões para saliência oposicional proposta por Naro, apenas a menor – diferença material – é uma restrição distinta da concordância verbal. A maior dimensão – que Naro estabelece como a oposição entre os verbos com desinências em sílaba tônica e os verbos com desinências em sílabas átonas – parece ser de fato apenas um reflexo da distinção entre os verbos cujos plurais podem ser convertidos em singulares na estrutura de superfície através do processo fonológico da desnasalização, e os verbos em que a desnasalização não pode apresentar tal efeito. A desinência tônica é, de fato, o maior componente desse efeito, visto que bloqueia totalmente a desnasalização. Mas não é uma restrição independente da aplicação de concordância verbal. (Guy, 1981, p.268)

Para o caso específico da concordância verbal de P6, Guy adotou seis graus de saliência : (1) come/m, fale/m, etc.; (2) fala/m, ia/m, etc.; (3) faz/em, quer/em, etc.; (4) dá/dão, está/estão, etc.; (5) sumiu/iram, foi/foram, etc.; (6) é/são, falou/aram, fez/fizeram, etc. Os resultados estatísticos obtidos por Guy (1981, p.260) demonstram que a gradação por ele adotada foi adequada. Essa gradação contém a inter-relação

'diferenciação fônica / tonicidade'. Mas a característica mais marcante é a não-separação de verbos regulares e irregulares. Essa atitude aprofunda a discussão da 'saliência fônica' tal como defendida por Naro e Lemle: impõe a existência de 'saliência morfológica' para além de marcas morfêmicas.

Loregian (1996) utiliza a saliência fônica como variável lingüística em seu estudo sobre a concordância verbal com o pronome tu. Seus resultados demonstram que a saliência fônica só exerce influência sobre o fenômeno estudado se considerada a superposição com a variável 'tempo verbal'. Sua hipótese inicial – “As formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas do que as menos salientes” (p.32) – não se confirmou.

Hausen (2000, p.50) também se vale da saliência fônica como variável lingüística. Ela utiliza os mesmos três graus de saliência adotados por Loregian (1996): Nível 1 – acréscimo de –s (está/estás); Nível 2 – acréscimo de –es (quer/quieres); Nível 3 – acréscimo de –ste/-sse (viu/visse/viste). Novamente, os resultados encontrados demonstram que a saliência fônica não exerceu influência sobre o fenômeno estudado.

Para o presente estudo, adotei inicialmente uma codificação bastante ampla, que permitiu amalgamações entre fatores desta variável, de modo que defini a *posteriori* a gradação ideal. Os critérios básicos para a definição dessa gradação levaram em conta principalmente: quantidade de material fônico; função do verbo (auxiliar/não-auxiliar); peso relativo de ocorrência com concordância; verbo de uso freqüente; vogal temática. Também foram feitas amalgamações entre esta e as variáveis 'tempo verbal', 'forma de apresentação do verbo' (sintética ou perifrástica), 'conjugação do verbo' e 'tonicidade'. A codificação adotada após a primeira rodada preliminar (que aferia as ocorrências e eliminava *knockouts* de 'não-aplicação') resultou contemplar as oposições a seguir:

A – (-s) vais / vai, vás / vá, vês / vê, dás / dá;

C – (-s) ias / ia, irias /iria, etc.;
 D – (-s) tás / tá, tavas / tava, etc.;
 E – (-s) estás / está, estavas / estava, estejas / esteja, estivesses / estivesse, fosses / fosse, tivesses / tivesse, eras / era, serás /será, serias / seria, sejam / seja;
 I – (-s) és / é, 'qués' / 'qué';
 P – (-s) tens / tem, vens / vem;
 Q – (-s) tinhas / tinha, tenhas / tenha;
 U – (-s) comes / come, fales / fale, etc.;
 V – (-s) falas / fala, comas / coma, etc.;
 H – (-es) tiveres / tiver, estiveres / estiver, fores / for, queres / quer;
 Z – (-es) fazes / faz;
 B – (-ste) foste / foi;
 2 – (-ste) comeste / comeu, etc.;
 3 – (-ste) falaste / falou, etc.;
 4 – (-ste) sumiste / sumiu, etc.;
 8 – (-ste) fizeste / fez, vieste / veio, tiveste, teve, etc.;
 9 – (-ste) quiseste / quis, disseste / disse.

Esta codificação serviu apenas à primeira rodada. A partir dela, testes de significância levaram a amalgamações que reduziram de modo considerável os fatores desta variável. Como pode ser conferido em 4.2.1.3.

3.4.2.1.2 *O tempo verbal*

À primeira vista, a variável 'tempo verbal' parece ter importância irrefutável para um estudo de concordância verbal. Sua utilização impõe, entretanto, uma série de cuidados, sobretudo quando faz parte do envelope de variação o grupo de fatores 'saliência fônica'. Isso se deve ao fato de facilmente ocorrer falta de ortogonalidade.

Como atestou apropriadamente Loregian (1996, p.67), a forma presa '-ste' só é possível no pretérito perfeito do indicativo, e não há forma alternativa. Em vista disso pode haver dificuldade de percepção das características da variação – se por conta do tempo verbal ou da saliência fônica.

Em meu estudo sobre a concordância de segunda pessoa do singular (Amaral et al, 1999, p. 3) – com dados da comunidade de Tavares (RS) – a variável 'tempo verbal' foi selecionada pela análise estatística produzida pelo Varbrul. Nessa análise, o pretérito perfeito do indicativo foi o tempo considerado importante para a marcação da concordância. Entretanto, nesse trabalho, não controlei a variável 'saliência fônica'.

Repeti – em Pelotas (RS) – o estudo de concordância verbal de segunda pessoa do singular (Amaral, 2000, p. 43). Novamente o fator ‘pretérito perfeito do indicativo’ foi o mais significativo. Ainda uma vez, não controlei a variável ‘saliência fônica’.

Parece-me evidente a relação que existe entre ‘saliência fônica’ e ‘tempo verbal’. As pessoas utilizaram maior taxa de concordância em Tavares e Pelotas com formas terminadas em *-ste* porque esta é uma forma *mais saliente* ou porque está no *pretérito perfeito*? Certo está que ‘tempo verbal’ é uma variável para ser estudada em consórcio com a variável anterior. Sua separação em termos de codificação se justifica, todavia, porque assim se pode examinar os dados com mais propriedade, pois aumentam-se as possibilidades de amalgamações. A codificação adotada, então, para a variável ‘tempo verbal’ é:

- P – presente do indicativo;
- M – pretérito imperfeito do indicativo;
- T – pretérito perfeito do indicativo;
- F – futuro do pretérito do indicativo;
- E – futuro do presente indicativo
- S – presente do subjuntivo;
- R – pretérito imperfeito do subjuntivo;
- U – futuro do subjuntivo;
- V – infinitivo;
- I – imperativo;
- @ – outros tempos.

As duas variáveis subseqüentes têm função complementar a esta variável. Sua codificação em separado tem o intuito de permitir que amalgamações e inter-relações sejam feitas durante a análise dos dados.

3.4.2.1.3 *A forma de apresentação do verbo*

É facilmente observável em Pelotas que, para alguns tempos verbais, as pessoas dão preferência a formas perifrásticas. Mesmo em situações formais, o pretérito mais-que-perfeito e os futuros do indicativo são quase sempre expressados

com formas analíticas. Também é de se notar que os verbos auxiliares utilizados com mais frequência nas estruturas perifrásticas são, em geral, ‘ter’, ‘ir’ e ‘(es)tar’. Isso evidencia que existe consistente relação entre (1) a forma como o verbo se apresenta (perifrásticamente ou não) e o seu tempo e (2) o verbo auxiliar da forma perifrástica e a definição de gradações de saliência fônica. Por isso, esta variável se relaciona a ‘3.4.2.1.1’ e ‘3.4.2.1.2’. Talvez haja também relação com a variável que trata da tonicidade da forma verbal (3.4.2.1.5). A codificação adotada, então, para esta variável é:

- L – *analítica* (perífrase), como em “...eles disseram: ‘-Ué, tu não tinha passado no teste a 1ª vez?’” (VarX 23, cód. 794);
 H – *sintética*, como em “Hoje, a gente tem ônibus de tarde, às 11 horas da noite: tu tens ônibus a qualquer hora lá fora, entendesse?!” (VarX 71, cód. 2061).

3.4.2.1.4 A vogal temática do verbo

Na maior parte dos trabalhos sobre concordância, *ut supra*, a gradação adotada para a variável ‘saliência fônica’ considera a vogal temática como um dos itens importantes. Guy (1981, p.260) ao estudar a desnasalização na 3ª pessoa do plural (P6), por exemplo, atribui ao fator “1. *come-comem, fale-falem, etc.*” posição inferior na escala de saliência fônica ao fator “2. *fala-falam, ia-iam, etc.*”. A lógica da proposta de Guy propõe que o /e/ [+nasal] é menos distintivo do que o /a/ [+nasal]. Os resultados obtidos por Guy revelam que esse comportamento é estatisticamente mensurável.

Então, é de se esperar que o comportamento dos verbos com tema em ‘a’ seja diferente dos com tema em ‘e’ quando colocados diante de um segmento com traço [+contínuo] (o /s/ de ‘-s’ ou de ‘-ste’). Sobretudo ao se considerar que ‘e’ é a vogal (re)inserida para a formação de plurais em nomes como *humor / humores* ou para marcar concordância de 2ª pessoa do singular em verbos como *faz / fazes*.

Como Guy (1981), não farei distinção entre vogal temática do presente do

subjuntivo e dos outros tempos. Isto é, e. g., ‘-a-’ será considerada a vogal temática de verbos de 1ª conjugação, mas também para o presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugação. Vou aproveitar esta variável para verificar, também, o comportamento de ‘o’ (para os derivados de ‘pôr’) e de ‘i’ em isolado. A codificação inicial adotada, então, para esta variável é:

- 1 – -a-;
- 2 – -e-;
- 3 – -i-;
- 4 – -o-.

3.4.2.1.5 *A tonicidade*

A tonicidade também faz parte do conjunto de variáveis de base morfofonológica por causa de vários tipos de correspondências possíveis com os grupos de fatores deste mesmo conjunto. Guy (1981) e Naro (1981), entre outros, incluíram a ‘tonicidade’ como fundamental para a definição de ‘saliência fônica’. Loregian (1996, p. 32) tinha como hipótese de seu trabalho (sustentada pela análise estatística) que “os verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que vai receber a flexão de segunda pessoa, são mais marcados do que os paroxítonos”.

Assim, em virtude das inúmeras inter-relações possibilitadas pela ‘tonicidade’, julguei importante separá-la inicialmente em variável autônoma, de forma a poder captar quais dessas inter-relações são mais significativas e, logo, proceder a amalgamações. Então, os fatores escolhidos para esta variável foram:

- M – monossílabo tônico;
- O – oxítono;
- P – paroxítono.

3.4.2.2 *As variáveis lingüísticas de base sintática*

O terceiro conjunto contém as variáveis ‘tipo de sujeito’, ‘paralelismo formal’, ‘classificação da oração no período’, ‘tipo de sentença’ e ‘posição na frase’.

3.4.2.2.1 *O tipo de sujeito*

A variável 'tipo de sujeito' avalia a possibilidade de haver influência da posição ocupada pelo sujeito em relação ao verbo sobre o processo de concordância verbal. Minha hipótese, com relação aos fatores desta variável, é a de que a não-explicitação do pronome de P2, favorece a aplicação de marcas de concordância.

É esse caminho, aliás, o seguido por todos os trabalhos que utilizam uma variável como essa: Loregian (1996, p. 52), Amaral et al (1999, p. 4), entre outros. Assim, o fator 'Ø', que se refere ao 'tu' não-expresso (zero), é utilizado sempre que há uma construção cujo sujeito apresenta-se apenas marcado (com concordância) ou não (sem concordância) na desinência do verbo.

Os fatores 'T', 'N', 'J', 'M', 'D' e 'P' foram estruturados para tentar verificar se há algum tipo de influência da presença do pronome na posição anterior ao verbo (com ou sem material interveniente) sobre o processo de concordância na 2ª pessoa do singular. 'T' é o fator mais abrangente (e o que ocorre com maior frequência) e corresponde à presença do pronome 'tu' sem material interveniente. Os fatores 'N' e 'J' procuram verificar se existe algum tipo de relação entre a concordância-alvo e os advérbios de amplo uso 'não' e 'já'. Essa codificação em separado visa a possibilitar uma melhor determinação do tipo de influência exercido principalmente por 'não' sobre o fenômeno em estudo. Melhor dizendo, se houver um comportamento diferenciado do fator 'N' em relação aos outros, isso poderá ajudar a determinar em que ponto do caminho (estrutura profunda → estrutura superficial) ocorre o apagamento da marca de concordância. Os fatores 'M' (monossílabos), 'D' (dissílabos) e 'P' (polissílabos) foram escolhidos para dar conta dos outros tipos de material interveniente (a quase totalidade das formas codificadas como 'M' são pronomes oblíquos átonos).

Os fatores 'C', 'S', 'E' e 'V' foram adotados para aferir situações incomuns. O 'C' intenta verificar se a substituição de 'tu' por 'ti' como sujeitos de verbos de

orações reduzidas de infinitivo tem comportamento diferenciado. O fator ‘S’ procura verificar a pouco provável concordância em sujeito posposto. Por fim, eu previra ainda a avaliação da concordância em relação a ‘tu’ enfático e a ‘você’, contudo, houve apenas duas aplicações desta forma de tratamento e nenhum uso do pronome ‘tu’ dito com ênfase. Isto posto, adotei os seguintes fatores para esta variável:

- Ø – *sujeito não-explicitado*, como em “Pode. Vais com o Chico?” (varX 24, Cód. 11);
- T – *pronome ‘tu’ contíguo anterior ao verbo*, como em “...e os gurus dizendo, né, que tu tem que dançar.” (varX 1, Cód. 48);
- C – *pronome ‘ti’ contíguo anterior ao verbo*, como em “...de tardezinha tu vem pra ti passar a noite aqui comigo.” (varX 61, Cód. 89);
- N – *pronome ‘tu’ anterior ao verbo mas com “não” interveniente*, como em “Tu não casou com a minha filha pra espancar ela.” (varX 57, Cód. 164);
- J – *pronome ‘tu’ anterior ao verbo mas com “já” interveniente*, como em “...e até da própria coisa de tu já ter, de tu já ser conhecido...” (varX 13, Cód. 602);
- M – *pronome ‘tu’ anterior ao verbo mas com material interveniente monossilábico*, como em “eu queria que tu me mandasse alguém lá” (varX 63, Cód. 57);
- D – *pronome ‘tu’ anterior ao verbo mas com material interveniente dissilábico*, como em “tu tem um choque, tu sempre tem um choque” (varX 13, Cód. 589);
- P – *pronome ‘tu’ anterior ao verbo mas com material interveniente polissilábico*, como em “ele coloca isso de uma forma, que tu realmente começa a acreditar nele” (varX 12, Cód. 546);
- S – *pronome ‘tu’ contíguo posterior ao verbo*, como em “...porque tu tá lá só tu e o professor ou tá tu ou mais dois colegas e o professor...” (varX 10, Cód. 464);
- / – casos de imperativo em que não se aplica o pronome-sujeito.

3.4.2.2.2 O paralelismo formal

A variável ‘paralelismo formal’ tem sido estudada em vários trabalhos sobre concordância. Destacam-se os trabalhos de Poplack (1980), Scherre e Naro (1993), Scherre (1996 e 2001), Loregian (1996), entre outros. Caracteriza-se como uma tendência à ocorrência em cadeia de marcas gramaticais que desempenhem papel similar. A isso Scherre (1991) e Loregian (1996 p. 41) têm traduzido de Poplack (1980) como uma tendência a “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros”.

Loregian (1996, p. 41-50) por sugestão de Marta Scherre, formulou uma

variável lingüística que pudesse controlar o impacto do paralelismo formal sobre a concordância verbal de segunda pessoa do singular. Os fatores e seus resultados estão expressos na Tabela 2, a seguir.

TABELA 2 – O paralelismo formal e sua relação com a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular segundo Loregian (1996, p. 47)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
T – Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância	219 / 241	91	0,94
I – Verbo em construção isolada	212 / 553	38	0,65
M – Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado	6 / 16	38	0,57
P – Primeiro de uma série	158 / 538	29	0,55
N – Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não-marcado	2 / 12	17	0,27
S – Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância	45 / 740	6	0,19
TOTAL	642 / 2100	31	

Neste trabalho, utilizei a mesma codificação adotada por Loregian (1996, p. 41-50). Entretanto, propus algumas pequenas modificações para os fatores ‘T’ e ‘S’, que serão, nesta pesquisa, forçosamente categóricos: ‘T’ representando a opção com 100 % de concordância verbal de segunda pessoa do singular e ‘S’ a opção com 100 % de não-aplicação da regra de concordância. Esses fatores precisarão ser eliminados do estudo, uma vez que o Varbrul somente analisa dados variáveis. Assim, a variável ‘paralelismo formal’ foi composta por seis fatores:

- I – *verbo em construção isolada*, como em “Mas aquilo é bom, porque, hoje tu lembras (ahn!) certas coisas assim, como se tivesse acontecido ontem” (VarX 83, cód. 2265);
- P – *primeiro verbo de uma série*, como em “...então ele falava assim: ‘eu não vou te culpar se tu errares, eu vou te culpar se tu deixar de fazer, entendeu” (VarX 22, cód. 31);
- M – *mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado*, como em “O pessoal que habita aqui é muito conservador, não sei se tu nota onde tu moras, as zonas que tu moras...” (VarX 54, cód. 1948);
- N – *mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não-marcado*, como em “[o doutor] olhou e disse: ‘ – É, tu tem uma úlcera. Mas com esse tratamento que te dei, não te curaste?’” (VarX 77, cód. 1759);

T – *verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância*, como em “...quando a gente andava sozinho: ‘– D’aonde tu és? Quem tu és?’ e tal, tinha muito controle.” (VarX 70, cód. 1842);

S – *verbo de uma seqüência sem marcas de concordância*, como em “...Por exemplo, tu trabalha 5 anos numa firma, quando tu sai daqueles 5 anos, tu recebe um dinheiro...” (VarX 79, cód. 2240).

3.4.2.2.3 A classificação da oração no período

Em algumas situações, pode haver aplicação da marca de concordância que gere efeito extra-oracional. Em orações reduzidas de infinitivo em posição de objeto indireto, em orações coordenadas, em circunstanciais condicionais, por exemplo, pode haver mais ou menos concordância do que em orações principais. São esses os efeitos que eu quero medir com esta variável.

Apesar de ser possível estabelecer um conjunto de fatores ao mesmo tempo enxuto e abrangente, esta variável apresenta alguns complicadores. Primeiramente, demanda muita atenção no processo de codificação, já que às vezes a distinção entre orações não é tão simples e óbvia. Também porque há aspectos discursivos em jogo em algumas dessas orações, por exemplo, orações que têm caráter explicativo (relativas e algumas circunstanciais) ocorrem mais freqüentemente em planos discursivos secundários (*background*).

Por essas razões, eu suponho que o efeito de uma classificação de oração por critério como esse deve apresentar resultados pouco significativos para a concordância de segunda pessoa do singular. E se houver fator que se destaque, será de suma importância verificar as interações com outras variáveis (principalmente discursivas).

Assim, adotei a codificação que pudesse, ao mesmo tempo, apresentar o *status* da variável e permitir uma atribuição de códigos que não dessem margem a erros. Os fatores eleitos foram:

P – *principal*, como em “Tu vê falar que tá faltando emprego...” (VarX 79,

cód. 2255)

C – *coordenada*, como em “...tu não tem parque em Pelotas pra fazer isso, né, e em Porto Alegre tu tens!” (VarX 43, cód. 1907)

X – *encaixada*, como em “E, daí, acho que tu pode imaginar como é que é.” (VarX 29, cód. 1004)

R – *relativa*, como em “...é a recompensa do teu trabalho que tu tivesse, a tua preocupação...” (VarX 60, cód. 1634)

A – *circunstancial*, como em “E se tu começar assim eu vou para a casa da vó!” (VarX 3, cód. 344)

3.4.2.2.4 O tipo de sentença

Com o estabelecimento de um grupo de fatores ‘tipo de sentença’, é minha intenção testar, principalmente, se o padrão entonacional de orações interrogativas contribui para o aumento da aplicação de marcas de concordância. A inclusão desta variável inspira-se nos resultados por mim encontrados em Tavares (Amaral et al, 1999). Nesse estudo, o contexto de final de sentenças interrogativas foi dos mais importantes para a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular. Em virtude disso, elegi os seguintes fatores:

D – declarativa;
I – interrogativa;
E – exclamativa;
M – imperativa;
F – enfática.

3.4.2.2.5 A posição na frase

A partir do momento que se avalia a oração quanto ao ‘tipo’, é necessário, de modo complementar, que se verifique a sua correlação com a posição do verbo na sentença. Isto porque, dependendo do tipo de oração, muda o padrão entonacional e, por conseguinte, a saliência frasal. Um verbo que apareça no final de uma oração interrogativa, por exemplo, estará em posição muito mais saliente do que se sua posição fosse no meio da sentença. Isto posto, formulei esta variável com três fatores: I – Inicial; N – Não-inicial e não-final; F – Final.

3.4.2.3 *As variáveis lingüísticas de base estilístico-discursiva*

O conjunto de variáveis estilístico-discursivas contém as variáveis 'discurso reportado', 'simetria das relações', 'focalização: *foreground* ou *background*', 'assunto', 'estilo e situação discursiva'.

3.4.2.3.1 *O discurso reportado*

A primeira variável estabelecida foi uma variável discursiva. Eu desejava com sua formulação verificar se tinha consistência a suspeita de que os discursos reportados diretos presentes nas narrativas têm comportamento diferenciado das outras situações discursivas. Zilles e Faraco (2002, p. 15) demonstraram que “na composição do dizer dos informantes, pode estar explicitamente presente a voz de outros e que isso pode motivar o uso diferenciado de variantes”. Então, para esta variável, adotei cinco fatores organizados em dois grupos. O primeiro grupo conteve as falas com discurso reportado direto, subdivididas em fala com discurso reportado de pessoas próximas, de pessoas não-próximas, de pessoas em geral e do próprio entrevistado. O segundo grupo conteve as falas sem discurso reportado direto, subdivididas em 'tu-genérico' e em 'tu-entrevistador'. Esta codificação amplia as possibilidades apresentadas por Paredes Silva (1996) conforme apresentei anteriormente (p. 60).

A hipótese central – que justifica a inclusão desta variável – é a de que, em discurso reportado direto, o discurso de pessoa próxima (pais, irmãos, avós, tios, etc.), o discurso de pessoa não-próxima (cabeleireira, adversários de taekwondo, técnico de futebol, etc.) e o discurso do próprio informante afetam a taxa de concordância de segunda pessoa do singular em escala diferente de situações discursivas em que há referência genérica ou interlocução.

Parto do pressuposto de que o uso de marcas de concordância está associado a estilo mais próximo do formal ou a relações assimétricas. O uso de estilo

mais formal pode estar associado ao grau de assimetria das relações do informante com os sujeitos cujas falas foram reportadas e ao grau de consciência do informante com relação às situações discursivas. Nesse sentido, suponho que o grau de convivência do reportador interfere no processo de aplicação de marcas de concordância. Em trabalho anterior (Amaral, 2000, p.31), defendi que era importante um tratamento em separado dos trechos de narrativas que contêm discurso reportado dos que não os contêm.

Assim, nas situações em que as marcas de concordância são resultado de um fenômeno discursivo prioritariamente – justificado talvez por avaliações realizadas pelo sujeito do discurso referentemente ao ‘outro’, ao contexto em que se deu o discurso, às situações de simetria/assimetria das relações de poder entre indivíduos – há necessidade de estabelecimento de outros parâmetros, além dos já tradicionalmente utilizados.

Resumidamente, a variável lingüístico-discursiva que trata do discurso reportado direto fica assim estruturada:

- A – discurso reportado de pessoas próximas;
- B – discurso reportado de pessoas não-próximas;
- C – discurso reportado do próprio entrevistado;
- D – interlocutor é o entrevistador;
- E – TU genérico.

Nesta variável, os fatores ‘A’, ‘B’ e ‘C’ correspondem às situações em que há discurso reportado e os fatores ‘D’ e ‘E’ às situações em que não há discurso reportado. O primeiro fator (A) inclui as pessoas mais próximas do informante, ou seja, o cônjuge, os pais, os irmãos, os avós, os tios, os primos, os amigos, etc. Como já foi dito acima, devido ao grau de convivência, o entrevistado tem condições de reportar com maior facilidade a fala dessas pessoas, reproduzindo não só o discurso, mas também o estilo característico de cada indivíduo incluído na narrativa. Logo, com a inserção do discurso de pessoa próxima na própria narrativa – eu suponho – o

informante pode imprimir marcas de concordância em índice diferenciado do seu uso comum, especialmente quando reporta fala de pessoa com quem mantenha uma relação assimétrica.

O fator 'B' procura dar conta do discurso reportado de outras pessoas, com quem o informante supostamente mantém contato ocasional, *i.e.*, o bolicheiro, o açougueiro, etc. O comportamento deste fator pode ser afetado pela visão que o reportador tem das características sociais (idade, classe social, ocupação, etc.) das pessoas cujo discurso foi reportado.

Com o terceiro fator (C), procurei criar condições para verificar se há alteração no padrão de concordância quando o informante reporta a própria fala em relação à média de aplicação ao longo de sua entrevista.

Há situações em que o entrevistado se dirige ao entrevistador para fazer perguntas (fator D). Nessas ocasiões, o uso de marca de concordância pode revelar qual o grau de formalidade percebido pelo entrevistado. Além disso, esse fator pode ser bastante sensível ao tipo de texto (pergunta-resposta) e ao tipo de frase (interrogativa). Há circunstâncias, também, em que o entrevistado conhece o entrevistador, o que pode gerar comentários sobre a história pessoal de um deles.

O último dos fatores (E) contém as referências genéricas. As situações em que o entrevistado se refere a um fato produzindo um comentário – *e.g.*, “Aí, numa hora dessas, tu tem que tomar uma posição.” (onde ‘tu tens que tomar uma posição’ corresponde a ‘é necessário se tomar uma posição’) – em que a DNP/P2 não se vincula a nenhuma pessoa envolvida na situação comunicativa.

A relação entre a aplicação de concordância ambígua e o uso de ‘tu-genérico’ foi estudada por Cameron (1994) nos dialetos de Madri, na Espanha, e de San Juan, em Porto Rico.

Os falantes de San Juan e Madri apresentam respostas diametralmente opostas para a categoria de ‘tu-genérico’. Em San Juan, ‘tu-genérico’, com relação a ‘tu-específico’, corresponde a um aumento da expressão do sujeito pronominal. Os

resultados de Madri mostram o inverso. (p. 328)

Os resultados de Cameron revelam que o uso de ‘tu-genérico’ tem comportamento que necessita ser estudado com mais profundidade e que ultrapassa fronteiras lingüísticas.

3.4.2.3.2 *A simetria das relações*

Complementarmente à variável discurso reportado, resolvi construir uma variável que pudesse representar as situações em que a relação entre interlocutores está marcada por algum grau de simetria. Assim, sempre que há um discurso reportado, é, em muitos casos, facilmente perceptível a posição hierárquica assumida pelo falante em relação à pessoa cujo discurso está sendo citado.

Essa posição hierárquica é relativa à situação discursiva contextualizada na fala. O que estou a dizer é que a citação da fala de uma pessoa pode ser ora representada a partir de uma posição de inferioridade ora de igualdade, dependendo do assunto que está sendo reportado e das relações de poder envolvidas, como propôs Labov (1972, p. 206). Por exemplo, em “No 1º dia que eu voltei a trabalhar, eu falei com o Fernando, que era o dono, e ele disse assim: ‘-Se tu botares atestado dentro de uma semana, eu te boto na rua sem direito a nada.’ (VarX 33, cód. 1189)” está evidenciado quem manda e quem deve obedecer. Além disso, o fato de haver concordância de segunda pessoa do singular em ‘se tu botares’ pode significar que as relações de poder (ou, pelo menos, o modo como a pessoa a que estou a reportar a fala é vista por mim) haja algum tipo de correlação entre a aplicação de marca de segunda pessoa do singular e a uma posição assimétrica do agente do discurso. Desse modo, atribuí os seguintes fatores a essa variável:

- S – relações simétricas;
- M – relação assimétrica com superioridade do falante;
- F – relação assimétrica com inferioridade do falante;
- I – impossível definir se há simetria ou assimetria nas relações;

/ – casos em que não há relações de poder envolvidas.

3.4.2.3.3 *O assunto*

É possível que o tópico da conversa entre o entrevistado e o entrevistador tenha algum tipo de interferência sobre a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular. Pareceu-me, em observações assistemáticas, que assuntos relacionados à escola ou a bens culturais valorizados pelas classes mais altas (teatro, artes plásticas, literatura, etc.) favorecem a adoção de estilos mais formais e, por conseguinte, com maior taxa de concordância.

Isso foi evidenciado em Amaral, 2000. Minha intenção, pois, passou a ser a de tentar diagnosticar, em termos quantitativos, se há relação entre assunto e concordância de segunda pessoa do singular. Para tanto, adotei seis fatores:

- C – bens culturais (teatro, literatura, *cult movies*, etc.);
- E – escola;
- F – família;
- P – pessoal (saúde, romance, etc);
- T – trabalho;
- V – viagem (inclusive quando o tópico é outra cidade);
- O – outros assuntos (política, economia, etc.).

3.4.2.3.4 *A focalização: 'foreground' ou 'background'*

O modo de estruturação dos eventos em uma narrativa pode ser de fundamental importância à organização de um conjunto de variáveis discursivas. Ao dizer isto, parto do pressuposto de que há momentos em que o entrevistado deixa que sua narrativa seja afetada por avaliações do contexto sócio-discursivo mais do que em outros.

Nesses momentos, o falante tem como preocupação primordial utilizar elementos de comunicação que estejam em consonância com os elementos sociais que estão em jogo durante aquele ato discursivo. Assim, a avaliação que o falante faz do interlocutor, a avaliação que o falante julga que o interlocutor esteja fazendo de sua

fala, de sua capacidade argumentativa, de suas posições ideológicas, a avaliação de contexto e situação, entre outras, são tomadas em consideração com maior intensidade em alguns momentos da narrativa. São os casos em que os fatos narrados seguem a ordem cronológica dos fatos acontecidos, quando o falante parece estar a utilizar mecanismos mnemônicos. Nesse sentido, é uma fala *planejada* com base na seqüência temporal dos acontecimentos: antes mesmo de começar sua narrativa, o falante já sabe quais são os fatos a serem contados, quais fatos precisarão ser destacados, como terminará sua história.

Todavia, durante a narrativa, são mencionados fatos, locais, pessoas, etc., que podem não ser do conhecimento do interlocutor e que exigem um entre-parênteses na narrativa para que sejam explicados. Ocorre, então, uma quebra na seqüência *planejada* e toma foco a explicação, que ocorre forçosamente de modo *improvisado*.

Em Amaral (2002), demonstrei o meu entendimento de como o modo de estruturação dos eventos em uma narrativa se relaciona com o que Hopper (1979) e Pollán (2001) chamaram *background* e *foreground*.

“Quando há inserção de um trecho discursivo que surge em virtude de necessidades de clareza impostas pela interação informante-entrevistador, há a adoção de um estilo menos formal. Assim *foreground* corresponde aos elementos lingüístico-discursivos que possuem vínculos com o fato narrado, com a seqüência temporal dos eventos da narrativa armazenados na memória: o *roteiro*. Ao passo que, o *background* surge da necessidade de contextualizar, de compartilhar com o ouvinte elementos que não são comuns a ambos: o *improviso*” (Amaral, 2002, p. 66).

A criação de uma variável que defina o foco discursivo, categorizando-o ora como *foreground* ora como *background*, me parece, é um dos meios eficazes para se tentar controlar em que momentos da narrativa o monitoramento da fala é mais intenso. Assim, este é um dos grupos de fatores que busca aferir, de um modo bastante simplificado, a alternância de estilos durante o processo de entrevistas, nos momentos em que o informante produz narrativas. Desse modo, adotei os fatores:

F – *foreground*;
B – *background*;

D – desvio para fora da narrativa;
/ – para os casos em que a produção oral não era uma narrativa.

3.4.3 *As variáveis sociais*

Os critérios adotados neste trabalho para a estruturação das variáveis sociais já foram apresentados nas subseções que trataram do VarX e do questionário prévio. Por esse motivo (e também para evitar digressões), vou me limitar aqui a apenas apresentar os elementos diferenciais e a codificação adotada.

3.4.3.1 *As três classes sociais de base*

Como já foi dito anteriormente, a estruturação das variáveis sociais ampara-se em três dimensões: econômica, profissional e educacional. O objetivo deste trabalho é tentar detectar qual delas tem maior relevância em Pelotas para estudos lingüísticos (em geral) e para o estudo da concordância de segunda pessoa do singular (em particular).

A dimensão econômica foi medida por critérios de zoneamento da cidade a partir dos locais com maior atividade econômica e com custo do metro quadrado mais alto (*centro*). Habitam, nesta zona, as pessoas com maior poder aquisitivo e patrimônio da cidade. No extremo da zona citadina (*arrabalde*), já no limite rural-urbano, habitam as pessoas com o menor poder aquisitivo e patrimônio. É uma zona com baixíssima atividade econômica. Entre o arrabalde e o centro (na *periferia*), habitam pessoas com situação econômica intermediária. Assim, para medir os efeitos da estruturação econômica de Pelotas sobre seus padrões de concordância, formulei três fatores:

- A – moradores do arrabalde, com renda familiar média aproximada de 450 reais, com pouco patrimônio;
- P – moradores da periferia, com renda familiar média aproximada de 670 reais, com algum patrimônio;
- C – moradores do centro, com renda familiar média de 3850 reais, com muitos bens patrimoniais.

A dimensão profissional foi abordada a partir do tipo de atividade exercida pelo informante. A hierarquização dos fatores desta variável respeita o papel desempenhado pelo entrevistado, se o de quem dá ordens, se o de quem organiza e define como as ordens devem ser cumpridas ou se o de quem apenas cumpre ordens. Além disso, tomei em consideração a satisfação com a ocupação exercida pelo informante. Desse modo, para medir os efeitos da ocupação em Pelotas sobre a concordância de segunda pessoa do singular, formulei três fatores:

- M – ocupação manual, com a função de execução de trabalhos braçais em cumprimento a ordens de superiores ou a solicitações de clientes;
- T – ocupação técnica, com a função de organização de tarefas;
- I – ocupação intelectual, com a função de planejamento de trabalhos a serem executados por outros.

A dimensão escolaridade foi medida pelo grau de escolaridade atingido pelo informante. Além disso, o tempo de permanência na escola e a escolaridade dos pais foram igualmente importantes para medir a influência da escola sobre a concordância de segunda pessoa do singular. Por essas razões, formulei três fatores:

- 1 – escolaridade fundamental, dos informantes com escolaridade máxima de 8ª série, incluídos os analfabetos e semi-analfabetos;
- 2 – escolaridade média, dos informantes com 2º grau, completado ou não, mas que não freqüentaram graduação universitária;
- 3 – escolaridade superior, dos informantes que concluíram ou estejam em vias de conclusão de curso superior.

A partir desse ponto, a dimensão escolhida como a mais significativa para o processo de concordância verbal de segunda pessoa do singular passará a ser tratada como 'classe social' e seus fatores como 'classe baixa', 'classe média-baixa' e 'classe média-alta'. Da eleição pelo Varbrul de uma dessas variáveis também dependerá o critério de subdivisão dessas três classes em cinco classes sociais melhor estratificadas.

3.4.3.2 O gênero

Os fatores adotados neste trabalho para a variável 'gênero' são os mesmos estabelecidos pelo VarX, isto é, masculino e feminino. Esses dois fatores estão representados por suas letras iniciais em maiúsculas:

- M – masculino;
- F – feminino.

3.4.3.3 A faixa etária

Para efeito de análises mais gerais, que exigem cinco informantes por célula, adotei a divisão do VarX com três faixas etárias. Essa divisão fica assim codificada:

- 1 – informantes com idades entre 16 e 25 anos;
- 3 – informantes com idades entre 26 e 49 anos;
- 5 – informantes com 50 anos ou mais.

Entretanto, para poder perceber com mais clareza se o processo de aplicação de concordância é um fenômeno de mudança lingüística, farei uso da divisão em seis faixas. A codificação adotada será, então:

- 1 – informantes com idades entre 16 e 20 anos;
- 2 – informantes com idades entre 21 e 25 anos;
- 3 – informantes com idades entre 26 e 37 anos;
- 4 – informantes com idades entre 38 e 49 anos;
- 5 – informantes com idades entre 50 e 64 anos;
- 6 – informantes com 65 anos ou mais.

Além dessas divisões, quando houver o estabelecimento de cinco classes sociais, haverá a diminuição para duas faixas etárias (de 16 a 37 e de 38 ou mais) a fim de garantir uma média de 4,5 informantes por célula.

4 OS RESULTADOS

Na presente seção, é meu objetivo apresentar uma descrição dos resultados dos grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes por esta pesquisa e discuti-los à luz dos pressupostos teóricos apresentados anteriormente e dos textos relativos ao assunto aqui estudado. Isto posto, ponho-me a apresentar os resultados obtidos (ilustrados por tabelas e gráficos) e a discuti-los me valendo de comparações que reforcem ou contestem princípios teóricos ou resultados obtidos por outros trabalhos acadêmicos.

4.1 Rodadas preliminares

O envelope de variação inicial continha vinte-e-quatro variáveis e cento-e-seis fatores. Um número tão elevado de fatores e variáveis não é admitido pelo Varbrul e, mesmo que o fosse, acabaria por fragmentar os resultados em demasia. Assim, por força da necessidade, eu estabeleceria *a priori* que promoveria amalgamações e, dependendo da necessidade, eliminações de fatores para que pudesse chegar ao número máximo de sessenta fatores. Assim, estavam previstas várias rodadas preliminares para o estabelecimento do envelope de variação mais adequado.

Como está dito no capítulo anterior, minha intenção inicial era produzir uma codificação o mais abrangente possível, que pudesse permitir que os dados apontassem a rota a ser seguida para o enxugamento dos grupos de fatores. Para tanto, eu estabeleci três critérios gerais que foram respeitados ao se produzirem as amalgamações: (a) que não houvesse nenhum fator com menos de 2% dos dados (43

dados); (b) que fossem realizados *testes de significância estatística* a fim de que houvesse suporte matemático para as amalgamações e (c) que estas não fossem feitas se não tivessem amparo lingüístico, mesmo que houvesse justificativa matemática para fazê-lo.

As rodadas preliminares foram realizadas a partir de um arquivo com 2.130 dados lingüísticos, que não incluiu marcadores discursivos. Destes, 7,4 % (157 dados) corresponderam à média de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular. A aplicação máxima de concordância por indivíduo foi de 49 % e mínima de 0 %. Se forem levadas em conta as dezoito células que serviram de base à análise estatística, a aplicação máxima foi de 36 % e mínima de 2 %. O percentual médio (7,4 %), comparado aos encontrados por Loregian (1996, p. 105), é ligeiramente superior à média de aplicação de 4 % atribuída a Porto Alegre, mas bastante inferior aos 39 % e 56 % atribuídos a Florianópolis e Ribeirão da Ilha, respectivamente. A comparação com os resultados de Hausen (2000, p.84) demonstra, também, que a média de aplicação em Pelotas é superior aos 3 % atribuídos a Chapecó, mas inferior aos 9 % atribuídos a Lages e aos 29 % a Blumenau. A média de aplicação de 7,4 % encontrada na presente análise em Pelotas também é inferior aos 17 % de concordância encontrados em Tavares por Amaral et al (1999, p. 4).

Ao todo, foram produzidas quarenta-e-duas rodadas que permitiram amalgamações até ser atingido o número de cinqüenta fatores em quinze variáveis independentes, o mais enxuto possível. O envelope de variação resultante foi o seguinte.

- 1) Variável *discurso reportado*: (A) discurso reportado de pessoa próxima ou do próprio entrevistado; (B) discurso reportado de pessoa não-próxima do entrevistado; (D) referência ao entrevistador; (E) referência genérica.
- 2) Variável *saliência fônica*: (C) verbos não-auxiliares cuja marca de concordância é “-s”; (E) verbos auxiliares cuja marca de concordância é “-s”; (H) verbos cuja marca de concordância é “-es”; (2) verbos cuja marca de concordância é “-ste” (padrão) ou “-sse” (não-padrão).
- 3) Variável *tempo verbal*: (P) verbos no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo; (U) verbos no futuro; (V) verbos no infinitivo; (T) verbos no pretérito perfeito do indicativo.
- 4) Variável *vogal temática do verbo*: (1) verbos de 1ª conjugação no indicativo e de 2ª e 3ª conjugação no subjuntivo; (2) verbos de 2ª e 3ª conjugação no indicativo, de 1ª

- conjugação no subjuntivo e verbo 'pôr' e seus derivados; (3) verbos de 3ª conjugação no infinitivo.
- 5) Variável *tonicidade*: (P) paroxítonas; (O) oxítonas; (M) monossílabos tônicos.
 - 6) Variável *tipo de sujeito*: (T) 'Tu' expresso sem segmentos intervinientes; (M) 'Tu' expresso com segmentos intervinientes; (J) 'Tu' expresso com 'já' interviniente; (∅) pronome-sujeito não-expresso.
 - 7) Variável *paralelismo formal*: (I) em construção isolada; (P) primeiro de uma série; (N) mistura de marcas com anterior não-marcado; (M) mistura de marcas com anterior marcado.
 - 8) Variável *focalização*: (F) *foreground*; (B) *background*; (D) desvio para fora da narrativa.
 - 9) Variável *tipo de sentença*: (I) interrogativa; (D) declarativa; (E) exclamativa;.
 - 10) Variável *posição na frase*: (I) inicial; (F) final; (N) não-inicial e não-final.
 - 11) Variável *assunto*: (C) escola e cultura; (T) trabalho; (O) outros.
 - 12) Variável *simetria das relações*: (M) sujeito da fala está em posição superior; (S) posições simétricas; (F) sujeito da fala está em posição inferior; (I) indefinível.
 - 13) Variável *classe social*: (1) classe baixa; (2) classe média; (3) classe média-alta.
 - 14) Variável *gênero*: (F) feminino; (M) masculino.
 - 15) Variável *faixa etária*: (1) de 16 a 25 anos; (3) de 26 a 49 anos; (5) de 50 anos ou mais.

Este é o conjunto de variáveis e fatores que foi utilizado como ponto de partida para a rodada geral, cujos resultados estão apresentados na subseção a seguir.

4.2 Rodada geral

O que está aqui abarcado pelo título 'Rodada geral' é na verdade um conjunto de dez rodadas, que produziram dez arquivos para análise. Tantas rodadas foram necessárias porque eu estava testando o modelo a partir de várias alternativas para a definição mais adequada de *Classe social* e para a utilização de seis faixas etárias ao invés de apenas três. Também procurava testar qual variável lingüística era mais eficaz para a concordância verbal, se *Saliência fônica* ou *Tempo verbal*.

Além disso, essas rodadas foram importantes para 'enxugar' o envelope de variação. Como está previsto no capítulo anterior, foi buscado ao extremo um número mínimo de variáveis e de fatores para a explicação do fenômeno. Esse procedimento se baseia no princípio geral da Navalha de Occam, apresentado por Guy (1993, p. 246)

4.2.1 As variáveis lingüísticas

Foram selecionadas, durante a rodada geral, cinco variáveis lingüísticas:

paralelismo formal, tipo de sujeito, saliência fônica, discurso reportado e tipo de sentença. Passo a descrever, a seguir, os resultados estatísticos encontrados e suas implicações para a presente análise.

4.2.1.1 *O paralelismo formal*

A motivação inicial da variável *paralelismo formal* é a de que existe um princípio, acionado pelo falante no momento de sua produção lingüística, que o induz à repetição de formas ou marcas utilizadas anteriormente na mesma seqüência de fala. É um processo de harmonização, de assimilação, praticamente nos mesmos moldes da harmonização vocálica, amplamente utilizada no âmbito da fonologia. Por exemplo, em “E eu: ‘– Ah, tu já erraste, então te esqueceste de cantar em primeiro lugar!” [VarX 81, cód. 2098] parece haver paralelismo formal – pelo menos nos moldes como tem sido proposto – porque esqueceste está relacionado a erraste, forma semelhante que também contém marca de concordância de segunda pessoa do singular.

A harmonização vocálica atua no domínio do vocábulo. É, segundo Câmara Jr. (1976, p. 43), “*uma supressão da oposição entre [por exemplo] vogal média e vogal alta, em proveito da última, em determinadas circunstâncias*”. E tem duas características principais: (a) a presença da marca na forma-alvo tende a ser condicionada pela presença de marca em formas vizinhas de características semelhantes⁷³; (b) na assimilação vocálica, “não há saltos” (cf. Bisol, 1988, p.4), isto é, que o processo de harmonização somente poderá ser desencadeado por vogal vizinha contígua.

O paralelismo formal, que atua no domínio da sentença, compartilha com a harmonização vocálica a idéia de reajustamento na estrutura de superfície de uma forma lingüística em virtude da assimilação de características de outra forma vizinha,

tornando-se semelhante ou idêntica à forma-base. As principais diferenças entre elas – de acordo com o que vem sendo utilizado nos trabalhos variacionistas dos últimos vinte anos – reside em: (a) o paralelismo formal é apenas regressivo, isto é, aceita somente a influência de elementos anteriores, ao passo que a harmonização vocálica, além de regressiva, pode ser também progressiva; (b) embora, na harmonização vocálica, a regra ‘não dê saltos’, Scherre & Naro (1991) propõem codificações para esta variável considerando alternativas de influências de formas semelhantes que intercalam aplicação e não-aplicação da regra variável estudada.

Além disso, existe uma questão conceitual envolvendo o paralelismo formal que coloca em confronto idéias que o definem, principalmente⁷⁴, ou como um procedimento mecânico de preservação de estruturas (Poplack, 1980; Labov, 1996), ou como resultado de princípios funcionalistas (Braga, 1986; Gryner, 1990). No presente trabalho, não pretendo dar foco a essa discussão. Entretanto, tenho uma compreensão ligeiramente diversa da de Scherre (1996) que procura harmonizar essas concepções diferentes de paralelismo formal. Meu entendimento é que há um procedimento mecânico associado ao paralelismo formal no plano superficial que é consequência da função e da estrutura discursivas subjacentes.

Melhor explicando. Se considerarmos o paralelismo formal apenas como “procedimento mecânico de preservação de estruturas”, a seqüência abaixo não deveria (em tese) conter marcas de concordância, uma vez que o primeiro item (tu olhar) não contém essa marca.

“É uma coisa passiva, de tu olhar. É só tu admirares e deu! Tu não entras naquilo, não usufruis aquilo. Eu acho, entendesse, o que eu queria dizer... Tu vais ao Museu da Baronesa uma vez ou, se não, vais ao shopping uma vez. Tu vais ao shopping pra ir!” [VarX 60, cód. 1620]

Entretanto, todos os elementos que o seguem (inclusive o marcador discursivo)

⁷³ Por exemplo, “pedido” dito “pidido” em virtude da presença de /i/ na sílaba tônica.

⁷⁴ Há outras definições envolvendo tipos de paralelismo formal mais amplos, que o colocam meramente como ‘repetição de estruturas precedentes’ que não correspondem ao (nem contribuem com o) conceito

contêm marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular. Talvez haja uma fronteira (entre, e.g., ‘...de tu olhar.’ e ‘É só tu admirares ...’) imperceptível a uma visão assim estruturalista.

O problema parece residir na definição adotada para ‘seqüência’, para ‘série’. Em meu ponto de vista, são as funções discursivas que vão determinar a exata fronteira entre as ‘seqüências’ e estas deverão, assim, passar a ter características discursivas diferentes e, logo, características formais diferentes. Desse modo. Numa relação de causa e conseqüência. E o paralelismo formal é a reunião de algumas dessas características formais diferentes.

Um outro exemplo. No trecho abaixo (que contém um trecho reportado pela informante de seu diálogo com o namorado, momentos após ela ter deixado de ser virgem) poderia haver duas codificações possíveis para a variável ‘paralelismo formal’.

“– Capaz?! Que idade tu tens? Dezesseis?” “– Não, vou fazer vinte!” E ele: “– Bá, pinta, tu és uma raridade!” [VarX 17, cód. 691].

Uma definição que considerasse os limites estruturais do diálogo⁷⁵ como fronteira entre séries exigiria o reconhecimento de quatro seqüências; ‘tu tens’ e ‘tu és’, desse modo, estariam em seqüências diferentes e, logo, não haveria por que se postular a existência de paralelismo formal. De outro modo, se houvesse a consideração de ‘um todo discursivo’ – em que os discursos reportados fossem vistos como ilustração do fato narrado, de caráter enfático, uma escolha estilística –, então, a postulação de paralelismo formal poderia, talvez, se justificar. Como se vê, determinar e codificar adequadamente o paralelismo formal não é uma tarefa fácil.

O conceito de paralelismo formal, que está a dar suporte à análise ora em curso, eu o formulei apropriando-me de algumas das postulações de Scherre (1996 e

de paralelismo por mim utilizado aqui.

⁷⁵ Por exemplo, o tipo de frase ou a alternância de falantes.

2001) e Loregian (1996). Para este trabalho sobre concordância de segunda pessoa do singular, entendo o paralelismo formal como a manifestação de um fenômeno morfossintático concentrador (por reunir, por exemplo, posição na frase, saliência, tempo verbal, entre outros) que resulta em formas idênticas ou semelhantes, mas por motivações discursivas (por atitude lingüística socialmente motivada, ou por motivações estilísticas, ou por busca de concisão e coesão discursivas, ou por atuação da ‘Lei do menor esforço’). A meu ver, o paralelismo é um processo, que vem atuando desde a primeira intenção de codificação até a manifestação final. Por isso, o paralelismo não é uma causa da aplicação de concordância, mas sim, a síntese de algumas causas, que atuam em estágios diferentes da codificação lingüística. Haver paralelismo é uma exigência da codificação lingüística.

Os exemplos expressos no quadro abaixo podem facilitar a compreensão do que estou tentando defender. Na ilustração, estão contidos todos os trechos codificados com ‘T’, isto é, aqueles que se referiam ao fator que representava o ‘verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância’ verbal de segunda pessoa do singular.

<i>Inf.</i>	<i>Forma-base</i>	<i>Forma paralela</i>	<i>Códigos</i>
22	...lugares que <u>tu tens</u> que ir que ir que <u>tu tens</u> que pegar	[29-30]
6	... até <u>tu fosse</u> , né, Giane?	... Giane? <u>Tu fosse</u> um monte...	[390-1]
17	...que idade <u>tu tens</u> ?	...Ba, pinta, <u>tu és</u> uma raridade!...	[691-2]
87	Quem foi que <u>tu encontrasse</u> na rua?	...rua? Com quem <u>tu falasse</u> ?	[1790-1]
89	... <u>Tu queres</u> estudar?	... <u>tu continuas</u> te mantendo...	[1813-4]
70	Da onde <u>tu és</u> ? Quem tu és?	Da onde tu és? Quem <u>tu és</u> ?	[1841-2]
54	<u>Queres</u> saber mais da minha infância?	... <u>Queres</u> que eu te conte uma...?	[1940-1]
69	Não sei se <u>ficasse</u> sabendo da moça...	...Não sei se <u>tu visse</u> . Até a foto...	[2050-1]
71	... <u>Tens</u> que estudar, se tu queres...	...se <u>tu queres</u> ser alguém na vida.	[2065-6]
81	E eu: " –Ah, <u>tu já erraste</u> , então, te..."	...então, te <u>esqueceste</u> de cantar...	[2098-9]
84	Olha... <u>Estás</u> preocupada comigo?	...perguntam: " – <u>Estás</u> fazendo aqui?"	[2104-5]

ILUSTRAÇÃO 9 – Todas as aplicações de concordância de segunda pessoa do singular retiradas do VarX cuja codificação foi “T – verbos de uma seqüência com todas as marcas de concordância”

Está evidente no quadro que existem outras semelhanças entre a forma paralela e a forma base, além da presença da marca de concordância. Para citar as

mais evidentes, em todos os exemplos: o tempo verbal das duas formas é o mesmo; o morfema acrescentado é o mesmo (ou –s, ou –es, ou –sse, ou –ste). Em quinze das vinte-e-duas formas, também há outra explicação lingüística para a aplicação de concordância (saliência fônica, presença em frase interrogativa, posição na frase). Além disso, em cinco dos onze exemplos (22,6,70,54 e 84) a forma é repetida de forma idêntica, num ponto idêntico, em estruturas frasais idênticas. Então, o paralelismo formal parece ser mais abrangente do que, apenas, a repetição de uma marca.

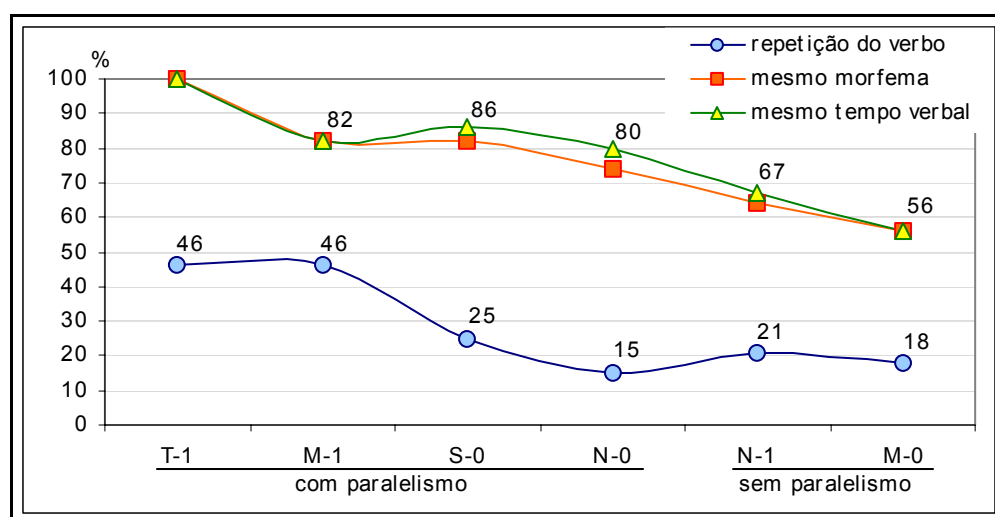


ILUSTRAÇÃO 10 – Relação entre taxas de paralelismo formal aplicadas a seqüências com e sem concordância de segunda pessoa do singular (em percentuais)

Para confirmar a eficiência dessa análise, comparei os dados apresentados na Ilustração 9 com os outros 1495 casos em que há possibilidade de ocorrência de paralelismo formal. A Ilustração 10, acima⁷⁶, contém informações sobre a relação entre os casos de paralelismo formal e os casos em que a forma paralela e a forma-alvo: são idênticas [O]; têm o mesmo morfema (-s, -es, -sse ou -ste) [□]; têm o

⁷⁶ Legenda: 'T' – verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância; 'M' – mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado; 'S' – verbo de uma seqüência sem marcas de concordância; 'N' – mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não-marcado; '1' – aplicação de concordância; '0' – não-aplicação de concordância. Assim, por exemplo: 'M-0' corresponde aos casos em que o verbo **não** contém marca de concordância, mas está precedido de um verbo marcado na mesma seqüência; 'M-1', corresponde aos casos em que o verbo contém marca de concordância, está precedido de um verbo marcado, mas há outros verbos na mesma seqüência que não

mesmo tempo verbal [Δ]. Está demonstrada, portanto, a relação entre o paralelismo e outros condicionadores lingüísticos.

O paralelismo, em seu sentido mais amplo, é inerente à organização sintática. Sem ele, os esquemas de produção e recepção lingüísticas ficam sobrecarregados. E a ilustração confirma isso ao colocar um índice de paralelismo entre morfemas e tempos verbais sempre superior a 50 %. O que parece existir é menos um paralelismo de concordância verbal de segunda pessoa do singular e mais um paralelismo de mesmos morfemas, de mesmos tempos e modos verbais (incluindo *consecutio temporum*), de estruturas frasais simétricas, entre outros. E, assim, quanto maior for o número de formas paralelas em uma seqüência, maior será o 'paralelismo formal'. O que corrobora a conclusão de Scherre (2001, p. 104): "Minha análise do efeito do paralelismo no nível frasal demonstra que o processamento paralelo atua mais eficientemente quando os marcadores precedentes são mais similares."

Neste trabalho, utilizei a mesma codificação adotada por Loregian (1996, p. 41-50). Assim, a variável 'paralelismo formal' foi composta por seis fatores, como mostra o quadro abaixo. Como já mencionei anteriormente, em minha análise 'T' representa a opção com 100 % de concordância e 'S' a opção com 100 % de não-aplicação da regra de concordância. Desse modo, esses fatores precisam ser eliminados da amostra, uma vez que o Varbrul somente analisa dados variáveis.

<i>Código</i>	<i>Fator</i>	<i>Exemplo</i>
I	verbo em construção isolada	"Mas aquilo é bom, porque, hoje <u>tu</u> <u>lembras</u> (ahn!) certas coisas assim, como se tivesse acontecido ontem." (VarX 83, cód. 2265)
P	primeiro verbo de uma série	"...então ele falava assim: 'eu não vou te culpar se <u>tu</u> <u>errares</u> , eu vou te culpar se <u>tu</u> <u>deixar</u> de fazer, entendeu"; (VarX 22, cód. 31)
M	mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado	"O pessoal que habita aqui é muito conservador, não sei se tu nota onde <u>tu</u> <u>moras</u> , as zonas que <u>tu</u> <u>moras</u> ..." (VarX 54, cód. 1948)
N	mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não-	[o doutor] "olhou e disse: ' – É, <u>tu</u> <u>tem</u> uma úlcera. Mas com esse tratamento que te dei, não <u>te</u> <u>curaste</u> ?" (VarX

contêm a marca.

	marcado	77, cód. 1759)
T	verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância	"...quando a gente andava sozinho:"-D'aonde <u>tu és?</u> Quem <u>tu és?</u> " e tal, tinha muito controle." (VarX 70, cód. 1842)
S	verbo de uma seqüência sem marcas de concordância	"...Por exemplo, <u>tu trabalha</u> 5 anos numa firma, quando <u>tu sai</u> daqueles 5 anos, <u>tu recebe</u> um dinheiro..." (VarX 79, cód. 2240)

ILUSTRAÇÃO 11 – Quadro com os fatores da variável paralelismo formal, seus respectivos códigos e exemplos

A Tabela 3, abaixo, apresenta os dados atribuídos ao 'paralelismo formal'. Essa variável foi a primeira a ser selecionada pelo programa de análise estatística, especialmente por causa dos fatores 'N' e 'P', que tiveram percentuais de aplicação (49 % e 38 %, respectivamente) bem superiores à média (18 %) e pesos relativos bastante altos: 0,84 para 'N' e 0,73 para 'P'.

TABELA 3 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o 'paralelismo formal' (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Mistura de marcas com o elemento anterior não-marcado (N)	39 / 80	49 %	<u>0,86</u>
Primeiro verbo de uma série (P)	23 / 59	39 %	<u>0,74</u>
Mistura de marcas com o elemento anterior marcado (M)	13 / 48	27 %	0,50
Verbo em construção isolada (I)	60 / 554	11 %	0,42
Subtotal	135 / 741	18 %	
Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância (T)	22 / 22	100 %	'Knockout'
Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância (S)	0 / 1367	0 %	'Knockout'
TOTAL	157 / 2130	7 %	

Como demonstram os resultados expressos na tabela acima, o 'paralelismo formal' é inútil para a presente análise. Primeiramente porque o fator 'N' (mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não-marcado) associado à aplicação de concordância tem valor nulo, pois, neste caso particular, não existe 'paralelismo formal'. Em segundo lugar, porque o fator 'P' (primeiro verbo de uma série) tampouco permite a existência de paralelismo, dado que este tem caráter regressivo.

Em verdade, os resultados expressos na tabela acima, trazem à tona uma série de questões a serem tomadas em consideração antes da utilização desta variável em trabalhos de concordância verbal:

- 1) Se o paralelismo formal for visto como um fenômeno morfossintático, não deveria obedecer a critérios unicamente morfossintáticos, para ter unidade tipológica?
- 2) Se o paralelismo não for visto como um fenômeno morfossintático, como separar as repetições intencionais, estilísticas, enfáticas?
- 3) Pode-se admitir que no paralelismo a regra dê saltos?
- 4) O paralelismo deve ser encarado apenas como um processo regressivo?
- 5) Como saber se a causa da aplicação da regra é o 'paralelismo', ou outro condicionador lingüístico que com ele possua alto grau de ortogonalidade?
- 6) Que papéis têm as regras sintáticas de coordenação em relação ao paralelismo?
- 7) Qual é a definição de 'sentença' ou de 'série' que dá suporte ao paralelismo formal?
- 8) Se há estrutura e hierarquia no discurso – assim como há na sintaxe – podem os enunciados ser tratados como 'séries' que se sucedem linearmente?

Como ainda não encontrei respostas para a maioria dessas perguntas e com base nos resultados apresentados na tabela acima, abduco da utilização da variável 'paralelismo formal' porque tenho dúvidas sobre seu poder explicativo para o fenômeno de concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas. Esta análise, portanto, impede a verificação da hipótese B₃, no que se refere a: "há maior taxa de concordância quando o verbo em estudo faz parte de uma seqüência com todas as marcas de concordância" (p. 17).

4.2.1.2 *O tipo de sujeito*

A variável 'Tipo de sujeito' avalia a possibilidade de haver influência da manifestação, da ausência ou da posição ocupada pelo pronome-sujeito em relação ao verbo sobre o processo de concordância de segunda pessoa do singular. Os resultados alcançados por esta variável, durante as rodadas preliminares, permitem que se tenha uma visão panorâmica do processo estudado aqui.

Primeiramente, nas noventa entrevistas do VarX, como já disse anteriormente, houve apenas duas vezes a utilização da forma de tratamento 'você'. Tão baixo índice parece demonstrar que a comunidade pelotense é refratária à influência das variedades de fala do norte do estado que, segundo dados do ALERS, já a utilizam com certa frequência. Isso faz do pronome 'tu' um pronome forte, um pronome marcado (possivelmente simbólico de uma atitude lingüística solidária à comunidade pelotense de fala).

Em segundo lugar, o índice de preenchimento do sujeito com forma pronominal de segunda pessoa do singular foi de 93 % (1985 de 2130 ocorrências). Percentuais tão altos de preenchimento do sujeito podem ser importante indício de que o fenômeno da concordância de segunda pessoa do singular (e possivelmente das outras pessoas do discurso) é consoante com a idéia de que há uma regularização do paradigma verbal via apagamento da desinência número-pessoal, em que são privilegiadas as formas verbais neutras, com apenas radical-mais-vogal-temática (que resultam idênticas às formas de terceira pessoa do singular) associadas a sujeito-preenchido, nos moldes defendidos por Menon & Loregian-Penkall (2002).

Em terceiro, o que parece evocar o desejo de reter as marcas de concordância é a relação entre o pronome 'tu' (incluída a sua elipse) e a forma verbal que o sucede. A Tabela 4, a seguir, apresenta o percentual de concordância mais alto (29 %) quando o pronome-sujeito de segunda pessoa do singular está elíptico. O fator correspondente à presença do pronome imediatamente antes do verbo apresentou percentual idêntico ao da média geral, ou seja, 7 %. Os fatores que representam a presença de material interveniente somados (N, M, D e P) apresentam percentual médio de 4 % (exceção feita ao fator J, que apresenta percentual de 13 %). O sujeito posposto e a substituição de 'tu' por 'ti' (em expressões como "*Muitas vezes a empresa paga pra ti fazer um curso...*" [VarX 83, cód. 2317]) não estiveram associados à aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular.

TABELA 4 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘tipo de sujeito’ (aplicações, total de ocorrências e percentuais)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>
‘TU’ contíguo anterior ao verbo (T)	106 / 1559	7 %
‘TU’ com ‘ <i>não</i> ’ interveniente (N)	10 / 241	4 %
‘TU’ com ‘ <i>já</i> ’ interveniente (J)	6 / 45	13 %
‘TU’ com monossílabo interveniente (M)	1 / 92	1 %
‘TU’ com dissílabo interveniente (D)	1 / 25	4 %
‘TU’ com polissílabo interveniente (P)	1 / 10	10 %
‘pra TI’ contíguo anterior ao verbo (C)	0 / 11	0 %
‘TU’ posterior ao verbo (S)	0 / 2	0 %
Pronome-sujeito não-explicitado (∅)	32 / 111	29 %
Improvável o preenchimento do sujeito (/)	0 / 34	0 %
TOTAL	157 / 2130	7 %

É importante destacar que há situações em que o preenchimento do sujeito é improvável, devido a restrições sintáticas. Por exemplo, em “*Aí o tio disse: “Fica contra o vento!”* [VarX 1, cód. 1], é pouco provável que a forma imperativa ‘fica’ admitisse a presença do pronome; em “*...tu ganha e faz aquela força, depois tu choras de emoção, e aí tu diz: ‘Ai, meu filho!’*”. [VarX 2, cód. 284], do mesmo modo, a restrição sintática que atua sobre a forma verbal coordenada (‘faz’) dificulta o preenchimento com pronome-sujeito. Nesses dois casos, quando eu não tinha dúvidas sobre a possibilidade de aparecimento do pronome naquela posição, adotei a codificação ‘/’, que é interpretada pelo Varbrul como ‘não se aplica’. Fiz isso para que esses dados não comprometessem os resultados do fator codificado como ‘∅’.

Em virtude do exposto, instaurei o processo de amalgamação de fatores através de testes de significância estatística com o objetivo de ter o conjunto de fatores mais enxuto e representativo possível. Mas, antes de se procederem aos testes de significância, foram amalgamados os fatores ‘C’ e ‘S’ ao fator ‘T’, para a eliminação de *knockouts*, o que desfez a distinção entre o pronome-sujeito imediatamente anteposto ao verbo, o pronome posposto (S) e o uso do oblíquo ‘ti’ na posição de sujeito de orações reduzidas de infinitivo (C). Também foram amalgamados os fatores ‘D’ e ‘P’ em virtude de haver menos de 1 % das ocorrências

associadas a polissílabos. Essas amalgamações preliminares reduziram o número de fatores de nove para seis. Os testes de significância foram aplicados a esses seis fatores. O resultado foi uma variável com quatro fatores, já que não foi possível amalgamar os dados relativos a 'TU' com 'já' interveniente (J) aos outros fatores que representavam a existência de material interveniente entre o pronome-sujeito e o verbo.

A Tabela 5, a seguir, apresenta esse conjunto de fatores. Como se pode observar, é apenas quando o sujeito não está explicitado (peso relativo de 0,88) que se criam condições favoráveis à concordância de segunda pessoa do singular. Os outros contextos não demonstraram relevância para o referido processo.

TABELA 5 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e sua relação com o 'tipo de sujeito' (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Pronome-sujeito não-explicitado (Ø)	32 / 111	29 %	<u>0,88</u>
'TU' contíguo ao verbo (T) (T+C+S)	106 / 1572	7 %	0,53
'TU' com 'já' interveniente (J)	6 / 45	13 %	0,38
'TU' com material interveniente (M) (M+D+P+N)	13 / 368	4 %	0,27
TOTAL	157 / 2096	7 %	

Esses resultados são comparáveis aos encontrados por Zilles et al (2000, p. 208) para a concordância de primeira pessoa do plural em Panambi e Porto alegre, cujo índice de concordância é de 96 %. Segundo Guy (1981, p. 244) o índice de concordância de terceira pessoa do plural no Rio de Janeiro foi de 95 % com sujeito não-explicitado. Embora percentualmente muito inferior a estes resultados, fica evidenciado que a retenção da marca de concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas está associada ao não-preenchimento do sujeito, e isso sustenta a hipótese B₃, no que concerne a: "há maior taxa de concordância quando 'tu-sujeito'

está ausente” (p.17).

4.2.1.3 A saliência fônica

A variável ‘saliência fônica’ foi a terceira a ser selecionada como estatisticamente significativa. Sua escolha tem importante impacto na presente análise, especialmente porque, como demonstra a Tabela 7, mais adiante, parece haver relação entre aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular e características formais como quantidade de material fônico, tonicidade e vogal temática do verbo. Mas as tabelas seguintes também demonstram que a ‘função de verbo auxiliar’ e algumas ‘formas muito utilizadas’ – que, em princípio, nada têm a ver com saliência fônica – estão relacionadas a essa variável de maneira indissociável.

A Tabela 6, abaixo, demonstra que os fatores com maior quantidade de material fônico (-sse e -ste) apresentam os índices percentuais e, mais que estes, os pesos relativos mais altos. Os fatores 3, 4 e 8 apresentaram, respectivamente, percentuais de 23, 46 e 34 e pesos relativos de 0,94, 0,93 e 0,91. De modo oposto, os fatores com menor quantidade de material fônico (-s) – sem função de auxiliar e que não estavam associados a formas muito utilizadas (C, U e V) – foram os que apresentaram os menores índices. Fatores com quantidade de material intermediária (-es) apresentaram resultados igualmente intermediários, como demonstram os resultados relativos aos fatores ‘W’ e ‘H’. Entretanto, a tabela abaixo o demonstra, há fatores que obtiveram índices percentuais bem acima da média de 7 % mesmo tendo pouco material fônico (e.g., os fatores E, P e D).

TABELA 6 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e

a 'saliência fônica' (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
3) - <i>ste</i> ou - <i>sse</i> (IdPt2, 1ª conjugação) (exemplos: falaste, falou)	15 / 66	23 %	<u>0,94</u>
4) - <i>ste</i> ou - <i>sse</i> (IdPt2, 3ª conjugação) (exemplos: sumiste, sumiu)	11 / 24	46 %	<u>0,93</u>
8) - <i>ste</i> ou - <i>sse</i> (irregulares, sobretudo) (exemplos: 8: fizeste, vieste, tiveste; 9: quiseste, disseste; B: foste)	11 / 32	34 %	<u>0,91</u>
2) - <i>ste</i> ou - <i>sse</i> (IdPt2, 2ª conjugação) (exemplos: comeste, comeu)	4 / 26	15 %	<u>0,81</u>
W) - <i>es</i> (UF) (exemplos: fazes, queres)	10 / 40	25 %	<u>0,90</u>
H) - <i>es</i> (todos os outros) (exemplos: H: fores, tiveres; Z: dizes)	10 / 239	4 %	<u>0,70</u>
E) - <i>s</i> (auxiliar, <u>estar</u> , <u>ter</u> no SbPt) (exemplos: estás, tivesses)	5 / 32	16 %	<u>0,90</u>
P) - <i>s</i> (UF, auxiliar, <u>ter</u> e <u>vir</u> no IdPr) (exemplos: tens, vens)	20 / 205	10 %	<u>0,82</u>
D) - <i>s</i> (UF, auxiliar, <u>estar</u> não-padrão) (exemplos: tás, tavas)	15 / 121	12 %	<u>0,70</u>
Q) - <i>s</i> (UF, auxiliar, IdPt1 e SbPr de <u>ter</u> e <u>vir</u>) (exemplos: tinhas, tenhas)	3 / 32	9 %	0,44
I) - <i>s</i> (eventualmente auxiliar, <u>ser</u> no IdPr) (exemplo: és)	5 / 126	4 %	<u>0,75</u>
A) - <i>s</i> (UF, eventualmente auxiliar, <u>ir</u> no IdPr) (exemplo: vais)	15 / 308	5 %	<u>0,69</u>
C) - <i>s</i> (IdPt1 e IdFt2, 2ª e 3ª conjugações) (exemplos: ias, irias, bebias)	3 / 99	3 %	0,22
U) - <i>s</i> (paroxítonos com tema em -e-) (exemplos: comes, fales)	16 / 289	6 %	0,19
V) - <i>s</i> (paroxítonos com tema em -a-) (exemplos: falas comas)	14 / 491	3 %	0,12
TOTAL	157 / 2130	7 %	

Alguns fatores se mostraram suscetíveis a influências formais outras, associadas à saliência fônica. Essas influências parecem ocorrer quando a forma-alvo tem uso bastante freqüente (UF) ou quando desempenha função de verbo auxiliar (o que lhe atenua o papel semântico e lhe enfatiza o papel gramatical, além de contribuir para uma maior freqüência). É o que está demonstrado pelos resultados atribuídos aos fatores W, E, P, D, I e A, cujos pesos relativos parecem ter sido elevados pelas influências formais supramencionadas.

Parti desses resultados e realizei vinte-e-uma rodadas para produzir amalgamações a partir de *testes de significância estatística*. Quatro foi o menor

número de fatores possível. Os testes de significância não permitiram que os fatores C e E ou C e H ou, ainda, E e H fossem amalgamados. A variável 'saliência fônica', em sua manifestação mais enxuta, resultou composta dos fatores apresentados na Tabela 7, a seguir.

Como está demonstrada pela ordem de importância dos fatores, a gradação estabelecida pela quantidade de material fônico (isto é, -ste, depois -es, depois -s) tem correspondência estatística. O mais importante desses fatores é o que contém o morfema '-ste' (ou sua variante -sse), com taxa de uso quatro vezes superior à média de aplicação de concordância e peso relativo de 0,91. Como já foi mencionado acima, a escolha desse morfema, segundo a análise estatística realizada, decorre da quantidade de material fônico; o fato de coincidir integralmente com a desinência número-pessoal de segunda pessoa do singular, pois, não foi apontado como relevante. O segundo fator mais significativo (H), correspondente ao acréscimo de '-es', apresentou os mesmos sete pontos percentuais da média total de aplicação, mas com peso relativo de 0,72. Dos fatores que estavam representados pelo acréscimo de '-s', mostrou-se relevante (com onze por cento de aplicação e peso relativo de 0,65) aquele que estava associado a verbos auxiliares ou formas de uso freqüente. O fator que representava tão somente o acréscimo de '-s' obteve peso relativo de apenas 0,35 e três pontos percentuais abaixo da média.

TABELA 7 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a 'saliência fônica' (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
<u>-ste</u> (ou <u>-sse</u>)	(2) (2,3,4,8)	41 / 148	28 %	<u>0,91</u>
<u>-es</u>	(H) (H,W)	20 / 279	7 %	<u>0,72</u>
<u>-s</u> (auxiliares)	(E) (E,D,P,Q)	43 / 390	11 %	<u>0,65</u>
<u>-s</u>	(C) (C, I, V, U, A)	53 / 1313	4 %	0,35
TOTAL		157 / 2130	7 %	

Esses resultados – pelos valores estatísticos atingidos e pela sua coerência com os preceitos teóricos que dão suporte à ‘saliência fônica’ – fazem dessa variável um dos condicionadores lingüísticos mais importantes para a aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular na comunidade pelotense. E isso dá sustentação à hipótese B₂, que previa que “quanto mais saliente a marca de segunda pessoa do singular, maior a taxa de concordância” (p. 17).

4.2.1.4 *O discurso reportado*

A variável ‘discurso reportado’ (d.r.) apresentou resultados que destoam de outros trabalhos por mim realizados (entre eles Amaral et al, 1999 e Amaral, 2000). Nesses trabalhos, os fatores associados ao discurso reportado de pessoas próximas e do próprio informante foram os que apresentaram maior influência sobre a concordância de segunda pessoa do singular.

A Tabela 8 apresenta os resultados hierarquizados a partir do maior peso relativo. Como está demonstrado, o fator que mais parece contribuir para a ocorrência do fenômeno aqui focalizado é a interação entrevistado-entrevistador (com peso relativo de 0,81 e taxa percentual de aplicação de 23 %, muito acima dos 7 % de média). Como, por exemplo, em “*Não sei se tu lembra do Maçã Verde, Verdes Anos? Tu tens 20 anos! Eu sou mais velha do que tu, eu vou fazer 24 anos*” [VarX 24, cód. 9]⁷⁷. Talvez, no caso do VarX, alguns tenham percebido na situação de entrevista ou mesmo na própria entrevistadora um motivo para aplicar mais concordância⁷⁸. O fator ‘B’, que se refere a discursos reportados de pessoas não-próximas (pessoa que

⁷⁷ No caso deste exemplo e de outros semelhantes, seria possível se pensar que a concordância revela demarcação de diferenças: não somos do mesmo grupo, temos idades diferentes.

⁷⁸ A concordância pode significar também que esteja sendo marcada a mudança de papel e o entrevistado passe a assumir o ônus de conduzir a interação. E essa é uma possibilidade alternativa de explicação a que prevê formalidade na entrevista.

não faz parte do círculo familiar ou de amizades do informante), foi o outro fator selecionado como relevante, com peso relativo de 0,60, mas com percentual muito próximo da média. Um exemplo de dado codificado com este fator é ”... *no 1º dia que eu voltei a trabalhar, eu falei com o Fernando, que era o dono, e ele disse assim: ‘– Se tu botares atestado dentro de uma semana, eu te boto na rua sem direito a nada’*”. [VarX 33, cód. 1189]. Os outros fatores apresentaram pesos relativos próximos do ponto neutro (*i.e.*, 0,50).

TABELA 8 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘discurso reportado’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
‘Tu’ é o entrevistador	(D)	39 / 169	23 %	<u>0,81</u>
d.r. de pessoas não-próximas	(B)	34 / 365	9 %	<u>0,60</u>
d.r. de pessoas próximas	(A)	10 / 124	8 %	0,53
d.r. do próprio informante	(C)	14 / 204	7 %	0,51
‘Tu’ genérico	(E)	60 / 1268	5 %	0,42
TOTAL		157 / 2130	7 %	

A constante preocupação de reduzir ao máximo o número de fatores em cada variável não teve lugar aqui, ao produzir as amalgamações. Importou-me verificar, antes de tudo, possíveis nuances entre os diferentes tipos de discurso reportado. Os testes de significância autorizaram amalgamações entre os três fatores que representam discursos reportados, contudo, para permitir comparabilidades futuras, utilizei o padrão preferencial sugerido pelos testes, isto é, fundindo o fator ‘C’ ao fator ‘A’, que (com percentual de aplicação de 7 % e peso relativo de 0,53) passou a representar, além dos discursos reportados de pessoas próximas, os discursos do próprio informante. A lógica recomenda que assim seja feito, uma vez que os discursos relativos a ‘C’ são mais próximos de ‘A’ do que de ‘B’.

Desse modo, a seleção de ‘D’ e ‘B’ como as estatisticamente mais significativas parece revelar que há pressões para um uso mais formal envolvidas no

processo de interação (ou que houve, no caso do discurso reportado de pessoa não próxima) que podem estar associadas à assimetria das relações entre indivíduos ou a níveis diferenciados de monitoramento da fala. E isso dá sustentação à hipótese B₁, no sentido de que “a concordância de segunda pessoa do singular é maior em discursos reportados e em situações em que o entrevistador é o interlocutor” (p. 16).

4.2.1.5 O tipo de sentença

Ao formular esta variável, eu pretendia verificar, principalmente, se o fenômeno de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular era afetado pelo padrão entonacional de orações interrogativas. À parte esse objetivo, não vislumbrava nenhuma outra utilidade que explicasse a adoção de uma variável desse tipo. Como demonstra a Tabela 9, abaixo, essa hipótese mostrou consistência: dos casos de aplicação de concordância, vinte-e-dois por cento estavam em orações interrogativas (com peso relativo de 0,72). Os outros tipos de oração não se mostraram importantes.

TABELA 9 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e o ‘tipo de sentença’ (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Interrogativa	(I)	46 / 208	22 %	<u>0,72</u>
Exclamativa	(E)	8 / 52	15 %	0,54
Declarativa	(D)	102 / 1822	6 %	0,48
Imperativa	(M)	1 / 48	2 %	0,23
TOTAL		157 / 2130	7 %	

A semelhança entre pesos relativos dos fatores não-selecionados sugeriu que eu devesse produzir amalgamações. Valendo-me de testes de significância estatística, eu eliminei a diferença entre orações imperativas e declarativas, amalgamando-as. As explicações para isso se apoiaram não apenas no pequeno número de aplicação de concordância e de ocorrências, mas, sobretudo, no fato de que

existe nos dados do VarX um amplo uso de verbos no presente, precedidos de pronome, que têm caráter injuntivo e que são utilizados para fazer uma solicitação ou mesmo para mandar. Por exemplo, em “-Então, caminha pra casa! Vai pra casa! Tu não te preocupa com atestado, não te preocupa com nada, porque o teu dinheiro, toda sexta-feira, eu vou mandar em casa.” [VarX 61, cód. 115].

Houve apenas a possibilidade de amalgamar os fatores supramencionados (D e M). O resultado do teste de significância impediu que fossem juntados a esses fatores os dados relativos às orações exclamativas. Assim sendo, restaram três fatores nesta variável, com praticamente os mesmos resultados apresentados na Tabela 9: apenas o fator ‘D’ teve seu peso relativo alterado de 0,48 para 0,47.

Como se viu, as orações interrogativas estão entre os condicionadores do processo de aplicação da concordância verbal de segunda pessoa do singular. Esse resultado parece ter relação com a curva entonacional ascendente que faz com que a estrutura interrogativa seja marcada. E isso, de certa forma, também vale para as orações exclamativas, cujo padrão entonacional é diferente do padrão das orações declarativas. Assim, os resultados atribuídos a este grupo de fatores dão sustentação à hipótese B₃, com relação a: “há maior taxa de concordância quando a palavra-foco está em frase interrogativa” (p. 17).

4.2.2 *As variáveis sociais*

Toda análise de variação lingüística sempre põe à prova todo um conjunto de generalizações formado ao longo das últimas quatro décadas, desde que Labov esteve em Martha’s Vineard. Os estudos que o seguiram mais acrescentam informações à Teoria da Variação Lingüística do que exigem sua reestruturação. É fato que ela não ficou parada no tempo, que se tem aprimorado o modelo de análise

estatística e que muitos ajustes teóricos têm sido necessários. Mas, aos quase quarenta anos, a Variação Laboviana continua com os mesmos objetivos, com o mesmo método, com a mesma estrutura e com os mesmos princípios.

No presente estudo, os resultados estatísticos associados às variáveis sociais demonstram a robustez dos princípios teóricos da Teoria da Variação. Como estará exposto adiante, os resultados atribuídos à classe social e à faixa etária demonstram a gradação esperada por mim – que desejo postular que a concordância verbal de segunda pessoa do singular está em fase de mudança socialmente motivada na comunidade de Pelotas.

4.2.2.1 *A faixa etária*

O estabelecimento de um grupo de fatores ‘faixa etária’ é importante porque permite uma série de ilações. É possível que os resultados sejam capazes de indicar se há uma tendência de mudança lingüística em tempo aparente. Ou talvez indicar o momento na história recente em que essa mudança teve seu processo acelerado. Ou ainda, acaso, pode indicar se há pressão do mercado de trabalho para uma utilização mais formal da língua. Para tanto, é necessário que os dados sejam trabalhados a produzirem tais respostas.

Neste estudo, utilizei, inicialmente, três faixas etárias – que, multiplicadas pelos três fatores da variável ‘classe social’ e pelos dois da variável ‘gênero’, permite que seja atendida a recomendação laboviana de cinco informantes por célula. Entretanto, o modo adotado na estruturação do VarX possibilita a reconfiguração da variável ‘faixa etária’ para que essa tenha dois, três ou seis fatores.

Os resultados da rodada com três faixas etárias demonstram que as pessoas com mais tempo de existência aplicam maior taxa de concordância de segunda pessoa do singular (13 % e peso relativo de 0,64). Às pessoas entre 26 e 49

anos, foram atribuídos uma taxa média de 8 %, muito próxima da média geral, e peso relativo de 0,54. Os indivíduos mais jovens da amostra foram os que menos aplicaram concordância, em apenas 3 % do total de ocorrências (com peso relativo igual a 0,36). E esse é o primeiro indício de que há uma mudança em curso quase consolidada, no que concerne à aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular na comunidade pelotense.

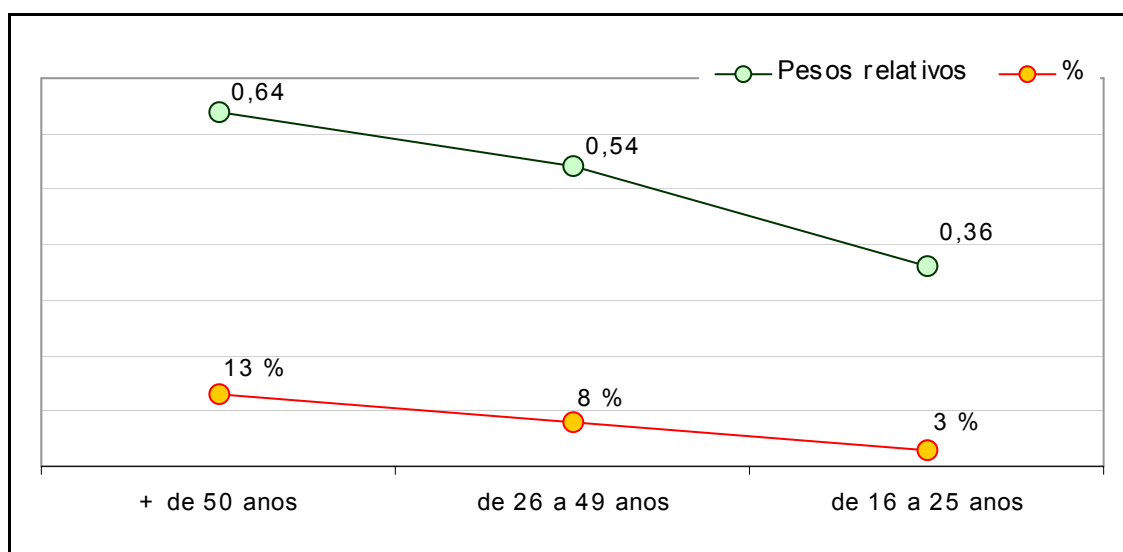


ILUSTRAÇÃO 12 – Aplicação de concordância por faixa etária, considerados os pesos relativos e percentuais atribuídos a 3 faixas

A Ilustração 12 apresenta os pesos relativos e percentuais que demonstram a tendência de mudança lingüística. Essa mudança lingüística em curso estaria caracterizada pelo decréscimo dos índices percentuais e de pesos relativos que podem ser verificados na medida em que são as pessoas com maior tempo de vida que mais aplicam a regra e as pessoas mais jovens as que menos a aplicam. Além disso, o percentual máximo é de apenas treze por cento, o que segundo Labov (1996, p. 127) coloca o fenômeno aqui estudado quase em processo de variação em fase de estagnação.

A tendência apresentada pelo gráfico acima é a de que, com o passar do tempo (pressupondo que a amostra é representativa da comunidade de fala em

estudo), a variante pelotense se aproxime da porto-alegrense no que respeita à concordância verbal de segunda pessoa do singular, isto é, com cada vez menos concordância, segundo Loregian (1996, p. 105) e Altenhofen (2002, p. 144). Parece existir, pois, um processo de mudança lingüística em fase de consolidação: "*mudanças quase concluídas*" (Labov, 1996, p. 147).

4.2.2.2 *A classe social*

Como já está dito anteriormente, a 'classe social' do VarX é composta pela interação dos indicadores 'renda e patrimônio', 'escolaridade' e 'ocupação'. Para isso, a fim de determinar qual o peso relativo de cada um deles, para uma posterior fusão em uma única variável, medi o papel em conjunto e isoladamente desses indicadores. Melhor explicando: em um momento, cada indicador constituiu um grupo de fatores e os três foram incluídos simultaneamente na mesma análise; em outro momento, cada indicador representou sozinho a variável 'classe social', sem que os outros fossem incluídos na análise.

Os resultados indicam que os fatores que representam os mais favorecidos socialmente (os que têm maior renda e patrimônio, maior escolaridade e ocupação intelectualizada) aplicam mais concordância, respectivamente, 12 %, 10 % e 10 %, o que corrobora a posição de Bourdieu apresentada antes (p. 40). A Tabela 10, a seguir, apresenta os resultados da análise em que 'zona de residência', 'escolaridade' e 'ocupação' estavam incluídos simultaneamente. Durante esta rodada, a única das três variáveis a ser selecionada foi 'zona de residência'. Como está demonstrado, a 'zona de residência' apresenta maior peso relativo (0,67) para o fator do topo (centro, de situação econômica mais alta) e a maior polarização, isto é, a diferença entre a classe mais alta e a mais baixa é de oito por cento.

TABELA 10 – A importância dos componentes ‘Zona de residência’, ‘Escolaridade’ e ‘Ocupação’ para a definição de Classe Social no VarX – Pelotas (taxas de aplicação, totais de ocorrências, percentuais, pesos relativos e margem de erro)

<i>Variável</i>	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação /</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>	<i>Margem de erro</i>
<i>Zona de residência</i>	Centro	73 /	626	12 %	<u>0,67</u>	0,7 %
	Periferia	61 /	924	7 %	0,50	
	Arrabalde	23 /	580	4 %	0,31	
<i>Escolaridade</i>	Superior	67 /	683	10 %	<u>0,65</u>	0,9 %
	Média	71 /	874	8 %	0,53	
	Fundamental	19 /	573	3 %	0,27	
<i>Ocupação</i>	Intelectual	74 /	753	10 %	<u>0,66</u>	0,8 %
	Técnica	55 /	783	7 %	0,48	
	Manual	28 /	594	5 %	0,33	
TOTALIS		157 /	2130	7 %		

Esses resultados colocam em sintonia as taxas de concordância verbal de segunda pessoa do singular e os indicadores de classes sociais. E isso segue a mesma direção indicada pelas hipóteses A₁, A₂, A₃ e A₄ (p. 16), isto é, que quanto mais capital social acumulado (no sentido defendido por Bourdieu (1996), maior capital lingüístico. O que pode ser um forte indício de que a concordância verbal aqui estudada seja vista pela comunidade de fala como algo digno de ‘prestígio’. Esse raciocínio fica reforçado pelo fato de ser mudança quase completada e, neste caso, quanto mais alta a classe, mais resistência à mudança, como prevê o modelo de Kroch (1976).

Esses dados das variáveis relativas à classe social foram alvo de diversos tipos de análise com a finalidade de se chegar ao indicador mais adequado. Em todas as análises⁷⁹, sem exceção, a melhor configuração da amostra tomava por base o indicador ‘renda e patrimônio’ aqui nomeado apenas por ‘zona de residência’.

Isso⁸⁰ está de acordo com o que postulam Guy (1987) e Baugh (1995),

⁷⁹ Rodada com os três indicadores ao mesmo tempo; rodada com os indicadores separados; rodada com os dados apenas de cada fator; testes de significância que autorizassem amalgamações; comparações entre resultados.

⁸⁰ Eu estou me referindo a resultados obtidos de uma amostra com noventa informantes (do VarX) de

sobre a importância que nossas sociedades ocidentais dão às questões econômicas. Entretanto, contraria a posição de Chambers (1995, p. 43), de que o que efetivamente importa é a ocupação, dado que nela estão contidas peculiaridades econômicas e de escolaridade. Se a determinação de ocupação foi eficiente no VarX, talvez o perfil econômico de Pelotas – como está demonstrado na página 22 – explique o fato, pois é uma cidade que já foi um pólo industrial mais desenvolvido do que é hoje, que possui uma estrutura social menos complexa (com menos classes sociais) do que os grandes centros industriais, como os estudados por Chambers.

Assim, é de se esperar que a tessitura social pelotense, dados os acontecimentos sócio-histórico-econômicos dos últimos 40 anos, conduza seus cidadãos a uma reorganização de classe em que a ascensão social seja principalmente *orientada pela busca de melhoria do padrão aquisitivo*, não pelo *status* profissional (*cf.* p. 82). De outro modo, se os resultados traduzem com adequação a realidade pelotense, a organização em classes de trabalhadores pode ter impacto reduzido na comunidade (*ut supra*) e isso, talvez, possa ter sido uma das explicações de a variável ‘ocupação’ ter sido preterida.

Por isso, a variável ‘zona de residência’ (que também inclui renda e patrimônio) é a que melhor representa a concepção de Classe Social no presente trabalho. A Tabela 11 demonstra como ficou o perfil da amostra para a variável ‘classe social’. Como se pode atestar, não há uma distribuição equilibrada de informantes entre os indicadores sociais. Devo lembrar que isso assim é propositalmente: uma vez que eu tinha a intenção de medir os papéis desses fatores isoladamente, era necessário que eles não coincidissem totalmente.

Além disso, a partir de outros indicadores sociais previstos no VarX e

uma cidade com 323.158 habitantes. Isso corresponde a 0,03 % da população (ou seja, 1 em cada 3.590 pessoas foi entrevistada). Embora eu suponha que esta seja uma amostra confiável, os resultados são tão somente estimativos. Portanto, esses resultados estão circunscritos à amostra. Logo, o que será apontado são tendências que teriam grande possibilidade (95 %) de se repetirem em estudos

apresentados no ‘questionário’ (subseção 3.2), a classe social mais alta (cuja renda familiar média era de 3841 reais em 2001) passarei a chamar ‘Classe média-alta’. À classe intermediária chamarei ‘Classe média-baixa’ dados os seus indicadores sociais (entre eles, a renda familiar média de 664 reais). É importante dizer que, aqui, o termo ‘classe média’ não é sinônimo de ‘classe baixo-burguesa’, mas sim de ‘classe intermediária’, entre os muito ricos (que eu chamaria ‘classe alta’) e os pobres (a que chamei ‘classe baixa’). Por fim, a ‘Classe baixa’ o que corresponde aos informantes do grupo próximo à *linha de pobreza*⁸¹ (com renda familiar média apurada em 2001 de 457 reais). Não estão incluídos na amostra do VarX os miseráveis e os indigentes⁸².

TABELA 11 – Distribuição definitiva dos informantes do VarX (Pelotas) na variável ‘classe social’ neste trabalho de concordância de segunda pessoa do singular

<i>Indicador social</i>	<i>Classe baixa</i>		<i>Classe média-baixa</i>		<i>Classe média-alta</i>	
	<i>Nº</i>	<i>%</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
Arrabalde	30	100				
Periferia			30	100		
Centro					30	100
Ensino Fundamental	24	80	6	20		
Ensino Médio	6	20	18	60	6	20
Ensino Superior			6	20	24	80
Manual	19	63,3	11	36,7		
Técnico	11	36,7	11	36,6	8	26,7
Intelectual			8	26,7	22	73,3

Deste modo, todos os informantes da ‘classe baixa’ moram na região aqui definida como arrabalde; oitenta por cento está no grupo dos trinta informantes que

semelhantes em Pelotas.

⁸¹ Abaixo da linha de pobreza estão as pessoas que não dispunham em 2001 de 80 reais mensais para gastos com alimentação. (Segundo critério da FAO para o Brasil, apresentado pelo Jornal Nacional da Rede Globo em 18/06/2001). Em 3/12/2002, a ONU e o IBGE apresentaram conjuntamente à imprensa os resultados de uma nova pesquisa sobre a pobreza no Brasil e no mundo: aproximadamente 1/3 da população brasileira (54 milhões de pessoas) vive com menos de 100 reais por mês. Foi divulgado também que a metade mais pobre da população detém, apenas, 10 % das riquezas do país.

⁸² Estou a tratar como ‘miseráveis’ àqueles que vivem em áreas sem infraestrutura, com rara intervenção do poder público para melhoria das condições de habitabilidade. Em Pelotas, os miseráveis, em geral, habitam regiões alagadiças próximas a cursos d’água, moram em barracos de madeira ou de lata (sem banheiro (2,8 %)*, água encanada (2,2 %)*, serviço de esgoto ou coleta de lixo (0,7 %)* e não têm emprego fixo. Estou a tratar como ‘indigentes’ aos que vagam pelas ruas ou que estão albergados em

têm a escolaridade mais baixa; e sessenta-e-três por cento têm ocupação manual. Na 'classe média-baixa', todos os informantes habitam na periferia de Pelotas; destes, sessenta por cento têm ensino médio. Todos os informantes da 'classe média-alta' residem na região central, oitenta por cento têm ensino superior e setenta-e-três por cento têm ocupação intelectual. Esse é o perfil da amostra.

Na Ilustração 13, abaixo, a linha decrescente quase reta que perpassa as três classes parece demonstrar que a gradação da aplicação de concordância respeita a tendência observada pela hierarquia social. À classe média-alta foi atribuído o percentual de 12 % (cinco pontos acima da média). A classe média-baixa, intermediária, obteve resultado idêntico à média geral de aplicação (isto é, 7 %). Foi atribuído à classe baixa o percentual de 4 % (três pontos abaixo da média).

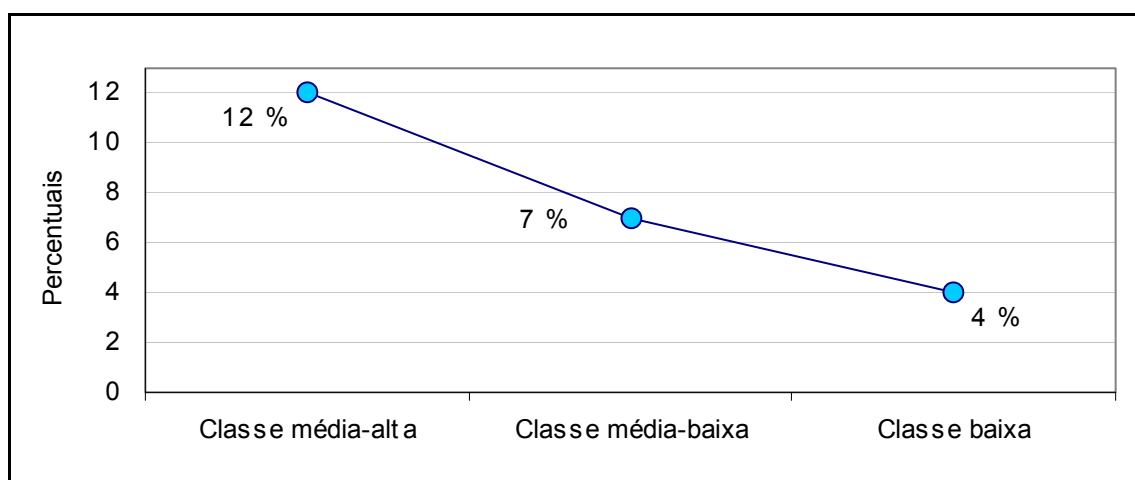


ILUSTRAÇÃO 13 – Aplicação de concordância por classe social (em percentuais)

Isso significa que, de acordo com a presente análise, a retenção da marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular está associada à classe média-alta, é neutra em relação à classe média-baixa e não está relacionada à classe baixa. O que pode ser um indício de que há estratificação social em Pelotas e que a variação dessa forma de concordância tem provavelmente valor simbólico importante

e contribui para o estabelecimento de distinções sociais. Isso pode ser, inclusive, indício de que a marcação de concordância de segunda pessoa do singular é vista por indivíduos da comunidade como forma de exibirem símbolos de prestígio social. Isso está em consonância com o que apresentei anteriormente (p. 44) com base em Bourdieu (1996, p. 41), *i. e.*, que o ato de fala é a apropriação de um estilo já construído e que corresponde a uma posição na hierarquia social.

4.2.2.2.1 Os outros indicadores sociais retirados do questionário prévio

A Tabela 12 apresenta os índices percentuais relativos ao cruzamento das três classes sociais contempladas no VarX com o tempo de permanência na escola dos informantes e com a escolaridade dos pais dos informantes. Esses resultados foram retirados do questionário (subseção 3.2) aplicado pelos entrevistadores aos informantes. Assim, os informantes com menos de doze anos de permanência na escola equivalem a três por cento na classe média-alta, a vinte por cento na média-baixa e a oitenta por cento na classe baixa. O tempo médio, em anos de estudo, dos informantes da classe média-alta é de dezessete anos, da média-baixa é de treze anos e da classe baixa é de oito anos⁸³.

TABELA 12 – Escolaridade do informante e de seus pais no VarX (Pelotas) por classe social (em percentuais)

	<i>Classe Média-Alta</i>	<i>Classe Média-Baixa</i>	<i>Classe Baixa</i>
Informante com menos de 12 anos de estudo	3 %	20 %	80 %
Informante cujos pais têm nível superior	47 %	7 %	0 %
Informante cujos pais têm até 5º ano fundamental	23 %	77 %	90 %
<i>Tempo médio de estudo do informante (em anos):</i>	17	13	8

Com relação aos pais dos informantes, na classe média-alta, quarenta-e-

⁸³ Dados do Censo Demográfico de 1991, do IBGE, revelam que, da população estudantil com mais de 10 anos, permaneciam na escola por 11 anos ou mais: no Brasil, 13,8 %; no Rio Grande do Sul, 14,7 %; em Pelotas, 16,5 %. Dados do mesmo censo revelam que, da população gaúcha, 1,8 % estava na

sete por cento têm ensino superior, índice bastante acima dos, apenas, sete por cento atribuídos à classe média-baixa. Nenhum dos pais dos informantes da classe baixa tinha curso superior na data da entrevista. Essa informação é importante porque permite que se suponha haver alguma relação (ainda que indireta) entre o prestígio da variedade dialetal materna do informante e a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular. Neste caso, ao que parece, quase metade dos informantes da classe média-alta tinham em casa alguém que teve acesso às marcas lingüísticas prestigiadas socialmente na comunidade pelotense. Esses percentuais corroboram os resultados do Censo 2000, divulgados pelo IBGE, que apontam para uma relação existente entre escolaridade e renda do trabalhador, e a posição de Baugh (1996) de que é importante considerar a história lingüística para uma adequada divisão em classes sociais (cf. p. 38). É o que se constata aqui, quanto maior a escolaridade, maior a renda e, conseqüentemente, mais alta a posição social.

Em sentido inverso, os resultados atribuídos aos pais com baixa escolaridade (até 5ª série do 1º grau, incluídos os analfabetos) reforçam essa idéia. Na classe média-alta, vinte-e-três por cento dos pais dos informantes têm no máximo o primário completo. Nas classes média-baixa e baixa esses percentuais saltam para setenta-e-sete e noventa, respectivamente.

A análise dos questionários do VarX possibilita, também, a interconexão 'renda-patrimônio-hábitos de consumo' e 'classe social'. Noventa por cento dos informantes de classe média-alta compram alimentos em supermercados de grandes redes, cujas lojas têm apelo visual e *marketing* voltados a parcelas da população com poder aquisitivo mais elevado. Frequentam preferentemente esses estabelecimentos, apenas vinte por cento dos informantes de classe média-baixa e dez por cento dos de classe baixa. Em relação a estes informantes, 67 % deles optam por comprar alimentos no minimercado ou no armazém próximo a sua residência; àqueles, 53 %; em relação

àqueles outros, nenhum registrou que comprasse alimentos em minimercados. É o que demonstra a Tabela 13.

Esses resultados parecem apontar para a existência distinta por classes dos hábitos de consumo. E isso está em consonância com o que disse anteriormente (p. 42) – com base em Labov (1972, p. 225) – sobre a existência de gostos, hábitos e ambientes mais adequados a cada classe. Então, é de se esperar que pessoas de uma classe se sintam ‘desconfortáveis’ em situações sociais para as quais não estão preparadas.

TABELA 13 – Hábitos de consumo do informante e patrimônio e renda familiar do informante no VarX (Pelotas) por classe social (em percentuais)

	<i>Classe Média-Alta</i>	<i>Classe Média-Baixa</i>	<i>Classe Baixa</i>
Compra alimentos em supermercados de rede	90 %	20 %	10 %
Compra alimentos em minimercados de bairro	0 %	53 %	67 %
Compra roupas em lojas de departamentos	70 %	33 %	30 %
Compra roupas em lojas populares	7 %	43 %	57 %
Família do informante tem telefone	100 %	93 %	73 %
Família do informante tem empregada mensalista	37 %	10 %	0 %
<i>Renda familiar média (em reais):</i>	3.841,00	664,00	457,00

Os resultados associados ao hábito de consumo de roupas seguem essa mesma tendência. Em setenta por cento das questões, os informantes da classe média-alta responderam preferirem comprar roupas em lojas de departamentos⁸⁴; em trinta-e-três por cento, os da classe média-baixa; em trinta por cento, os da classe baixa. Inversamente, procuram lojas de perfil popular apenas sete por cento dos informantes da classe média-alta, quarenta-e-três por cento da classe média-baixa e cinquenta-e-sete por cento da classe baixa. Essas distâncias entre hábitos de consumo de alimentos e roupas – principalmente entre a classe mais alta e as duas mais baixas estudadas no presente trabalho – sugerem que pode haver um desejo de delimitarem

⁸⁴ Grandes magazines, com perfil voltado à classe média; por exemplo, C&A e Renner. Excluídas as boutiques e lojas de alto-padrão.

espaços próprios, sejam reais ou virtuais. O espaço da linguagem pode ser um deles: a taxa de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular aponta nessa direção. E isso reforça a idéia defendida por Bourdieu (*cf.* p. 42) de que, ao separar a língua de suas condições sociais de produção, os lingüistas estão, de fato, estudando uma variedade mais próxima das classes sociais mais altas. Seu estudo, nesse caso, não pode ser visto como representativo das classes mais baixas, que são a maior parte da população.

Em relação à posse de bens, a título de exemplo, todos os informantes da classe média-alta, noventa-e-três por cento dos de classe média-baixa e setenta-e-três por cento da classe baixa possuem telefone. Com relação à capacidade de manter empregada doméstica mensalista, trinta-e-sete por cento dos informantes da classe média-alta revelaram empregar pelo menos uma. Na classe média-baixa, dez por cento dos entrevistados têm empregada uma pessoa para os afazeres domésticos. Na classe baixa, nenhum informante tinha esse tipo de empregado.

Isso parece coerente com a renda familiar mensal média desta classe, que é de 457 reais. A renda familiar mensal média da classe média-baixa é pouco mais de duzentos reais superior, isto é, 664 reais. Na classe média-alta, a renda familiar mensal média sobe para 3.841 reais. Esses resultados parecem revelar que poderia haver uma estratificação mais pormenorizada, pelo menos quanto à média de renda⁸⁵. O que será feito adiante, (em 4.2.2.4.5), quando da análise de cinco classes sociais.

A Tabela 14 apresenta informações concernentes à atitude e à orientação dos informantes do VarX, retiradas das respostas às questões formuladas com base em Le Page & Tabouret Keller (1985) (*cf.* 3.2.4 e 3.2.6). São informações relativas ao modo como os pelotenses vêem a si mesmos, aos seus conterrâneos e aos porto-alegrenses. Além disso, há informações relativas ao tempo de moradia desses informantes no bairro, que podem conter indícios de baixa mobilidade social, tal como

apresentado antes (p. 39), quando foi mencionada a relação estabelecida por Baugh (1995) entre níveis de oportunidades sociais e mobilidade social.

TABELA 14 – Atitude dos informantes do VarX (Pelotas) por classe social em relação a pelotenses e a porto-alegrenses (em percentuais)

	<i>Classe Média-Alta</i>	<i>Classe Média-Baixa</i>	<i>Classe Baixa</i>
Pessoas do bairro são legais	77 %	83 %	87 %
Avaliação positiva dos pelotenses	43 %	63 %	63 %
Avaliação positiva dos porto-alegrenses	60 %	30 %	23 %
Avaliação negativa dos porto-alegrenses	27 %	40 %	40 %
O modo de falar dos pelotenses comparado ao dos porto-alegrenses			
O modo de falar dos pelotenses é pior	7 %	17 %	20 %
O modo de falar dos pelotenses é igual ou melhor ⁸⁶	53 %	47 %	20 %
Não sabe comparar	0 %	10 %	17 %
Informante morando há mais de 15 anos no bairro	80 %	77 %	73 %
<i>Tempo médio de moradia no bairro (em anos):</i>	23	29	20

Com relação à pergunta ‘As pessoas do bairro são legais?’, está demonstrado que quanto mais baixa a classe social, mais altos são os índices de avaliação positiva. Isso pode ser indício de integração à comunidade (ao que Labov chamou ‘solidariedade local’), e, neste caso, em Pelotas – se os percentuais revelam uma tendência que possa ser expandida às outras classes não contempladas no *corpus* – quanto mais pobres as pessoas, mais intensas (e talvez mais solidárias) suas relações com os vizinhos. E isso está de acordo com o que foi apresentado anteriormente (p. 37) com relação à posição de Guy (1987) sobre o fato de que a *inovação* lingüística está estreitamente relacionada à *solidariedade ao grupo* e à *identidade local*.

Contudo, avaliação positiva em tão alto índice não se repete quando o contexto é ampliado do bairro para a cidade. Neste contexto, a classe média-alta

⁸⁵ Segundo IBGE, Censo 2000, o rendimento médio mensal do trabalhador pelotense é de R\$ 783,54.

⁸⁶ Aqui foram juntadas às respostas atribuídas às avaliações ‘igual’ e ‘melhor’ para dar prioridade às

apresenta uma visão negativa dos seus conterrâneos, ao passo que as classes mais baixas têm uma visão mais positiva. Isso pode ser revelador do nível de satisfação com a cidade em que moram. Talvez esses resultados sejam devidos ao nível de escolaridade dos informantes. Eu explico. Como os informantes da classe média-alta têm, em sua maioria, curso superior (80 % – um índice muito próximo dos 73 % encontrados pela pesquisa telefônica relatada à p. 25), o nível de expectativas (todas elas, inclusive as relacionadas à renda) tende a ser maior. O tamanho de Pelotas e a sua pequena capacidade de absorção da mão-de-obra formada nas três instituições de ensino superior⁸⁷ são certamente como que ‘ingredientes’ dessa visão assim desfavorável. De outro modo, pode ser, também, que os informantes da classe média-alta estejam a demonstrar o desejo de se diferenciar dos mais pobres, cuja atitude é de maior solidariedade local, na linha defendida por Kroch (1976) e por Le Page & Tabouret Keller (1985) sobre grupo de referência.

Esses resultados refletem de modo espelhado a avaliação que foi feita dos porto-alegrenses. Os informantes da classe média-alta apresentaram uma avaliação mais positiva dos moradores da capital do que de seus conterrâneos. Esse tipo de avaliação é inverso nas outras duas classes. Mas é de se destacar que, na verdade, essas duas classes mais baixas não têm nem uma avaliação positiva nem negativa dos habitantes daquela cidade. Esses resultados podem eventualmente indicar que a classe média-alta de Pelotas esteja orientada para Porto Alegre e, assim, suscetível às suas influências (inclusive lingüísticas). As outras classes, ao que parece, estariam mais solidárias à própria comunidade.

Se essa orientação das classes sociais de Pelotas for representativa da

respostas dos que julgam que sua fala é pior ou dos que não têm consciência de como falam.

⁸⁷ Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RS). Excetuados os cursos de pós-graduação, são aproximadamente 70 cursos de graduação. A esses podem ser somados os quase quarenta cursos oferecidos pela FURG, de Rio Grande (que fica a 55 km de Pelotas) e que tem um grande contingente de alunos pelotenses. Fontes: *web pages* de cada instituição.

realidade, então, poderia parecer que há aqui um paradoxo. Como em Porto Alegre, segundo dados do Varsul⁸⁸, se usa menos concordância de segunda pessoa do singular do que em Pelotas, seria de se esperar que a classe média-alta também utilizasse pouca concordância, mas não é isso que está demonstrado nos resultados. A explicação que julgo ser a mais adequada é a de que, embora orientados à capital, os pelotenses da classe média-alta resistem à inovação. E isso vai ao encontro da postulação de Kroch (1976), sobre 'inovação' e 'conservação'. Seus motivos para essa orientação parecem ser menos o de resistir à força da difusão espacial, e mais o de demarcar-se como diferentes dos pelotenses de classes mais baixas. O que está em consonância com a posição de Guy (1987), apresentada antes (p. 36), no sentido de que não há mudança de cima para baixo, o que existe é resistência, já que o caminho trilhado pela mudança lingüística no caso da concordância de segunda pessoa do singular é o da perda de marcas. Logo, os pelotenses da classe média-alta parecem adotar uma postura conservadora com relação à concordância de segunda pessoa do singular e, para isso, têm motivações ligadas à história social da região. Talvez, essa orientação à Porto Alegre atue no sentido de fazer com que os pelotenses de classe média-alta não estigmatizem a não-aplicação de concordância. Ou seja, a utilização de marca de segunda pessoa do singular tem *prestígio*, mas sua não-utilização não sofre *estigma*.

Se comparados à percepção do modo de falar do pelotense em relação ao modo de falar dos porto-alegrenses, esses resultados podem ser ainda mais reveladores. O que está demonstrado é que quanto mais baixa a classe social pior é a avaliação da fala dos pelotenses. É de se destacar que a avaliação que a classe baixa faz do modo de falar dos pelotenses (ou da própria fala) é bastante negativa.

Interessante é observar, também, que é esta classe a que menos julga

⁸⁸ É importante lembrar que em Porto Alegre não há informantes com curso superior contemplados na análise.

saber comparar os dois falares. Esses resultados parecem apontar a uma situação em que quanto mais baixa a classe social menor a capacidade de comparação. E que, quando há comparação, a avaliação é que a sua forma de falar é pior do que a forma dos outros. Isso pode ser um indício⁸⁹ de que os indivíduos dessas classes estão impregnados pelos históricos e permanentes discursos do ‘falar *certo* ou *errado*’, de que o modo de falar dos mais afortunados é melhor do que o seu próprio modo (de ‘desprovido da fortuna’). E isso pode ser um valioso indício de que a concordância tem prestígio na comunidade pelotense de fala. Além disso, ao associar língua a código, à norma legitimada pelo Estado, acaba-se por atribuir *status* de lei à língua oficial. Em virtude disso, são colocados na marginalidade aqueles que não adotam essa norma. Logo, a exclusão social está intimamente ligada à imposição da variedade legitimada pelo Estado e valorizada pela escola. É nesse sentido que a competência lingüística está associada às condições sociais de sua produção (cf. p. 41 e 45). E é importante lembrar que essa língua oficial – que é cobrada na escola – define a concordância de segunda pessoa do singular como uma regra categórica com marcas.

Os resultados apresentados nesta subseção apontam para a mesma direção indicada pela hipótese A₄, especialmente porque há conformidade de que “a variação da concordância de segunda pessoa do singular está associada aos tipos de bens culturais que o informante valoriza” (p. 16).

4.2.2.3 O gênero

A variável ‘gênero’ foi a única das variáveis extralingüísticas que *não foi selecionada* durante as rodadas preliminares nem na rodada geral (com todos os grupos de fatores) como estatisticamente significativa para o processo de aplicação de

⁸⁹ Além do fato de isso poder ser resultado de contato insuficiente com pessoas de Porto Alegre. Eu me lembro que, quando era criança, na periferia de Pelotas, eu tinha a imagem de que os porto-alegrenses, por morarem na capital do estado, tinham forçosamente uma vida mais glamourosa. Então, acompanhar-se de um porto-alegrense, era motivo de admiração: “– Esta é minha prima! Ela mora em PORTO

concordância. Mesmo assim, eu resolvi incluir aqui uma descrição de seus resultados gerais, porque em rodadas específicas, em cruzamentos pormenorizados (nas subseções a seguir), este grupo de fatores mostrará sua relevância para a presente análise. Com isto estou a dizer que – em virtude de os resultados relativos a gênero estarem relacionados a outros indicadores sociais – neste momento ponho-me a apenas descrever os resultados gerais.

A concordância verbal de segunda pessoa do singular é mais aplicada por mulheres do que por homens. A Tabela 15 apresenta os resultados.

TABELA 15 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e a variável ‘gênero’ no VarX (Pelotas) (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Feminino	(F)	112 / 1146	10 %	0,59
Masculino	(M)	45 / 984	5 %	0,39
TOTAL		157 / 2130	7 %	

Está demonstrado que as pessoas do gênero feminino parecem valorizar mais as formas com concordância do que as do gênero masculino. As mulheres (com 10 % de aplicação) usaram o dobro de concordância de segunda pessoa do singular do que os homens (5 %). Outro fato observável é a diferença de vinte pontos entre ‘masculino’ e ‘feminino’ (que está nove pontos acima do ponto neutro).

A literatura⁹⁰ tem referido com frequência que as mulheres preferem usar formas de prestígio. Os resultados deste trabalho seguem esta mesma direção: mulheres aplicando mais concordância. Na subseção em que proponho o cruzamento entre ‘gênero’ e ‘classe social’ se verá que são as mulheres de nível social mais alto as que mais utilizam marcas de concordância (*cf.* p. 60). E esse é mais um indício de que a marca de concordância tem prestígio em Pelotas.

ALEGRE!”

⁹⁰ Horvath, 1985, p. 101; Chambers, 1995, p. 128; Haeri, 1995, p. 109

A não-seleção desta variável, pelo menos em parte, vai de encontro à expectativa que eu tinha inicialmente e que apresentei em forma de hipótese, no Capítulo 1: “a variação da concordância de segunda pessoa do singular está associada ao gênero do informante: mulheres utilizam mais marcas de concordância do que homens” (p. 16) e ao que propus anteriormente à página 37. Entretanto, ‘gênero’ foi selecionado em rodada em que os informantes estiveram divididos em cinco classes sociais, como será descrito mais adiante (4.2.2.4.5). E isso quer dizer que, com uma análise mais refinada de classe, a diferença aparece.

4.2.2.4 *As rodadas especiais*

Nas próximas subseções, vou apresentar uma série de rodadas que refinam esta análise com apenas os grupos de fatores sociais básicos. Há rodadas com seis faixas etárias, que complementam a análise produzida em 4.2.2.1. Há rodadas que contemplam cruzamentos entre ‘faixa etária’ e ‘gênero’, ‘faixa etária’ e ‘classe social’, ‘gênero’ e ‘classe social’. Há ainda rodadas com cinco classes sociais, compostas a partir de um reagrupamento dos informantes.

4.2.2.4.1 *As rodadas especiais com seis faixas etárias*

A utilização de seis faixas etárias pode ajudar a perceber melhor os estágios desse processo de mudança. Mas, é importante lembrar, isso fará com que os resultados fiquem sujeitos a uma maior interferência da variedade individual de fala de cada informante. Isto posto, os resultados com seis faixas etárias revelam praticamente a mesma tendência verificada quando da análise com três faixas. No presente caso – como está demonstrado na Tabela 16 – os pesos relativos seguem uma tendência ligeiramente diferente da expressa pelos percentuais. A ordenação seguida para os pesos relativos é faixa 6 (0,66), faixa 4 (0,63) e faixa 5 (0,62) como

favorecedores da retenção da marca de concordância de segunda pessoa do singular. As outras três faixas desfavorecem a concordância. Por fim, os testes de significância me autorizariam a amalgamar, aqui, a faixa 4 à 5 e a faixa 1 à 2. Abstenho-me de fazê-lo, contudo, porque minha intenção é demonstrar os percentuais e pesos relativos de cada uma das seis faixas do VarX.

TABELA 16 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e os resultados relativos a seis faixas etárias (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
+ de 65 anos	(6)	39 / 293	13 %	<u>0,66</u>
50 a 64 anos	(5)	34 / 289	12 %	<u>0,62</u>
38 a 49 anos	(4)	36 / 237	15 %	<u>0,63</u>
26 a 37 anos	(3)	21 / 504	4 %	0,45
21 a 25 anos	(2)	15 / 415	4 %	0,39
16 a 20 anos	(1)	12 / 392	3 %	0,38
TOTAL		157 / 2130	7 %	

Segundo os resultados obtidos através da amostra do VarX, parece existir em Pelotas uma tendência de decréscimo da aplicação de concordância à medida que o tempo vai passando. A atribuição de peso relativo (o segundo mais alto) e percentual (o mais alto) à faixa etária 4 (dos que têm entre 38 e 49 anos) talvez possa ter, como uma das explicações possíveis, as pressões do mercado de trabalho.

O que estou a supor talvez fique mais bem entendido a partir da visualização da Ilustração 14, que apresenta em forma de gráfico os percentuais atribuídos a cada uma das idades com informantes do VarX, divididos por gênero. A respeito desses percentuais, duas observações são possíveis: que as mulheres aplicam mais concordância do que homens na maioria das fases apresentadas; que as 'linhas de tendência' apontam para um decréscimo da utilização de marcas à medida que o tempo passa.

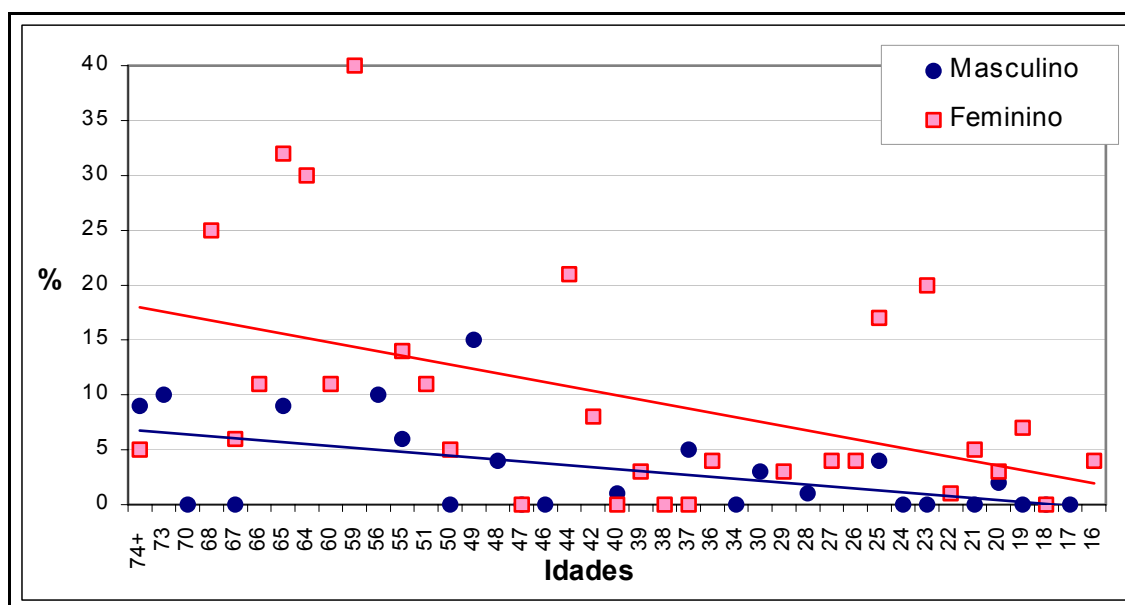


ILUSTRAÇÃO 14 – Aplicação de concordância por idade e gênero (em percentuais)

É importante destacar que – das dezoito mulheres que aplicam concordância de segunda pessoa do singular a uma taxa igual ou superior a dez por cento – 50 % têm curso superior e pertencem à classe média-alta. Isso aponta na mesma direção do que está apresentado nas páginas 37, 58 e 60.

Uma outra ilustração, na qual aparece a distribuição dos informantes em relação à taxa de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular, ajuda a entender o processo em estudo. Como já foi dito anteriormente, a média de aplicação de concordância foi de 7 %. Na Ilustração 15, abaixo, está demonstrado que os informantes com idade inferior a 50 anos utilizaram preferentemente menos de 5 % de marcas de concordância de segunda pessoa do singular, ao passo que 58 % dos entrevistados que tinham mais de 50 anos aplicaram mais de 10 % de concordância.

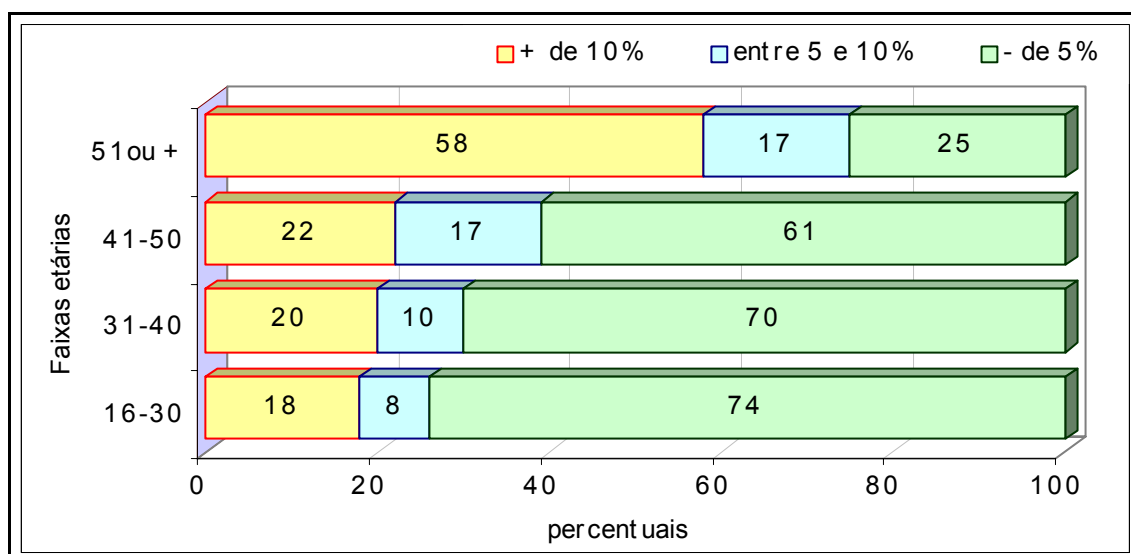


ILUSTRAÇÃO 15 – Concordância de segunda pessoa do singular por faixas etárias e faixas de percentuais de aplicação

É com base nesses resultados que julgo haver indícios de que a perda de marcas de concordância recebeu importante impulso há cerca de quarenta anos. Então, o alto peso relativo atribuído à faixa entre 38 e 49 anos deve ser explicado por outro motivo que não mudança lingüística. Um desses motivos pode ser pressão do mercado de trabalho. Um outro motivo pode estar ligado ao próprio processo de concordância, uma vez que muito da informação veiculada quando há concordância é redundante (portanto, supérflua); pode ser, então, que nesse momento da vida haja motivações que levem as pessoas (principalmente as mulheres de classe média-alta) a adotarem formas lingüísticas mais comuns a situações formais (cf. p. 58).

4.2.2.4.2 As rodadas especiais com o cruzamento 'faixa etária' e 'gênero'

A Ilustração 16 apresenta o cruzamento dos grupos de fatores 'faixa etária' e 'gênero'. Como já foi observado acima, as mulheres resistem mais ao processo de apagamento da marca de concordância. O que pode indicar que as mulheres pelotenses são mais conservadoras do que os homens no que tange à aplicação de

concordância verbal de segunda pessoa do singular.

É de se observar que foram atribuídos percentuais superiores a 7 % aos homens e às mulheres com mais de 38 anos. As pessoas da faixa de 26 a 37 anos mantiveram a marca de concordância em 4 % dos casos. As pelotenses de 21 a 25 anos parecem pressionar a taxa de concordância para cima, pois o percentual atribuído a essa faixa (8 %) é superior aos das faixas de 26 a 37 anos e de 16 a 20 anos, que manteve concordância em 5 % dos casos. Em linhas gerais, o gráfico demonstra que é seguida a tendência de que quanto menos idade, menos retenção de marcas de concordância de segunda pessoa do singular. Aos homens mais jovens, entre 16 e 25 anos, estão associados os menores percentuais: 1 %.

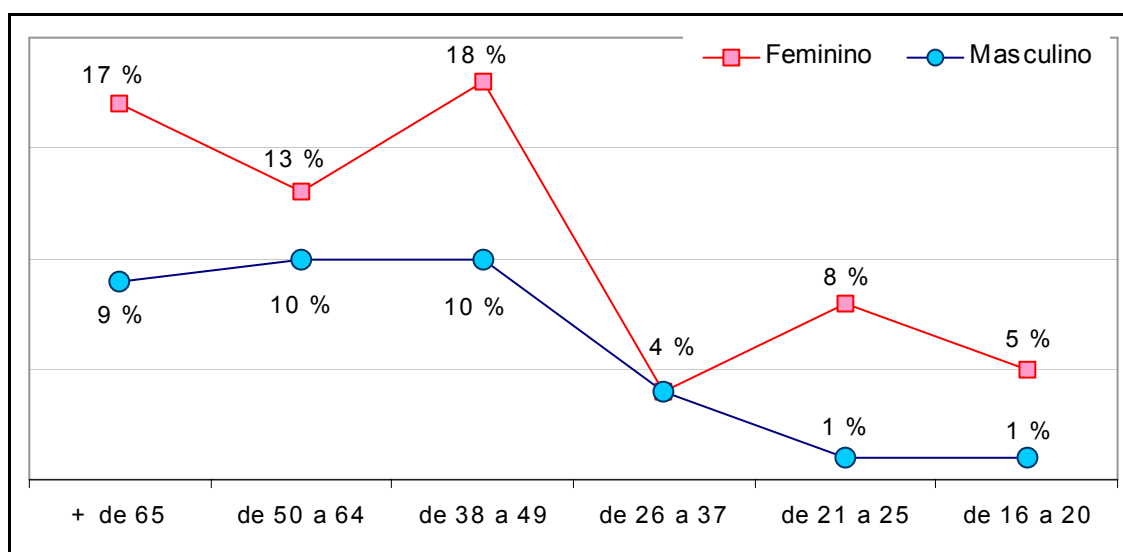


ILUSTRAÇÃO 16 – Percentuais de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular por faixa etária e gênero

É notória a tendência de perda de marcas de concordância com o passar do tempo, tanto para homens como para mulheres. Mas parece haver pressões outras (talvez do mercado de trabalho, da classe social ou da escolaridade) que não permitem que as linhas apresentem decréscimo constante. Isto está evidente entre as mulheres de 21 a 25 anos e de 38 a 49 anos: no primeiro grupo, talvez por conta do término do curso superior e do princípio da atuação profissional (digo isto porque são

as mulheres da classe média-alta, com curso superior na maioria dos casos, que pressionam este índice para cima); no segundo grupo, é possível, por problemas da amostra⁹¹. Entre os homens, chama a atenção a taxa de concordância atribuída às faixas de até 25 anos. Esse fato parece configurar um modo de falar tipicamente masculino (sem concordância de segunda pessoa do singular) nesta faixa etária, o que está de acordo com o que foi apresentado antes (p. 37).

4.2.2.4.3 *As rodadas especiais com o cruzamento das variáveis 'faixa etária' e 'classe social'*

O gráfico abaixo (Ilustração 17) contém o cruzamento entre classe social e faixa etária. Está demonstrado que para a classe média-alta existe um favorecimento da retenção de concordância para a faixa etária de 26 a 49 anos (cujo percentual foi de 28 %) e de mais de 50 anos (cujo percentual foi de 18 %); para a faixa de 16 a 25 anos, contudo, houve um claro desfavorecimento dessa retenção (percentual de apenas 2 %). O favorecimento da posição intermediária talvez possa encontrar explicação (segundo Labov, 1996, p.121-2) na pressão do mercado de trabalho sobre os indivíduos dessa faixa e classe para uma maior manutenção de formas de prestígio (no caso a marca de concordância de segunda pessoa do singular). Nesse grupo pode haver pessoas tendentes a prestar mais atenção à própria fala, o que levaria em consequência à diminuição do apagamento de marcas lingüísticas valorizadas em usos mais formais.

⁹¹ A informante 60 pode estar provocando distorções na amostra, uma vez que sua taxa de aplicação é de 49 %. Sem ela, a média de aplicação das outras seis mulheres dessa faixa cai para a média de 7 %. Claro que há que se considerar que a informante 60 é de classe média-alta e tem curso superior, o que forçosamente pressionaria esse percentual para cima.

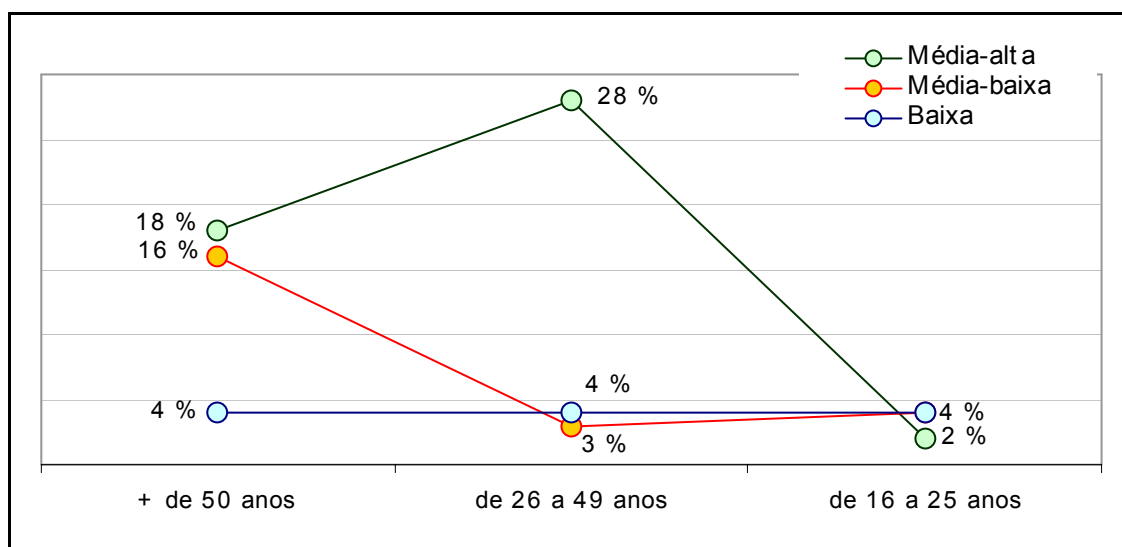


ILUSTRAÇÃO 17 – Percentuais de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular por idade e classe social

Parece evidente, pois, uma tendência de inclinação descendente da retenção da marca de concordância de segunda pessoa do singular nas classes médias. E isso estaria a representar uma mudança em curso, ainda que o percentual da faixa intermediária seja mais alto do que o atribuído aos informantes com vida mais longa. De fato, o percentual associado à faixa dos 26 aos 49 anos deveria ser menor que 18 %; por estar bem acima disso, entretanto, pode significar, talvez, um ou mais outros fatores (inclusive lingüísticos) agindo concomitantemente. Na faixa que vai dos 16 aos 25 anos – que na classe média-alta do VarX é formada em sua maioria por estudantes – parece não existir ainda essa pressão.

Para a classe média-baixa, a ilustração apresenta um efeito diverso do associado à classe média-alta. Mas, evidentemente, esses resultados podem ser um mero efeito da amostra e, eventualmente, podem não corresponder à realidade a que se propõem representar. Desse modo, a faixa etária entre 16 e 25, apresentou percentual de 4 %; na faixa entre 26 e 49 anos, o percentual foi equivalente a 3 % e na faixa dos que têm mais de 50 anos, o índice foi de 16 %. Esse decréscimo abrupto na faixa intermediária pode eventualmente significar que as pessoas dessa classe não sejam alvo das mesmas pressões que parecem ser dirigidas à classe mais alta pelo

mercado de trabalho. Mas também pode indicar o momento em que as pessoas dessa classe diminuíram a resistência à aplicação de concordância.

Com relação à classe baixa, todos os resultados estiveram sempre na casa dos 4 %. Por esse motivo, é possível que isso seja um indício de que, para essa classe, a variação está estagnada há tanto tempo que não foi captado pela amostra o momento final de sua desaceleração.

O que está apresentado na ilustração acima é importante porque indica que – para além da postulação de Labov (1966) de que os indivíduos nas classes sociais utilizam um índice percentual comum do mesmo fenômeno – os processos de aceleração e desaceleração da mudança estão condicionados ao tempo determinado pela classe, e isso está em conformidade com o que está posto à página 52. Nesse sentido, é possível se pensar que a variação e a mudança lingüística (em especial a da marca de segunda pessoa do singular) respeitam a direção apontada pela comunidade de fala, mas a velocidade da mudança é determinada por cada uma das classes sociais.

Considerando-se que a diferença de idade entre o informante mais novo e o mais velho no VarX é de mais de setenta anos, a taxa de 4 % atribuída à classe baixa em todo esse período pode ser um indício de que forças de inovação e conservação atuam em conjunto na comunidade, como propôs Zilles (1999a). Assim, a tendência ditada pela comunidade pelotense de fala seria a de perda de marcas de concordância, mas a velocidade dessa mudança estaria sendo determinada pelo grau de resistência à inovação que age com maior intensidade na classe média-alta. Na classe baixa, como há muito tempo as forças que pressionam no sentido da conservação de marcas de segunda pessoa do singular têm a mesma intensidade das forças inovadoras, o percentual resulta estável. E isso pode ser um importante indício de que é uma ‘mudança de baixo para cima’, conforme menção anterior (p. 36).

Ainda pode ser observado na faixa de 16 a 25 anos – na Ilustração 17 –

que não parecem existir diferenças significativas entre as classes sociais (todas abaixo de 4 % de aplicação de concordância). Isso pode ser um indício de que pessoas nessa faixa etária não atribuem (ou, não atribuem ainda) valor de distinção entre classes à marca de concordância de segunda pessoa do singular.

4.2.2.4.4 *As rodadas especiais com o cruzamento de 'classe social' e 'gênero'*

A Ilustração 18, abaixo, contém os percentuais correspondentes ao cruzamento dos grupos de fatores 'classe social' e 'gênero'. Está demonstrado que, em todas as classes sociais, as mulheres da amostra utilizam mais concordância do que os homens. Também, que são as mulheres da classe média-alta (17 %) que mais resistem à mudança aqui estudada. Aos homens de todas as classes foram atribuídos percentuais iguais ou inferiores à média geral de 7 %.

Eu gostaria de destacar que nenhum dos quinze informantes masculinos da classe baixa do VarX utilizou marca de concordância. Isso pode ser indício de uma diferenciação entre os perfis masculinos. Como se os homens da classe baixa atribuíssem à marca de concordância de segunda pessoa do singular um valor social distintivo de gêneros do seguinte modo: marca de concordância é 'coisa de mulher', não é 'coisa de homem'. Isso está em consonância com a literatura, em que se têm várias referências (entre elas: Haeri, 1995; Horvath, 1985; Guy et al., 1986) a uma ocasional associação, pelos homens das classes mais baixas, entre 'variedades de fala com marcas prestigiadas' (normalmente valorizadas pelas mulheres) e 'efeminação'.

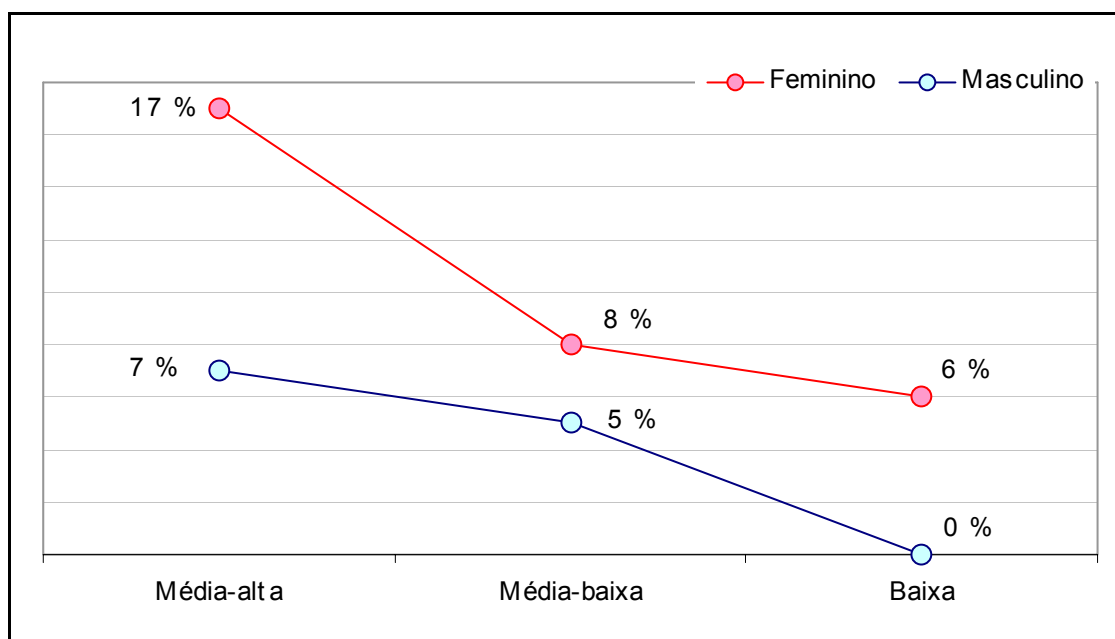


ILUSTRAÇÃO 18 – Percentuais de aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular por classe social e gênero

Assim, a ilustração está a demonstrar que, embora esteja marcada a diferença entre gêneros, nas classes médias contempladas pela amostra o padrão de concordância masculino se aproxima mais da média feminina. E isso poderia ser um indício de que o que ocorre é uma distinção meramente cultural entre masculino e feminino, sobretudo na classe baixa.

4.2.2.4.5 *As rodadas especiais com cinco classes sociais*

O VarX foi estruturado de modo a permitir a divisão do conjunto dos noventa informantes em cinco classes sociais. Entretanto, em cada uma dessas classes já não é possível que se mantenha o mesmo número de informantes. Então, para se garantir um número de informantes por célula próximo ao que propõe Labov, optei por reduzir as faixas etárias a duas. Além dos testes de significância, os resultados apresentados anteriormente, com seis faixas etárias, parecem autorizar uma reestruturação dos fatores para uma faixa com os informantes entre dezesseis e trinta-

e-sete anos e outra com informantes com trinta-e-oito anos ou mais – os que mais aplicaram concordância. Assim, os dados de fala dos noventa informantes (distribuídos em cinco classes sociais, duas faixas etárias e dois gêneros) estão alocados em vinte células de 4,5 informantes em média.

Então, essa subdivisão em cinco classes sociais, como está demonstrado pela Ilustração 19, faz com que na:

classe 'média-alta' estejam alocados os 19 informantes com maior capital acumulado, pois todos moram no *centro*, têm escolaridade *superior*, possuem ocupação *intelectual*, têm renda familiar entre 2 e 10 mil reais (média de R\$ 4.593,33);

classe 'média' estejam alocados 17 informantes, dos quais 65 % moram no *centro*, 65 % têm curso *superior*, 53 % possuem ocupação *técnica*, têm renda entre 800 e 3 mil reais (média de R\$ 1.623,06);

classe 'média-baixa' estejam alocados 18 informantes, todos moradores da *periferia*, e com escolaridade *média*, 61 % têm ocupação *técnica*, têm renda familiar entre 400 e mil reais (média de R\$ 702,50);

classe 'baixa' estejam alocados 17 informantes, dos quais 65 % moram no *arrabalde*, 65 % têm curso *fundamental*, 65 % possuem ocupação *manual*, têm renda familiar entre 300 e 600 reais (média de R\$ 519,17);

classe 'ALP' (abaixo da linha de pobreza) estejam alocados os 19 informantes com menor capital acumulado, pois todos moram no *arrabalde*, têm escolaridade *fundamental incompleta* (16 % eram analfabetos ou semi-analfabetos), possuem ocupação *manual*, têm renda familiar entre 150 e 400 reais (média de R\$ 341,40).

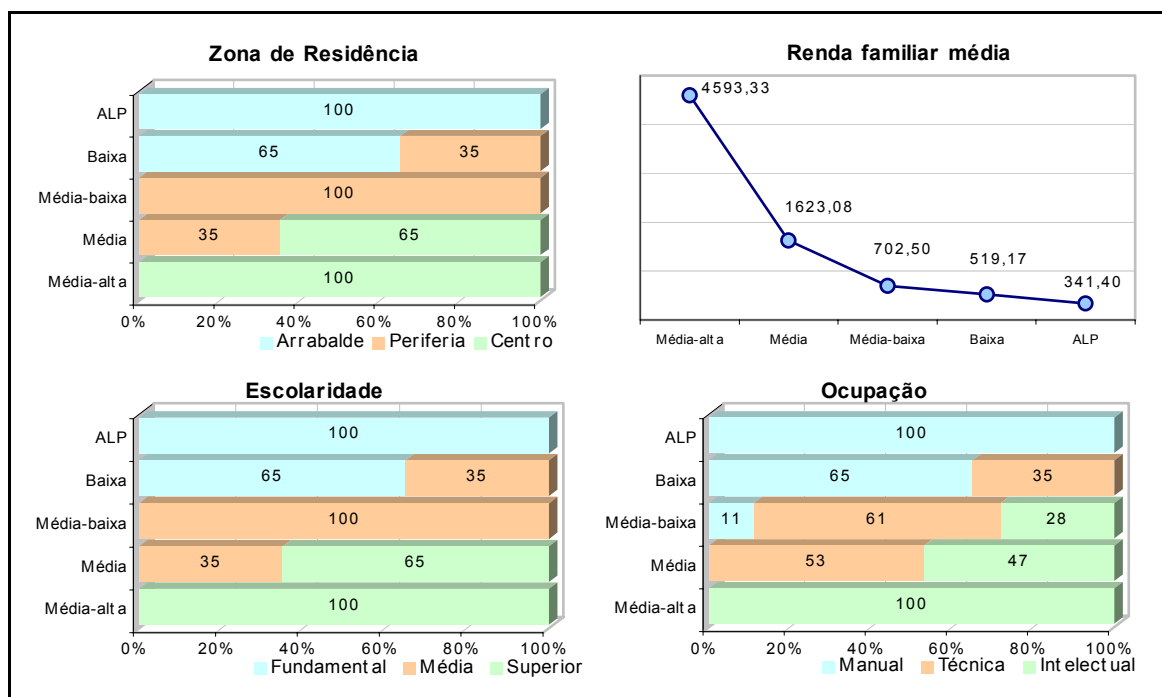


ILUSTRAÇÃO 19 – Características socioeconômicas dos informantes do VarX quando divididos em 5 classes sociais

A Tabela 17 contém a descrição das variáveis e dos fatores selecionados como relevantes pelo Varbrul, apresentados na ordem de seleção. A primeira variável a ser selecionada foi 'saliência fônica'. O fator que recebeu o maior peso relativo (0,82) foi justamente o que possuía mais saliência, ou seja, '-ste'. Depois dele, o fator que continha o morfema '-s' em verbos auxiliares, com 0,69. O morfema '-es', o segundo mais saliente, recebeu peso de 0,55 (o terceiro mais importante, o que contraria a lógica da saliência fônica já comentada anteriormente). O segundo grupo de fatores a ser selecionado foi faixa etária. O fator que recebeu valor acima do ponto neutro foi a faixa mais alta (acima de 38 anos) e cujo peso relativo foi 0,68. Do grupo de fatores 'posição do sujeito', destacou-se o fator que representa a ausência do pronome-sujeito na posição pré-verbal. O peso relativo que lhe foi atribuído foi de 0,85. O quarto grupo de fatores a ser selecionado foi 'classe social'. Seus resultados serão descritos abaixo, com base nos resultados expressos na Ilustração 20. A quinta variável selecionada foi

'discurso reportado'. O fator que mais favoreceu a aplicação de concordância foi, mais uma vez, o que representava a interação informante e entrevistador, isto é, quando o entrevistado se dirigia ao entrevistador. O peso relativo foi de 0,74. O sexto grupo de fatores selecionado foi 'gênero', em virtude de as mulheres terem aplicado, em média, o dobro de concordância do que os homens. O peso relativo atribuído ao gênero feminino foi de 0,57. A variável 'tipo de sentença' foi a sétima a ser escolhida. Mais uma vez o fator 'interrogativa' foi selecionado como relevante. O peso relativo atribuído ao papel das interrogativas no processo de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular foi de 0,68. Além destas, as frases exclamativas obtiveram peso relativo de 0,63. Por fim, a oitava variável a ser selecionada foi a que visava a controlar o papel da simetria das relações expostas pela produção oral do falante. O fator selecionado corresponde à expectativa de que quando o sujeito da fala está em posição superior, tende a usar mais marcas prestigiadas, no caso específico deste trabalho, mais marca de concordância. Neste caso, houve 0,58 de peso relativo. Com relação a esta variável, foram codificados apenas 232 dados (dos quais, 37 casos eram de manutenção de concordância).

TABELA 17 – A concordância de segunda pessoa do singular no VarX (Pelotas) e as variáveis e fatores por ordem de seleção pelo Varbrul na rodada com cinco classes sociais (aplicações, total de ocorrências, percentuais e pesos relativos)

<i>Variáveis</i>	<i>Fatores</i>	<i>Aplicação / Ocorrências</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
1 <i>Saliência fônica</i>	-ste	41 / 148	28 %	<u>0,82</u>
	-s (auxiliar)	43 / 390	11 %	<u>0,69</u>
	-es	20 / 279	7 %	0,55
	-s	53 / 1313	4 %	0,39
2 <i>Faixa etária</i>	38 anos ou +	109 / 819	13 %	<u>0,68</u>
	– de 37 anos	48 / 1311	4 %	0,38

3 <i>Posição do sujeito</i>	Ausente	32 / 111	29 %	<u>0,85</u>
	'tu' contíguo	106 / 1572	7 %	0,52
	'tu' c/ material	19 / 413	5 %	0,34
4 <i>Classe social</i>	Média-alta	51 / 439	12 %	<u>0,69</u>
	Média	31 / 373	8 %	<u>0,61</u>
	Média-baixa	41 / 630	7 %	0,53
	Baixa	17 / 269	6 %	0,35
	ALP	17 / 419	4 %	0,26
5 <i>Discurso reportado</i>	Interação	39 / 169	23 %	<u>0,74</u>
	pessoa não-próxima	34 / 365	9 %	0,49
	'tu' genérico	60 / 1268	5 %	0,49
	pessoa próxima	24 / 328	7 %	0,42
6 <i>Gênero</i>	Feminino	112 / 1146	10 %	0,57
	Masculino	45 / 984	5 %	0,42
7 <i>Tipo de sentença</i>	Interrogativa	46 / 208	22 %	<u>0,68</u>
	Exclamativa	8 / 52	15 %	<u>0,63</u>
	Declarativa	103 / 1870	6 %	0,48
8 <i>Simetria</i>	Superioridade	26 / 145	18 %	<u>0,60</u>
	Simétrica	14 / 112	13 %	0,37

Desse modo, é possível concluir, existem contextos lingüísticos que favorecem a aplicação de concordância, como já foi anteriormente comentado. Então, quando o verbo de uma frase interrogativa está no pretérito perfeito e recebe o morfema mais saliente (-ste), e é expresso sem a utilização de pronome-sujeito, as chances de aplicação de concordância são bastante altas (97 %). Se, além disso, representar uma situação de assimetria em que o sujeito da fala está em posição superior a quem a pergunta é dirigida, então, a marca de concordância é mais percebida (e provavelmente mais retida) ainda. O trecho abaixo exemplifica muito bem essa posição.

“Segunda-feira, quando eu cheguei no serviço, o patrão me perguntou: ‘Visse um dinheiro?’ E eu: ‘Não, não vi!’ E aí a patroa chegou e perguntou: ‘Visse um dinheiro?’ ‘Não, não vi!’ Aí ele me chamou de novo: ‘Mas como que tu não viu um dinheiro que...’ (VarX 63, cód. 59)”.

Isto posto, os percentuais e pesos relativos associados às cinco classes estão demonstrados na Ilustração 20. A classe média-alta obteve doze por cento de aplicação e peso relativo de 0,69. Para a classe média, houve oito por cento de

aplicação de concordância, com peso relativo de 0,61. A aplicação de concordância associada à classe média-baixa foi de sete por cento e o peso relativo foi de 0,53 (muito próximo do ponto neutro). A classe baixa e a classe ALP receberam valores inferiores a esse ponto neutro, respectivamente, com seis e quatro por cento e pesos relativos de 0,35 e de 0,26. Esses resultados (se correspondem à realidade lingüística pelotense) estão a demonstrar que são os informantes das classes aqui definidas como 'média-alta' e 'média' os que mais aplicam concordância de segunda pessoa do singular.

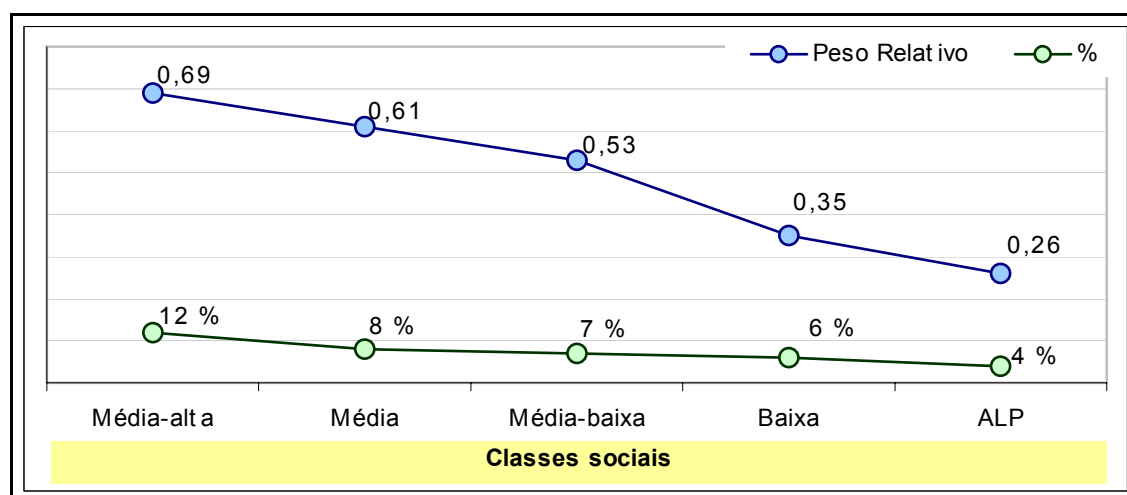


ILUSTRAÇÃO 20 – Percentuais e pesos relativos de aplicação de concordância em cinco classes sociais

Essa estratificação social assim dimensionada, se associada aos resultados atribuídos à análise das seis faixas etárias (de um decréscimo da taxa de concordância com o passar do tempo), aponta para uma mudança de baixo para cima: quanto mais baixa a classe social, menor a taxa de concordância (*cf.* p. 36).

É importante anotar, por fim, que o VarX é mais adequado do que o BDS Pampa para explicar o fenômeno de concordância de segunda pessoa do singular porque permite uma estratificação social mais ampla, já que ficou demonstrado que a taxa de uso de marcas varia de acordo com a classe social do informante.

5 A CONCLUSÃO

“When I attended public schools in Philadelphia and Los Angeles the majority of my teachers, most of whom were white, devalued street speech and equated vernacular African American English with low intelligence. Despite all that is known to the contrary, many of the same racial and linguistic stereotypes persist among teachers, and our new studies in hospitals and court rooms find similar evidence among doctors, lawyers, and judges, especially with regard to poorer citizens in urban or rural communities.”

John Baugh⁹²

A análise que foi levada a termo esboçou uma série de evidências relacionadas à concordância verbal de segunda pessoa do singular. São evidências baseadas em percentuais e pesos relativos propostos sempre a partir de, no mínimo, dois por cento da amostra retirada do VarX (pois foram evitadas suposições sobre dados com menos de quarenta-e-duas ocorrências do fenômeno aqui estudado). Eu buscava, assim agindo, diminuir os efeitos de possíveis inadequações de representatividade da amostra.

A presente análise contém limitações impostas seja pela natureza do VarX, que não favorece o uso de formas de referência à segunda pessoa do singular, seja pela metodologia utilizada, seja pela delimitação do assunto. Julgo que ainda é necessário um estudo sistematizado de questões relativas à mobilidade social em Pelotas. Também é de suma importância que se estude com profundidade a comunidade comparando a fala de descendentes de africanos, pomeranos e lusitanos. É importante, também, que se façam análises lingüísticas por indivíduos. Outro

⁹² Baugh, 1995, p.416.

aspecto a ser estudado é o dos papéis masculino e feminino em relação à estratificação social pelotense. Também, um estudo mais sistematizado e aprofundado de 'simetria-assimetria', aqui apresentada apenas com base em papéis e relações sociais e com poucos dados. Além disso, é necessária uma análise qualitativa das relações espontâneas. É desejável também que se teste estatisticamente as correlações das variáveis sociais com os outros indicadores do questionário. Por fim, julgo necessário um estudo sistematizado dos marcadores discursivos.

Os resultados seguem o caminho apontado pela maioria das hipóteses que nortearam este trabalho. Segundo os dados do VarX, a concordância de segunda pessoa do singular é variável e a utilização de 'você' é quase nula em Pelotas (foram encontrados apenas dois casos na amostra). As condições sociais de produção do discurso dos informantes interferem nessa variação, sobretudo, em virtude de uma melhor situação econômica, educacional e ocupacional, mas também em virtude de o informante ter nascido em família que utiliza uma variedade de fala prestigiada na comunidade e do tempo de exposição à 'língua da escola'. Além desses, também, as hipóteses de que pessoas mais velhas e mulheres utilizam mais marcas de segunda pessoa do singular encontram respaldo nos resultados.

A concordância de segunda pessoa do singular está igualmente associada a condicionadores lingüísticos. E isso segue a direção apontada pelas hipóteses que sugeriam uma maior taxa de retenção de marcas nos discursos reportados, nas interlocuções com o entrevistador, nos morfemas com mais material fônico, nos casos em que o pronome-sujeito não está expresso e nas frases interrogativas.

Parece haver evidências suficientes de que, em virtude do alto índice de preenchimento do sujeito com forma pronominal de segunda pessoa do singular (93 %), o fenômeno da concordância de segunda pessoa do singular é consoante com a idéia de que há uma regularização do paradigma verbal em curso na direção de uma redução do número de desinências número-pessoais. Também parece haver relação

entre aplicação de concordância verbal de segunda pessoa do singular e características formais como quantidade de material fônico, tonicidade e ‘função de verbo auxiliar’ e algumas ‘formas muito utilizadas’: o mais importante desses fatores é o que contém o morfema ‘-ste’ (ou sua variante -sse). Outros fatores parecem contribuir para a ocorrência do fenômeno aqui focalizado e correspondem à interação entrevistado-entrevistador e a discursos reportados de pessoas não-próximas em que estão envolvidas relações assimétricas. Por fim, há evidências de que a atribuição da marca de segunda pessoa do singular é bastante mais freqüente em orações interrogativas.

Também foi possível verificar a adequação da tese levantada por Guy (1987), de que o comportamento e a estruturação das classes sociais em sociedades industrializadas e em não-industrializadas é diferente, porque economias complexas tendem a impor maior estratificação social.

Dentre os mais importantes indícios surgidos na análise está o de que a concordância de segunda pessoa do singular seja vista por setores da comunidade como símbolo lingüístico de prestígio social. Isso significa dizer, segundo os resultados, que as pessoas com mais de vinte-e-seis anos, com escolaridade e nível de renda altos, parecem atribuir à marca de segunda pessoa do singular um valor de distinção social, que contribui para demarcá-las como diferentes das pessoas mais pobres da comunidade.

Entretanto, eu suponho, não chega a ser um ‘marcador de classe’, pelo menos nos termos defendidos por Chambers (1995, p. 48):

“Os indivíduos que ascendem socialmente, saltando uma ou duas classes da de seus pais, quase sempre se entrincheiram em sua nova classe o mais possível em lugar de tentar manter relações em duas classes. Vários estereótipos estão associados com a mobilidade para cima: pessoas que ascendem devem ser ‘classeadas’, dependendo de quem as julga (...) Esses estereótipos sugerem o desconforto que pode estar envolvido no rompimento de barreiras sociais e, por extensão, eles devem funcionar como restrições moderadas ou pressões sociais vagas para manter as pessoas em ‘seus devidos lugares’”.

Primeiramente porque o percentual de aplicação é relativamente baixo. Em segundo lugar, porque os jovens de todas as classes não parecem ver estigma associado a essa concordância. Também porque, embora neste momento ainda represente distinção social, todos os resultados apontam para um decréscimo constante da aplicação de concordância. Assim, parece pouco provável uma inversão nessa tendência de mudança, a menos que tal capacidade de distinção entre classes seja cada vez mais percebida pelas classes dominantes.

Desse modo, o uso da marca de segunda pessoa do singular em Pelotas pelas classes mais altas parece ter 'prestígio aberto' e, além disso, parece ter valor simbólico de poder social. Em sentido inverso, o não-uso dessa marca por todas as classes parece ter 'prestígio encoberto', uma vez que todos aderem em grau bem alto e não há indícios de estigma associado a sua não-utilização. E isso pode se configurar como uma das razões para a aplicação de concordância apresentar baixo índice percentual e declinante: uma mudança em curso quase consolidada.

Os resultados indicam que é possível que tenha havido uma desaceleração maior da aplicação de concordância de segunda pessoa do singular há cerca de quarenta anos (digo isso com base nas Ilustrações 14, 15 e 16). A história recente do município contém eventos ou fatos marcantes que podem ter contribuído para essa desaceleração. Talvez a instauração de duas universidades entre 1957 e 1960 e a conseqüente atração de estudantes de várias partes do sul do país possa ter provocado mudanças nos valores sociais e, de algum modo, contribuído para o aumento da perda de marcas de concordância. Talvez a pavimentação de rodovias a partir de 1957⁹³ e o conseqüente aumento de trânsito de veículos e de linhas de

⁹³ Antes da construção da ponte sobre o Rio Guaíba e da pavimentação da estrada até Porto Alegre, o meio de transporte preferencial à capital gaúcha era o aéreo (pela Varig ou Cruzeiro do Sul), já que a viagem rodoviária durava em média dez horas e impunha a transposição em balsa dos rios Camaquã e Guaíba.

ônibus para Porto Alegre⁹⁴ tenham, de alguma maneira colocado em contato mais próximo os modos de falar entre uma e outra cidade. Talvez a democratização do ensino que deu acesso à escola às classes populares e, para atender tamanha demanda, a conseqüente formação de professores com dialeto materno popular tenham aumentado a instabilidade da aplicação de marcas de segunda pessoa do singular. Talvez, ainda que pouco provável, a expansão dos sinais de rádios e TVs da capital a partir de 1964 tenha dado aos pelotenses maior conhecimento (passivo) dos usos lingüísticos de Porto Alegre. Talvez a desaceleração do processo de industrialização verificado nos últimos trinta anos tenha relação com a desaceleração da aplicação de marcas de concordância em virtude, talvez, de uma possível re-‘orientação’ à capital.

A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas, em seu uso mais formal, segundo dados do VarX, parece ser também um fenômeno sensível à pressão do mercado de trabalho. Isso é particularmente visível para as mulheres de classe média-alta entre 20 e 49 anos. Provavelmente, além das pressões do mercado de trabalho, o exercício da maternidade e a necessidade de estabelecer padrões de conduta para os filhos podem tornar o comportamento dessas mulheres mais conservador. Aliás, no presente estudo, o comportamento feminino é sempre mais conservador do que o masculino, como o demonstraram as ilustrações 14, 16 e 18. E esse comportamento é o que talvez explique o maior tempo médio de permanência de informantes femininos na escola: na classe baixa as mulheres estiveram, em média, nove anos na escola (os homens, seis); na classe média-baixa elas estiveram na escola quinze anos em média (eles, onze); na classe média-alta ambos freqüentaram os bancos escolares durante dezessete anos, em média. E, essa dificuldade de

⁹⁴ Estou assumindo – com base em ALTENHOFEN (2002, p. 139) sobre as rotas migratórias dos tropeiros expressas no ALERS – que há quarenta anos a aplicação de concordância em Porto Alegre já era menor do que era então em Pelotas.

adesão dos homens da classe baixa aos valores da cultura erudita e da escola (por estar associada, talvez, a ‘coisa de mulher’) pode ser mais um indício de que os informantes masculinos dessa classe adotam uma postura cultural de valorização das ‘coisas de homem’ com muito mais intensidade do que os de classe média-alta, inclusive a concordância de segunda pessoa do singular.

Mas é inegável que a tendência geral é de perda de marcas de concordância de segunda pessoa do singular motivada socialmente: uma mudança lingüística impulsionada por pressões das massas (classes sociais mais baixas) que encontra resistência em alguma medida nas classes mais altas. *Change from below...*

Em verdade, os resultados alcançados por este trabalho dão suporte às diferentes posturas, adotadas por Labov e Kroch, sobre a ‘direção da mudança’: de-baixo-para-cima ou de-cima-para-baixo, de aceitação da inovação ou de resistência a ela. De acordo com os dados deste trabalho, ao que parece – principalmente quando não existe pressão para o uso padrão – o uso não-padrão de determinada forma não sofre estigma social. Assim, o caminho a ser percorrido é o da perda da marca de concordância (a força inovadora). Entretanto, se forças conservadoras entrarem em ação (e levarem a comunidade de fala ou um de seus estratos a adquirir consciência da variação), poderá se instaurar um processo de elevação da intensidade dessa força reguladora na direção da estabilização do fenômeno (digo isso inspirado em Paredes Silva (1996) sobre a revitalização do ‘tu’ no dialeto carioca). Estas forças são, pois, ‘forças reguladoras’ e são elas que garantem a estratificação social nos termos propostos por Labov (1966) ao defender que cada classe utiliza percentuais diferentes de fenômenos lingüísticos variáveis. No tocante à concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas, essas forças conservadoras (ou reguladoras) são exercidas (a) pelas pessoas com idades mais elevadas, (b) pelas classes com maior capital social acumulado e (c) pelas mulheres.

Na ‘classe baixa’, não é o que acontece. Os trinta informantes mais pobres

do VarX utilizam percentual baixíssimo de concordância (4 %, em média) em todas as faixas etárias (portanto, há muito tempo). Isso é um indício de que a tendência decrescente de perda de marcas de segunda pessoa do singular verificada nas classes médias não se repete na classe baixa, que apresenta uma situação de estabilidade. Uma visão dura desse fenômeno poderia indicar que em algum momento num futuro próximo essas linhas se cruzariam e os mais pobres passariam a utilizar mais marcas de concordância do que as outras classes. Nada nos resultados, todavia, dá credibilidade a isso. Ao contrário, tudo indica que as 'forças reguladoras' estão atuando em intensidade suficiente apenas para harmonizar as taxas de concordância. Nas classes médias, a pressão dessas forças associada ao baixíssimo nível de estigma social poderá conduzir – eu suponho – à perda total do valor de distinção social das marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular, antes de entrar definitivamente em processo de variação estagnada.

A análise também deixa parecer que a distinção social atribuída à concordância de segunda pessoa do singular é coisa de adulto. Entre todos os adolescentes de 16 a 20 anos e entre os jovens do gênero masculino de 21 a 25 anos não há suspeita da existência de estigma social relacionado a essas marcas lingüísticas. Isso pode reforçar a idéia de que o mercado de trabalho intelectualizado exerce algum tipo de pressão para usos mais formais, uma vez que quem menos apaga a marca de concordância são os que têm ocupação intelectual e, em virtude da necessidade de completar o curso superior, nesse período da vida, ainda não são trabalhadores ativos. Se isso é verdade, pode significar ainda que a pressão exercida pela academia para usos lingüísticos mais formais é menor do que pelo mercado de trabalho.

É corrente na literatura sociolingüística a idéia de que, como temos uma língua materna, também temos uma variedade materna dessa língua: o dialeto materno. Bortoni-Ricardo (1996, p. 790) e Baugh (1995, p. 398), entre outros,

associam o fracasso escolar com a 'distância' entre a língua ensinada na escola e o dialeto materno do aluno: quanto maior a distância, pior o desempenho escolar. Paralelamente, o que está demonstrado neste trabalho é que quanto mais baixas a classe, a escolaridade do informante e a escolaridade dos seus pais, maior é a taxa de apagamento da marca de concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas. Disso pode ser depreendido que o papel desempenhado pela escola ainda é conservador, de regulador da linguagem, por isso exerce pressão para usos mais formais.

Assim, como já está dito anteriormente, com este trabalho de pesquisa, procurei investigar a utilização das marcas de concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais. Os resultados alcançados podem ser resumidos como evidências de que:

- A – a concordância de segunda pessoa do singular se caracteriza como uma regra variável;
- B – o processo existente em Pelotas é o de apagamento da desinência número-pessoal em virtude de uma regularização do paradigma verbal, em que são privilegiadas formas neutras;
- C – o apagamento da marca de segunda pessoa do singular sofre influência de condicionadores lingüísticos;
- C₁ – quando o pronome-sujeito (tu) não está explicitado, são criadas as condições favoráveis à manutenção da marca;
- C₂ – a manutenção da marca é mais freqüente em formas verbais com maior quantidade de material fônico, dependendo da tonicidade e da função de auxiliar do verbo;
- C₃ – a manutenção da marca é mais comum em situações discursivas em que o entrevistador é o alvo da referência de segunda pessoa do singular ou em discursos reportados que envolvem assimetria das

relações;

- C₄ – a manutenção da marca ocorre em maior medida em orações interrogativas, em virtude do seu padrão entonacional;
- D – o apagamento da marca de segunda pessoa do singular sofre influência de condicionadores sociais;
- D₁ – a utilização de marca de segunda pessoa do singular em Pelotas tem prestígio, mas sua não-utilização não sofre estigma;
- D_{1a} – as forças de inovação e conservação atuam em conjunto na comunidade;
- D_{1b} – a cada classe social corresponde um índice percentual médio de retenção da marca de segunda pessoa do singular;
- D_{1c} – a gradação da aplicação de concordância respeita a tendência observada pela hierarquia social, isto é, quanto mais baixa é a classe social, menor é a taxa de concordância;
- D_{1d} – os acontecimentos sócio-históricos dos últimos quarenta anos conduzem possivelmente os cidadãos de Pelotas a uma reorganização de classes em que a ascensão social esteja voltada principalmente para a melhoria do padrão aquisitivo;
- D_{1e} – a melhor configuração da amostra é o indicador ‘renda, patrimônio e zona de residência’ do VarX;
- D_{1f} – os mais favorecidos socialmente (os que têm maior renda e patrimônio, maior escolaridade e ocupação intelectualizada) retêm mais marcas de concordância;
- D_{1g} – quanto maior é o capital social acumulado, maior é o capital lingüístico;
- D_{1h} – a existência distinta por classe social de hábitos de consumo pode

- levar as pessoas de uma classe a se sentirem ‘desconfortáveis’ em situações e contextos sociais com os quais os indivíduos de sua classe não estão familiarizados;
- D_{1i} – a concordância de segunda pessoa do singular se configura como uma ‘mudança de baixo para cima’;
- D_{1j} – as pessoas na faixa etária de 16 a 25 anos não atribuem valor de distinção entre classes à marca de concordância de segunda pessoa do singular;
- D_{1l} – a pressão do mercado de trabalho é para uma maior manutenção de formas de prestígio;
- D_{1m} – uma estratificação social nos moldes de países industrializados, fortemente alicerçada nas profissões dos indivíduos, não é possível;
- D_{1n} – quanto mais baixa é a classe social, mais altos são os índices de avaliação positiva dos vizinhos e, conseqüentemente, de ‘solidariedade local’, isto é, quanto mais pobres são as pessoas, mais intensas e mais solidárias são suas relações na vizinhança;
- D_{1n} – a classe média-alta apresenta uma visão negativa dos seus conterrâneos, ao passo que as classes mais baixas têm uma visão mais positiva;
- D_{1o} – quanto mais baixa é a classe social, pior é a avaliação da fala dos conterrâneos e da própria fala;
- D_{1p} – os indivíduos das classes mais baixas podem estar impregnados pelo discurso do ‘falar *certo* ou *errado*’, de que o modo de falar das classes mais altas é melhor do que o seu próprio;
- D_{1q} – a variação da concordância de segunda pessoa do singular tem valor simbólico importante e contribui para o estabelecimento de distinções

sociais;

D_{1r} – o prestígio da variedade dialetal materna do informante está relacionado à retenção da marca de concordância de segunda pessoa do singular;

D_{1s} – a classe média-alta de Pelotas está orientada para Porto Alegre;

D_{1t} – a variedade de fala pelotense tende a se aproximar cada vez mais da porto-alegrense no que respeita à concordância verbal de segunda pessoa do singular;

D₂ – o fenômeno de apagamento de marcas de concordância de segunda pessoa do singular está em fase de consolidação e se configura como uma mudança lingüística quase completada;

D_{2a} – quanto mais tempo de existência têm as pessoas, menos apagam a marca de segunda pessoa do singular;

D_{2b} – as pessoas com mais de cinquenta anos retêm mais a marca de segunda pessoa do singular;

D_{2c} – a perda da marca de segunda pessoa do singular foi acelerada há cerca de quarenta anos;

D₃ – as mulheres resistem ao processo de apagamento da marca de concordância mais do que os homens;

D_{3a} – as mulheres da classe média-alta são as que mais resistem à mudança lingüística aqui estudada;

D_{3b} – os homens da classe baixa não utilizam marca de concordância de segunda pessoa do singular;

D_{3c} – os homens de até 25 anos de todas as classes compartilham um modo de falar tipicamente masculino, sem marcas de concordância de segunda pessoa do singular;

D_{3d} – a distinção entre masculino e feminino é prioritariamente cultural em

Pelotas;

D_{3e} – os homens da classe baixa podem fazer associação entre ‘marca de segunda pessoa do singular’ e ‘efeminação’.

Em uma comunidade de fala há classes com interesses sociais e econômicos e com manifestações culturais e lingüísticas diferentes. Provavelmente, então, essas classes têm uma visão da realidade e do modo de resolver seus problemas igualmente diferente. E isso gera conflitos e segregações de parte a parte: o patriciado contra a plebe, o supérfluo contra o essencial, o rebuscamento contra a simplicidade, o erudito contra o popular, o formal contra o informal, o purismo contra o vulgarismo.

Em Pelotas, esses modos de ver parecem manter vivo um sistema de classes com baixa mobilidade social – quase um sistema de castas como o que havia há pouco mais de cem anos, no período do escravismo. Tenha-se em vista que o processo de estagnação econômica da região tende a contribuir, em consequência, para a diminuição de oportunidades que permitam a mobilidade social através de distribuição de riqueza e renda. Desse modo, o aumento da escolarização tem sido um dos poucos meios de acesso a gostos, hábitos, *modus vivendi e faciendi* das classes mais altas.

À medida que as classes mais pobres passem a valorizar cada vez mais a cultura letrada e outros bens ofertados pela escola, deverá aumentar a consciência de que a educação e o acesso à informação são os meios possíveis de obter melhores condições de vida em Pelotas. Assim, é provavelmente na escola pública que o indivíduo de poucas posses vê pela primeira vez confrontado seu modo de apreensão do mundo, sua base cultural e lingüística.

Com isso, estou a defender que os conflitos e segregações entre classes

acabam por criar espaços (reais⁹⁵ ou virtuais⁹⁶) onde os indivíduos de uma classe se sintam bem, mas são 'desconfortáveis' aos de outras classes. São espaços cheios de portas-trancadas cujas chaves são dadas somente aos iguais. São espaços onde quase não há conflito motivado por diferenças sociais. A concordância de segunda pessoa do singular ainda está a contribuir para a construção desses espaços.

⁹⁵ Uma lanchonete, um clube, uma boate, um bar noturno, uma loja, um *shopping center*.

⁹⁶ Um tipo de esporte, um tipo de música, um tipo de filme, uma variedade de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENHOFEN, C. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do hunsrückisch no Rio Grande do Sul. In: *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n.18, p.17-26, 1998.
- _____. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. (org) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas : Educat, 2002. p. 115-145.
- AMARAL, L. *A concordância verbal variável na 2ª pessoa do singular em Pelotas*. Porto Alegre : UFRGS, 2000. (mimeo)
- _____. *A criação de formulários no Microsoft Access para codificação de dados sociolingüísticos*. Pelotas : UFPel, 2000a. (mimeo)
- _____. *Varbwin: Varbrul através do windows*. Pelotas : UFPel, 2001. (Programa de computador)
- _____. A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos lingüísticos. In: VANDRESEN, P. (org) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas : Educat, 2002. p. 47-67.
- AMARAL, L. et al. Aplicação de desinência número-pessoal na 2ª pessoa do singular em Tavares, RS. *ENCONTRO DO CELSUL*, 3, Porto Alegre : PUCRS, 1999.
- BAUGH, J. Dimensions of a Theory of Econolinguistics. In: GUY, G. et al (eds) *Towards a Social Science of Language*. v.1. Philadelphia : John Benjamins, 1995. p. 101-14.
- BAXTER, A. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.14, p. 72-90, 1995.
- BISOL, L. Harmonização vocálica na fala culta: dados do projeto NURC. *D.E.L.T.A.*, v.4, n.1, p. 1-20, 1988
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Nova Iorque : Holt, Rinehart & Winston, 1962. (© 1933)
- BOLETIM INFORMATIVO DO BANCO DE DADOS DA ZONA SUL. Pelotas : Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria (ITEPA/UCPel), n.12, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge : Cambridge University, 1985.
- _____. Tem a Sociolingüística uma efetiva contribuição a dar à Educação? In: ZILLES,

- A.M. (org.) *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre : UFRGS. p. 787-794. (no prelo)
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo : Edusp, 1996
- BRAGA, M. L. Construção de tópico de discurso. In: *Relatório final de pesquisa: Projeto subsídios do Projeto Censo à educação*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1986.
- CAMARA JR, J.M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 3.ed. Petrópolis : Vozes, 1972.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis : Padrão, 1976.
- CAMERON, R. Ambiguous agreement, functional compensation, and nonspecific tú in the Spanish of San Juan, Puerto Rico, and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, Cambridge, n.5, p. 305-334, 1994.
- CHAMBERS, J. *Sociolinguistic Theory: Linguistic variation and its social significance*. Cambridge : Blackwell, 1995.
- ECKERT, P. The hole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*, Cambridge, n.1, p. 245-67, 1989.
- _____. (ay) Goes to the city: exploring the expressive use of variation. In: GUY, G. et al (eds) *Towards a Social Science of Language*. v.1. Philadelphia : John Benjamins, 1995. p. 101-14.
- GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, 1981, 391p. Tese (Doutorado em Lingüística), University of Pennsylvania, 1981.
- _____. Language and social class. *Linguistics: The Cambridge survey*, v. 4, p. 37-63, 1987.
- _____. The quantitative analysis of linguistic variation. *American Dialect Research*, Philadelphia, 1993.
- _____. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. *Organon*, Porto Alegre, n. 28, p.17-32, 2000.
- GUY, G. & BRAGA, M. L. Number concordance in Brazilian Portuguese. In: ANNUAL CONFERENCE ON NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION, 5, 1976, Georgetown. *Paper...* Georgetown University, 1976.
- GUY, G. et al. An intonational change in progress in Australian English. *Language in Society*, Cambridge, n.15, p. 23-52, 1986.
- GRYNER, H. *Variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1990. Tese (Doutorado em Lingüística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.
- HAERI, N. "Why do women do this?" Sex and gender differences in speech. In: GUY, G. et al (eds) *Towards a Social Science of Language*. v.1. Philadelphia : John Benjamins, 1995. p. 101-14

- HAUSEN, T. *Concordância verbal variável do pronome "tu" no interior do Estado de Santa Catarina*. Curitiba : UFPR, 2000, 121p. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2000.
- HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (ed.) *Syntax and semantics: discourse and syntax*. Nova Iorque : Academic, 1979.
- HORVATH, B. *Variation in Australian English: the sociolects of Sydney*. Cambridge : Cambridge University Press, 1985.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 1991*.
 _____. *Censo 2000*.
- KROCH, A. Toward a theory of social dialect variation. *Language in Society*, Cambridge, n.7, p.17-36,1976.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC : Center for Applied Linguistic, 1966.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972
- _____. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. *The design of a sociolinguistic research project*. SOCIOLINGUISTIC WORKSHOP. Mysore, Índia : Central Institute of Indian Languages, 1972b.
- _____. *Field methods used by the project on linguistic change & variation*. Philadelphia : University of Pennsylvania, 1973.
- LABOV, W. The study of language in its social context. In: PRIDE, J.B. & HOLMES, J. (eds.) *Social Linguistics*. Harmondsworth : Penguin, 1974. (p. 180-202).
- _____. Language structure and social structure. *Conference on qualitative and quantitative approaches to social theory*. Chicago, 1983.
- _____. *Principios del Cambio Lingüístico: factores internos*. Madrid : Gredos, 1996.
- LE PAGE, R. B. & TABOURET KELLER, A. *Acts of identity: creole-based approaches to language and ethnicity*. Londres : Cambridge University Press, 1985.
- LEMLE, M. & NARO, A. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro, MOBRAL, 1977.
- MILROY, L. *Language and Social Network*. Oxford : Basil Blackwell, 1980.
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com pronome tu na fala do Sul do Brasil*. Florianópolis : UFSC, 1996, 121p. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- MACAULAY, R. Social class and language in Glasgow. *Language in society*. Cambridge, n.5, p. 173-188, 1976.

- MENON, O. & LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (org) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas : Educat, 2002. p. 147-188.
- MOREIRA, I. *O espaço rio-grandense*. São Paulo : Ática, 1997.
- NARO, A. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981.
- NARO, A. & LEMLE, M. Syntactic Diffusion. In: PARASESSION ON DIACHRONIC SYNTAX, 1976, Chicago. *Anais...* Chicago : Chicago Linguistic Society, 1976.
- OSÓRIO, F. *A cidade de Pelotas*. 2.ed. Porto Alegre : Globo, 1962.
- PAREDES SILVA, V. L. A variação você/tu na fala carioca. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL, 1, 1996, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre : UFRGS. (no prelo)
- POLLÁN, C. The expression of pragmatic values by means of verbal morphology: a variationist study. *Language Variation and Change*. Cambridge, n.13, p.59-89, 2001.
- POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (ed.) *Locating language in time and space*. Philadelphia : University of Pennsylvania, 1980. p.55-67.
- RIBEIRO, L. *Pelotas*. Pelotas : UFPel, 1998.
- ROBINS, R.H. *Lingüística geral*. Porto Alegre : Globo, 1981.
- SAPIR, E. *Language*. Nova Iorque : Harcourt, Brace & World, 1949. (© 1921)
- SCHERRE, M. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, Porto Alegre, n.18, p. 52-70, 1991.
- _____. Regularidades na concordância de número no português falado em quatro regiões do Brasil. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL, 1, 1996, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre : UFRGS. (no prelo)
- _____. Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*. Cambridge, n.13, p.91-107, 2001.
- SCHERRE, M. & NARO, A. Making in discourse: birds of a feather. *Linguistic Variation and Change*. Cambridge, n.3, p.23-32, 1991.
- _____. Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* São Paulo, n.9, p.1-14, 1993.
- SEARLE, J. *Os actos de fala*. Coimbra : Almedina, 1984.
- TRUDGILL, P. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge : Cambridge University Press, 1974.

_____. Social differentiation of English in Norwich. In: COUPLAND, N. & JAWORSKI, A. (Eds) *Sociolinguistics: a reader and coursebook*. Nova Iorque : St. Martin's Press, 1997.

BANCO DE DADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIÁVEIS POR CLASSE SOCIAL – VarX. Pelotas : UFPel, 2001.

ZILLES, A.M. Algumas características do português falado do Brasil. In: GUEDES, P. *Português e Cidadania*. Porto Alegre : PMPA/SMED, 1999. p.88-107.

_____. *Variação em português: classes sociais*. Porto Alegre : UFRGS, 10.dezembro.1999. 3 cassetes (60 min): sonoro, mono.

ZILLES, M. et al. A concordância verbal com primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, n. 28, p.195-219, 2000.

ZILLES, A.M. & FARACO, C .A. Considerações sobre o discurso reportado em corpus de língua oral. In: VANDRESEN, P. (org) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas : Educat, 2002. p. 15-46.

ANEXO

Anexo 1

IMPORTANTE: Antes de preencher o questionário, saber: (1) se é nascido no bairro (2) se morou até 18 anos no bairro (3) se os pais nasceram na cidade; (4) idade; (5) escolaridade

Local da coleta (rua, bairro)

QUESTIONÁRIO PRÉVIO

1. Nome:	2. Idade:	3. Sexo: <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F
4. Profissão:	5. Ocupação:	
6. Tu tá satisfeito com o teu trabalho? (se <i>não</i> : Por quê?)		
7. Tu gostaria de exercer outra profissão? Qual?		
8. Tu participa de associação de classe (líder)?	Qual?	Função:
9. Escolaridade?	10. Quanto tempo tu teve na escola?	
11. Escolaridade dos pais?	12. Escolaridade dos filhos?	
13. Tu gostas de ler? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	14. O que lê? (frequência)	
15. Tu gosta de morar aqui (nesta cidade)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	16. Moras há muito tempo nesse bairro? _____ anos	
17. Tu gostas deste bairro? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	18. As pessoas aqui são legais? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
19. Em que cidade tu gostaria de morar?		
20. Tu conhece alguém aqui deste bairro que sabe contar histórias? (nome, endereço ou telefone)		
21. Tu admiras alguma pessoa por ela ser comunicativa ou ter influência sobre os outros? (nome, endereço ou telefone)		
22. Na tua opinião, como é a maioria dos pelotenses? <input type="checkbox"/> avaliação positiva (+) <input type="checkbox"/> avaliação negativa (-)		
23. Principal característica dos pelotenses? (qualidade ou defeito)		
24. Na tua opinião como são os portoalegrenses? <input type="checkbox"/> (+) <input type="checkbox"/> (-)		
25. Como é a fala dos pelotenses em relação à dos portoalegrenses? <input type="checkbox"/> (+) <input type="checkbox"/> (-)		
26. Fazes compras aqui (nesta cidade)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não (se <i>não</i> : em que cidade compras?)		
27. Onde compras alimentos?	28. Em que loja compras roupas?	
29. As roupas são caras nessa loja? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	30. Onde fica essa loja, é aqui no bairro? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
31. Tem automóvel na família? (ano)	32. Tens telefone? (fixo, celular) <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
33. Tens empregada mensalista (casa)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	34. Qual é a renda da família? (aproximada)	
35. Atividade social ou de lazer preferida:	36. Locais que frequenta (clube, boate...)	
Entrevistador: _____ Informante de dialeto: <input type="checkbox"/> Popular <input type="checkbox"/> Culto		
Para os padrões do bairro, a moradia é: <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Igual <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Péssima		
Para os padrões da cidade, a loja de roupas é: <input type="checkbox"/> Alto padrão <input type="checkbox"/> Normal <input type="checkbox"/> Baixo padrão		
Obs.:		